



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
(UNIRIO)

**MARIANA SOUZA DO REGO**

**PERFORMANDO A MULHER-MÃE:  
MINHA CARTOGRAFIA DA GESTAÇÃO AO PUERPÉRIO**

RIO DE JANEIRO  
2022



MARIANA SOUZA DO REGO

**PERFORMANDO A MULHER-MÃE:  
MINHA CARTOGRAFIA DA GESTAÇÃO AO PUERPÉRIO**

**Dissertação** apresentada ao programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UNIRIO como requisito parcial para a aquisição do título de Mestra em Artes Cênicas. Linha de pesquisa: Performances: corpos, imagens, linguagens e culturas.

**Orientadora:** Professora Doutora Tania Alice Caplain Feix.

RIO DE JANEIRO  
2022

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

R343 Rego, Mariana Souza do  
Performando a mulher-mãe: minha cartografia da  
gestação ao puerpério / Mariana Souza do Rego. --  
Rio de Janeiro, 2022.  
145

Orientadora: Tania Alice.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação  
em Artes Cênicas, 2022.

1. Performance. 2. Maternidade. 3. Sociedade  
patriarcal. 4. Feminismo. 5. Arteterapia. I. Alice,  
Tania, orient. II. Título.

*Performando a mulher-mãe: minha cartografia da gestação ao puerpério*

por

*Mariana Souza do Rego*

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**BANCA EXAMINADORA**



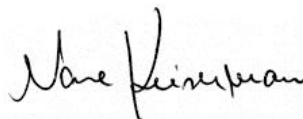
---

Profa. Dra. Tania Alice Caplain Feix (Tania Alice (Orientadora))



---

Profa. Dra. Carolina Bonfim (Université Libre de Bruxelles)



---

Profa. Dra. Nara Keiserman (UNIRIO)

A Banca considerou a Dissertação: APROVADA

Rio de Janeiro, RJ, em 01 de agosto de 2022

*Para Amora, que me fez re-existir.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Tania, pela orientação sensível, pelos acolhimentos, pelas falas tranquilizadoras, por sempre transmitir paz, por sempre sorrir.

Agradeço à Professora Doutora Carolina Bonfim, pelas proposições e inquietações que me possibilitaram ampliar os sentidos da palavra “performance”, tendo sido, extraoficialmente, para mim, uma coorientadora.

Agradeço ao grupo de pesquisa Práticas Performativas Contemporâneas (PPGAC UNIRIO / PPGAC ECOUFRJ), coordenado pela Professora Doutora Tania Alice e pelo Professor Doutor Gilson Motta, pelas partilhas, pelas indicações bibliográficas, pela escuta e por ser presença quando, em meio à pandemia da Covid-19, havia muitas ausências.

Agradeço a CAPES por ter fomentado esta pesquisa.

Agradeço a todas as mulheres-mães que participaram desta pesquisa, pela confiança, pelas partilhas e pela generosidade.

Agradeço a minha mãe Benvinda, por ser rede de apoio, por ter cuidado de mim quando eu estava no fundo do poço, por ter me acompanhado na primeira visita de Amora à pediatra e na realização do teste do pezinho, por ser exemplo de força, de coragem e de feminismo, mesmo sem que ela saiba.

Agradeço a meu pai Tarciso, por também ser rede de apoio, por ser pai e avô amável e carinhoso, por cuidar da Amora para que eu possa continuar a ser artista, por ser exemplo de pesquisador, por ser um grande defensor da Universidade Pública.

Agradeço a minhas irmãs Juli e Tati, por serem rede de apoio emocional, por sempre segurarem a minha mão, por serem exemplo de maternidade feminista.

Agradeço a minha amiga birou Dai, por ter me visitado no puerpério, por compartilhar comigo os desafios da maternagem feminista e antipatriarcal.

Agradeço a minha terapeuta Flavia, por estar sempre disponível, por repetir para mim as minhas próprias falas.

Agradeço a meu companheiro Franco, por acreditar em mim, nos meus lugares de força e potência e por dividir comigo a missão de apresentar o mundo para Amora.

Agradeço a minha filha Amora, por me possibilitar os melhores encontros que eu já vivi, por me oferecer um lugar no tempo presente, por me encorajar a viver a sombra.

Agradeço a mim, pela minha força e pela minha persistência.

*“É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação “natural”, porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie. Mas já se disse que a sociedade humana nunca é abandonada à natureza. E, particularmente, há um século, mais ou menos, a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade.”*

*(BEAUVOIR, 2016, p.279)*

## RESUMO

Esta pesquisa-narrativa-diário traz reflexões sobre as performances sociais e artísticas desempenhadas pela mulher-mãe na sociedade patriarcal contemporânea. A pesquisa surgiu a partir de uma ação de cuidado comigo mesma, que se expandiu para ações de cuidado com outras mulheres-mães as quais, assim como eu, precisavam de acolhimento para ceder o corpo para um outro corpo, para ser o mundo de alguém. A ação consistiu na realização de Mandalas *Ojo de Dios* em encontros virtuais com gestantes, entendendo, sob o ponto de vista junguiano, que a Mandala projeta a situação psíquica de quem a produziu no instante em que a produziu e que ela aparece, geralmente, em estados psíquicos conflituosos como uma busca intuitiva por reorientação. Cada um dos capítulos desta pesquisa-narrativa-diário está associado a um movimento da Lua relacionado aos estágios da gestação e do pós-parto, tendo como ponto de partida para essa ligação a abordagem da analista junguiana Jean Shinoda Bolen em “As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres”. Utilizo, ao longo da escrita, os neologismos “*performanser*” e “*performanviver*”, como resultado da impossibilidade de definir o que é performar, ampliando o debate a partir da conceituação de Renato Cohen – performance como “arte de fronteira” – e da ideia de arquétipos sociais discutida por Jung, os quais reproduzimos espontaneamente em qualquer tempo e lugar. Trago, ainda, trabalhos artísticos de mulheres-mães que utilizaram a maternidade como mote criativo para a produção de suas performances artísticas, tais como Louise Bourgeois, Núria Güell, Tracey Emin, Helen Benigson, além de brasileiras como Janaína Silva, as podcasters Lian Tai e Julia Jasmin, a criadora de conteúdo digital Andressa Reis, e outras mulheres-mães invisibilizadas pela sociedade patriarcal.

**Palavras-chave:** Performance; maternidade; mandala; arteterapia; feminismo; sociedade patriarcal.



## RESUMEN

Este diario narrativo-investigativo presenta reflexiones sobre las performances sociales y artísticas interpretadas por la *mujer-madre* en la sociedad patriarcal contemporánea.. La investigación surgió de una acción de cuidado de mí misma, que se expandió a otras acciones de cuidado con otras *mujeres-madres* que, al igual que yo, necesitaban acogida para ceder el cuerpo a otro cuerpo, para ser el mundo de alguien. La acción consistió en la realización de Mandalas Ojo de Dios en reuniones virtuales con mujeres embarazadas, entendiendo, desde el punto de vista junguiano, que el Mandala proyecta la situación psíquica de quienes lo proyectaron en el instante en que lo produjeron y que aparece, generalmente en estados psíquicos conflictivos como una búsqueda intuitiva de reorientación. Cada uno de los capítulos de este diario narrativo-investigativo está asociado a un movimiento de la Luna, relacionado con las etapas de gestación y posparto, teniendo como punto de partida de esta conexión el enfoque de la analista junguiana Jean Shinoda Bolen en *Las diosas y la mujer: nueva psicología de las mujeres*. Utilizo, a lo largo de la escritura, los neologismos *performanser* y *performanvivir*, como resultado de la imposibilidad de definir lo que es performar, ampliando el debate a partir de la conceptualización de Renato Cohen - actuación como "arte de frontera"- y la idea de arquetipos sociales discutidos por Jung, los cuales reproducimos espontáneamente a cualquier tiempo y lugar. Traigo, además, trabajos artísticos de *mujeres-madres* que utilizaron la maternidad como lema creativo para la producción de sus actuaciones artísticas, tales como Louise Bourgeois, Núria Güell, Tracey Emin, Helen Benigson, además de brasileñas como Janaína Silva, las podcasters Lian Tai y Julia Jasmin, la creadora de contenido digital Andressa Reis, y otras *mujeres-madres* invisibilizadas por la sociedad patriarcal.

**Palabras clave:** Performance; maternidad; mandala; arteterapia; feminismo; sociedad patriarcal.

## SUMÁRIO

1. Lua Nova ou Introdução	7
1.1 Os primeiros encontros	15
2. Lua Crescente	26
2.1 Os encontros com as Mandalas	27
2.2 Mandalas: tradição e feminino	31
2.3 Mandala como caminho artístico e terapêutico	43
3. Lua Cheia	49
3.1 Os encontros com as gestantes	50
3.1.1 Encontro com D.C.	57
3.1.2 Encontro com F.S.	61
3.1.3 Encontro com G. B.	67
3.1.4 Encontro com D.P.	72
3.1.5 Encontro com M.F.	79
4. Lua Minguante	86
4.1 Os encontros com Amora	87
4.2 Puerpério: como a mulher-mãe performa?	91
4.3 Eu me tornei a boa mãe?	105
5. Eclipse Lunar ou Conclusão	119
6. Referências bibliográficas	125
7. Anexo	131

## 1. Lua Nova ou Introdução

A Lua é o corpo celeste mais perto da terra. É um círculo, ou às vezes um grande sorriso, o qual apreciamos sem propósito, mas com grandes expectativas. A imagem da Lua, junto a sua simbologia, está diretamente associada à mulher. Para a Mitologia Grega, Ártemis é a deusa da Lua. Uma deusa virgem, considerando que:

O aspecto da deusa virgem é o da mulher que não pertence ou é ‘impenetrável’ ao homem - que não é afetada pela necessidade de um homem ou pela necessidade de ser aprovada por ele, que existe completamente separada dele, em seu próprio direito. (BOLEN<sup>1</sup>, 1984).

A mulher conectada com a Lua – ou com Ártemis – se basta consigo mesma. Essa deusa foi, também, a parteira de sua mãe Leto, que sofreu com prolongadas e difíceis dores no parto de seu irmão Apolo – foram nove dias e nove noites de trabalho de parto. Ártemis passou a ser considerada, portanto, a deusa do parto, aquela que evocamos em situações de parto difíceis, a quem pedimos proteção e companhia, a quem as mulheres oram “pedindo-lhe que pusesse fim às suas dores, através do nascimento de um bebê ou através de uma ‘amena morte’, causada por suas flechas.” (BOLEN, 1984). Ártemis estava sempre pronta a auxiliar sua mãe e outras mulheres que estavam sob risco de serem abusadas, e nenhuma deusa é conhecida por esse aspecto além dela. A deusa da Lua carrega, então, diversas características que atualmente associamos ao feminismo.

Eu sempre tive atração pela Lua, e quando sou convocada a olhá-la, sinto que tenho uma visão panorâmica de mim mesma. Eu já estive conectada arquetipicamente com Ártemis. Eu performo Ártemis e ex-Ártemis. Eu já fui Lua e eu sou Lua.

Quando uma mulher engravida, contam-se 40 semanas a partir de sua última menstruação para chegar a uma provável data de parto, porque “Agora, tudo – ou quase tudo – o que se refere à gravidez pode ser traduzido em números estatísticos.” (BERTHERAT<sup>2</sup>, 1997, p. 25). Nossas avós diriam para contarmos 40 Luas e a Lua do

---

<sup>1</sup> Jean Shinoda Bolen é psiquiatra, analista junguiana, professora na Universidade da Califórnia e membro da Fundação para Mulheres. Baseada na psicologia analítica desenvolvida por Jung, a professora disserta sobre como a mitologia – no livro aqui citado, a mitologia grega – é determinante para identificarmos padrões constantes na psique: com o estudo da mitologia chegamos aos arquétipos que moldam a nossa existência.

<sup>2</sup> Thérèse Bertherat foi uma fisioterapeuta francesa nascida em Lyon e desenvolveu a teoria da antiginástica: prática corporal que busca o autoconhecimento de si e do corpo a partir do entendimento de

nascimento da criança é provavelmente a Lua de sua concepção – Amora, a minha criança, nasceu na Lua crescente. Eu nasci na Lua cheia.

Eu não ingressei no Programa de Pós-graduação grávida. Eu me tornei uma mulher-mãe após ter cursado um semestre de disciplinas no Programa. Esse acontecimento me atravessou tão fortemente, que me pareceu impossível manter a pesquisa com a mesma temática do pré-projeto que submeti durante o processo seletivo. Eu percebi, inclusive, que aquele pré-projeto não me arrebatava tanto assim. Ou arrebatava quem eu era antes de gestar<sup>3</sup>.

A gravidez é principalmente um drama que se desenrola na mulher entre si e si; ela sente-o a um tempo como um enriquecimento e uma mutilação; o feto é uma parte de seu corpo e um parasito que a explora; ela o possui e é por ele possuída; ele resume todo o futuro e, carregando-o, ela sente-se ampla como o mundo; mas essa própria riqueza a aniquila: tem a impressão de não ser mais nada. Uma existência nova vai manifestar-se e justificar sua própria existência; disso ela se orgulha, mas sente-se também o joguete de forças obscuras, é sacudida, violentada. O que há de singular na mulher grávida é que, no mesmo momento em que se transcende, seu corpo é apreendido como imanente: encolhe-se em si mesmo, em suas náuseas e seus incômodos; deixa de existir para si só e é quando se faz então mais volumoso do que nunca. [...] ela forma, com esse filho de que se acha prenhe, um casal equívoco que a vida submerge; presa às malhas da natureza, ela é planta e animal. (BEAUVOIR, 2016, p. 295)

Eu havia sido mutilada, ao mesmo tempo em que me envergonhava de tal sensação. Havia um “parasita” – que minha filha me perdoe pelo termo quando puder ler essas palavras – crescendo em mim, que determinava minha disposição física e quais remédios e chás poderia tomar para dores de cabeça e enjoos frequentes. Era uma existência que ainda não se via nem se sentia, mas ela estava ali. A vida havia afundado. Ou brotado. Foi quando meu corpo consentiu: eu estou grávida mesmo. E nesse

---

que diferentes partes do se conectam. Estudou Freud e Jung para pensar o corpo para além de sua anatomia.

<sup>3</sup> O pré-projeto que submeti à banca para ingresso no Programa de pós-graduação relacionava teatro e práticas terapêuticas a partir da associação entre psicodrama e arteterapia junguiana. A metodologia se daria a partir de práticas e jogos desenvolvidos com grupo de adolescentes participantes do projeto de extensão “Teatro em Comunidades”, vinculado à Unirio. Cursei um semestre de disciplinas no Programa de pós-graduação ainda me voltando para a execução desse pré-projeto, quando, em fevereiro de 2020, descobri que estava grávida e, em março, contei à minha orientadora que estava com medo de perder o mestrado por conta da gravidez. Enviei a ela, por *whatsapp*, mensagens de áudio, que hoje percebo terem sido confusas, com um discurso incoerente, desorganizado. Entre muitos medos e confusões, eu já não conseguia mais ler nada relacionado à temática da pesquisa. Foi então que ela sugeriu que eu mudasse o mote da pesquisa, uma vez que uma nova questão me arrebatava. Não fosse essa orientação tão sensível e sensata provavelmente eu teria sim perdido o mestrado. Foi também a partir dessa orientação que eu entendi a importância de recorrer a uma bibliografia majoritariamente feminina, caminho para o qual o tema anterior provavelmente não me conduziria.

momento, a minha própria vivência passou a ser a minha motivação para pesquisar. Nesse momento, inúmeras borboletas passaram a me visitar, borboletas brancas e amarelas que rodeavam o meu corpo todos os dias pela manhã enquanto praticava ioga no quintal.

Entendi, no meu processo de 40 semanas de gestação, somadas às aproximadamente 16 de puerpério e a tantas outras que até parei de contar, que eu estava vivenciando as fases da Lua em mim. Por isso, esse relato será dividido em 4 etapas, porque assim como a minha criança – a que cresceu em meu ventre, a que eu fui e a que eu ainda sou –, ele também está sendo gestado e parido.

Falar sobre a mulher-mãe não é exatamente um tema novo, apesar de ser ainda um tabu quando se escolhe subverter o mito da maternidade perfeita, esse que até hoje tem íbope nas redes sociais, nossa maior e mais frequente forma de performar, ser e viver. Falar sobre a mulher-mãe não tem sido fácil, apesar de ser exatamente isso que eu me tornei desde 18 de fevereiro de 2020 – com um exame positivo nas mãos – e venho me tornando a cada segundo – com uma criança nos braços. Mas escolho falar para que essa história não corra o risco de desaparecer, como desapareceram muitas histórias de mulheres-mães, que perderam espaço em suas próprias vidas ao ocuparem-se da vida de outra/o(s), que foram impedidas de dar protagonismo a si, que tentaram resgatar esse protagonismo em algum momento e foram podadas, que precisaram escolher “a maternidade ou eu” e foram perseguidas pelas suas escolhas. Eu escolho falar porque assim me olho e

Olhando-nos e pensando de onde partem nossos desejos, encorajamo-nos por transformar as nossas experiências de forma a disponibilizá-las para que outras pessoas possam ver-se espelhadas e se sintam acirradas a descobrirem, elas próprias, suas vidas e seus impulsos de criação. Observamos o que criamos na parceria com os outros, não com o intuito primal de encontrarmos lacunas, mas para compartilharmos o surgimento de outras possíveis interpretações da experiência humana e... (LYRA<sup>4</sup>, 2020, p. 11 e 12).

A história que conto, então, não é apenas a de Ártemis, porque descobri que há muitas mulheres-luas por aí, estejam elas conectadas com Ártemis ou com outras deusas.

---

<sup>4</sup> Luciana Lyra é atriz, performer, encenadora, diretora, dramaturga e escritora. É professora do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular e do Programa de Pós Graduação em Artes no Instituto de Artes da UERJ. Pesquisa Antropologias do Imaginário e da Performance, em interlocução com estudos feministas. A citação aqui utilizada acaba com reticências, dando a ideia de eterna continuidade e infinitas possibilidades.

Este relato, logicamente, inicia-se na Lua Nova, a fase da concepção, da escuridão, das emoções reprimidas; é o convite para acessar o inconsciente – movimento que nunca é consciente – e criar. Talvez seja a Lua da/do artista. É o primeiro trimestre da gravidez – quando ocorrem os primeiros encontros –, em que o corpo da gestante está sonolento, cansado, recolhido, efeitos da progesterona, às vezes até adoece. É o primeiro movimento de introversão, entre muitos que acontecerão ao longo da maternidade, concordando com a conceituação junguiana de que:

O conceito de extroversão e de introversão baseia-se na maneira como se processa o movimento da libido (energia psíquica)<sup>5</sup> em relação ao objeto. [...] Na introversão a libido recua diante do objeto, pois este parece ter sempre em si algo de ameaçador que afeta intensamente o indivíduo. (SILVEIRA<sup>6</sup>, 1997, p.46)

Na minha Lua Nova minha energia psíquica recuou. Pelo quê eu me sentia ameaçada que me levou à solidão? A ameaça era o encontro. E eu precisei furar as minhas cavernas para descobrir que tinha medo do encontro.

Chamo esta pesquisa de “minha cartografia” pois nela, ao mesmo tempo em que sou observadora, sou agente e às vezes objeto. Em “Pistas do método da cartografia”, Eduardo Passos e Regina Barros<sup>7</sup> definirão:

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo,

---

<sup>5</sup> Nise da Silveira esclarece que, para Jung, “Energia psíquica e libido são sinônimos. Libido é apetite, é instinto permanente de vida, que se manifesta pela fome, sede, sexualidade, agressividade, necessidades e interesses os mais diversos.” (SILVEIRA, 1997, p.37). Esse conceito desconstrói o senso comum de que a palavra ‘libido’ está meramente relacionada a energias sexuais.

<sup>6</sup> Nise da Silveira foi uma psiquiatra brasileira que revolucionou a psiquiatria no Brasil ao entrar em embate direto com seus colegas de profissão por se recusar a usar eletrochoques, isolamentos e camisas de proteção e a realizar cirurgias no cérebro. Foi transferida, então, para uma área completamente desprezada no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II: o setor de terapia ocupacional, o qual, atualmente, é associado à arteterapia junguiana. Lá ela ofereceu aos usuários do Hospital tintas, pincéis, telas, lápis, papéis, argila, entre outros materiais. A psiquiatra percebeu que as energias psíquicas dos pacientes eram projetadas nas obras que produziam. Com as obras de arte criadas pelos esquizofrênicos, Nise da Silveira organizou uma grande exposição, a qual teve projeção internacional e algumas obras foram levadas para o II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique, inaugurado por Jung. Nise da Silveira traduziu livros e artigos de Jung para a língua portuguesa, tornando mais claros alguns conceitos criados pelo analista. Foi a única mulher a se formar na sua turma de medicina, em 1931, composta por 157 homens.

<sup>7</sup> Jhonny Alvarez, Regina Benevides de Barros, Eduardo Passos e Virgínia Kastrup fazem parte de um grupo de professores e pesquisadores do Departamento de Psicologia da UFF e do Instituto de Psicologia da UFRJ que se uniu pela afinidade teórica com os pensamentos de Deleuze e Félix Guattari. Em encontros semanais com outros pesquisadores e alunos da graduação e da pós-graduação, realizavam o exercício de construção coletiva de artigos que investigavam a cartografia como metodologia de pesquisa visando à sistematização do método.

por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados. (2015, p. 17)

Eu produzo a pesquisa, mas o quê a pesquisa produz em mim? “Não há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a apresenta ou constata em um discurso cioso de evidências.” (PASSOS; BARROS, 2015, p.20 e 21). Reconheci-me no método cartográfico ao perceber que como mulher-mãe-artista-pesquisadora eu estava experimentando percursos, performando, pesquisando, sendo, vivendo, atos que contribuía para meu processo de individuação<sup>8</sup>, “é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam” (ALVAREZ, PASSOS, 2015, p.131).

Escolhi me colocar como experiência e viver a experiência, porque “o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (BONDÍA<sup>9</sup>, 2002, p.24), e produzir vida, sem dúvida, é um grande acontecimento. Aceitei estar exposta, “aqui eu não sou a ‘Outra’, mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político.” (KILOMBA<sup>10</sup>, 2019, p. 27 e 28). Para Grada Kilomba, é justamente a passagem de sujeito a objeto que torna a escrita – logo, a pesquisa – um ato político.

---

<sup>8</sup> Utilizo a conceituação junguiana sobre processo de individuação, em que o sujeito, em um confronto do inconsciente com o consciente, em alguns momentos, consegue olhar para o *self* (si mesmo, o centro da personalidade), não ficando apenas no *ego* (centro do campo consciente, que cria e comanda as nossas inúmeras personas). É no *self* que ficam todas as nossas sombras, e ao dar luz a elas, estamos caminhando com nosso processo de individuação. Esse processo nunca será linear e se constitui como o eixo da psicologia junguiana. Nise da Silveira, responsável por trazer a psicologia analítica para o Brasil, diz que nosso eu é “um picadinho” e pode ser extremamente difícil e doloroso juntar essas partes.

<sup>9</sup> Jorge Larrosa Bondía é Doutor em pedagogia pela Universidade de Barcelona. Em seus ensaios, articula as áreas filosofia, literatura, educação e cinema. É fundador e coordenador-geral do Mais Diferenças, associação para a experimentação em educação e cultura inclusivas.

<sup>10</sup> Grada Kilomba é escritora, psicóloga e artista interdisciplinar portuguesa. É professora na Universidade de Humboldt nas áreas de Estudos de gênero e Estudos pós-coloniais.

Conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. Lançados num plano implicacional, os termos da relação de produção de conhecimento, mais do que articulados, aí se constituem. Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. (PASSOS; BARROS, 2015, p.30).

O que eu escolho abordar nesta pesquisa é meu ato político. Meu corpo de mulher-mãe-artista-pesquisadora é um corpo político, “O corpo, afinal, pode ameaçar, mais do que as palavras” (RUFINO; SIMAS<sup>11</sup>, 2020, p. 12). O corpo de todas as mulheres-mães deve ser visto como um corpo político, e assim seremos oposição direta ao que o projeto patriarcal determinou para nós. Por isso, ouvi alguns desses corpos nesse processo de pesquisa: encontrei-me virtualmente, pois estávamos – e estamos – em meio à peste Covid-19, com mulheres-mães ainda gestantes, como eu na época. Escutei suas histórias e memórias, conheci suas identidades, verdades e medos. Identifiquei-me e diferenciei-me. E assim são as relações. As vidas delas se misturavam à minha. Nesses encontros construíamos juntas Mandalas *ojo de dios*, ação que impulsionou intuitivamente esta pesquisa, porque na cartografia “Em realidade, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde.” (KASTRUP, 2015, p. 40). Eu não possuía uma teoria que antecederesse o planejamento da ação, ela foi sendo criada a partir dos encontros. E como uma possível aprendiz de cartógrafa, escolho tornar coletivas essas relações, esses encontros e meus processos de individuação.

As relações, os encontros e as criações me trouxeram a reflexão sobre quem estávamos sendo e performando e quem seríamos e performaríamos depois de parir. E quando não quiséssemos performar nada, ainda estaríamos performando? E quando não quiséssemos ser o que éramos – nós com um exame positivo, o ventre preenchido –, o que seríamos?

Surgiu, então, outro encaminhamento que tem guiado esta aprendizagem de cartografia: o jogo com os sentidos da palavra “performance”. Identifiquei-me com a performance como manifestação artística por se caracterizar como uma “arte de fronteira” (COHEN, 2009, p.38), por ela esbarrar no limite entre vida e arte. Renato Cohen explica a performance como *live art* no sentido de ser “uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida, em que se estimula o

---

<sup>11</sup> Luiz Rufino é pedagogo, Doutor em educação pela UERJ e professor. Escreve em parceria com Luiz Antônio Simas, professor, historiador e pesquisador sobre culturas populares no Brasil.



espontâneo, o natural.” (Ibid). Se antes a performance artística já questionava os espaços mortos em que a arte acontecia, assumindo uma posição viva; durante a pandemia do Covid-19 esses espaços mudaram ainda mais: a performance passou a ocupar nossa vida privada, nossas casas se tornaram cenário e motivação para a criação, “As tecnologias digitais vão nos convidar, mais e mais, a reformular nossa compreensão da ‘presença’, do lugar (agora o ‘sítio’ on-line, não localizável), o efêmero e a incorporação.” (TAYLOR<sup>12</sup>, 2013). Dentro de casa, em isolamento, os atos comuns do dia a dia passaram a ser ritualizados para outros olhos e performados.

Utilizo, ainda, a palavra “performance” no sentido de representação – não aquela teatral em que eu nem sei se acredito. Considero as representações estereotipadas e arquetípicas que experimentamos ao longo da vida. Quando performamos o lugar-comum, “Nos tornamos atrizes e atores excelentes de nossas competências: nada medíocre, nada ordinário, nada mediano, mas sim excelente.” (KILOMBA, 2019, p.177). É duro – ou melhor, é chato mesmo – precisar ser atriz, no viés mais clichê de todos, de minhas competências. É uma performance de mim mesma para cumprir o combinado sociocultural, que Jung definiria como *persona*<sup>13</sup>. No tema aqui proposto, esse combinado está inserido no projeto patriarcal de estruturação das sociedades e designação dos papéis de gênero.

É muito difícil, entretanto, definir em que momentos estou performando, sendo, “*performansendo*” – com o perdão do neologismo –, porque talvez eu não saiba exatamente o que é performar. E talvez eu esteja descobrindo o que é ser.

Um dos problemas de se usar a performance, bem como seus falsos cognatos “performativo” e “performatividade”, vem do âmbito extraordinariamente amplo de comportamentos abrangidos pelo termo, que vão desde uma determinada dança até a performance mediada tecnologicamente ou o comportamento cultural convencional. Contudo, o fato de a performance ter camadas múltiplas indica as interconexões profundas entre todos esses sistemas de inteligibilidade e as fricções produtivas entre eles. Como os usos diferentes do termo/conceito – acadêmicos, políticos, científicos e relacionados a negócios – raramente se envolvem de modo direto, a performance tem também uma história de intraduzibilidade. Ironicamente, a

---

<sup>12</sup> Diana Taylor é professora em Estudos de Performance na Universidade de Nova York. A professora também pesquisa a relação entre performance e política, performance e trauma, performances realizadas pelas Américas e teatro feminista.

<sup>13</sup> É uma aparência que assumimos para estabelecer contato com o mundo exterior, para se adaptar ao meio. Essa aparência se apresenta como aquilo que os outros esperam que sejamos ou como desejaríamos ser aos olhos dos outros. Os moldes de *persona* fazem parte da psique coletiva, de modo que todos utilizam esse recurso. O perigo é a pessoa tornar-se, apenas, *persona* e “Quando é retirada a máscara que o ator usa nas suas relações com o mundo, aparece uma face desconhecida.” (SILVEIRA, 1997, p.80)

própria palavra ficou trancada dentro das caixas disciplinares e geográficas que ela desafia; também teve negada a universalidade e a transparência que, para alguns, ela prometeria a seus focos de análise. Evidentemente, esses muitos pontos de intraduzibilidade são o que torna o termo e as práticas capacitados teoricamente e reveladores culturalmente. (TAYLOR, 2013).

Por mais perigoso que possa ser o uso das expressões cognatas de “performance”, considero não haver outra forma de chamar essa escrita de mim – e de outras mulheres – que não seja de “escrita performativa”. Seligmann-Silva, no prefácio de *“A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade”*, apresenta a escrita performativa como uma escrita viva, com energia pulsante, é “um modo de escrita que não hesita em se deixar eletrizar pela paixão e mesmo pelas correntes de êxtase ou de terror que podem porventura percorrer nosso corpo” (p. 14). O crítico literário complementa, ainda, que “Esta sim talvez seja uma escrita no feminino. Não porque escrita por uma mulher, mas por se abrir a essas ondas de força desestruturantes, por se deixar abalar pela paixão e pela compaixão” (p. 14).

Eu não saberei definir concretamente em que momentos da escrita a palavra “performance” recebe cada um de seus sentidos possíveis, principalmente porque eu nem conheço todos os sentidos possíveis. Talvez esses sentidos mudem a cada vez que eu leia e releia essa pesquisa-narrativa-diário.

Em minha pesquisa e em minha vida – ambas se misturam frequentemente –, performo estereótipos e arquétipos, possuo muitas personas, como também pratico performances artísticas e escritas performativas às custas da exposição de minha vida pessoal, e nesses instantes, muitas vezes, estou “*performansendo*”. Em minha trajetória como mulher-mãe, venho me fortalecendo para decidir quando e como eu desejo “*performanser*”.

Além disso, para que esta aprendizagem de cartografia fosse possível, estive atenta às sincronicidades<sup>14</sup>, o que me possibilitou “o acolhimento do inesperado. A atenção se desdobra na qualidade de encontro, de acolhimento.” (KASTRUP, 2015, p. 39). Por isso, este relato será tomado por encontros fragmentados, às vezes em formato de cartas, e que me fragmentavam, que me mandavam recados: algo está acontecendo aí.

---

<sup>14</sup> É talvez um dos conceitos mais complexos de Jung ao envolver a relação psique-mundo. O fenômeno sincrónico não pode ser explicado pela causalidade e não respeita as leis de probabilidade do acaso, mas pode impactar profundamente a psique de um indivíduo, não podendo ser visto como uma mera coincidência.

Tenho um sobrinho doce e curioso, costumo dizer que o encontro com ele foi meu primeiro contato com o sagrado. Um dia ele perguntou a minha irmã, enquanto estive grávida: mãe, como é esse negócio de de repente crescer uma pessoa dentro do corpo de outra pessoa?

Eu também me pergunto como é esse negócio. Por que os bebês decidem crescer em um corpo de mulher? Bebês têm atração pela Lua?

Muitas perguntas irão permear os encontros que venho realizando ao longo desta pesquisa-vida. Assim como aprendo com a Lua, venho aprendendo com mulheres-mães, com minha mãe, com bebês, sua atenção flutuante e seu encantamento pelo mundo – Amora é absorvida pelo mundo, pelo novo e também pelo velho; diferentemente de pessoas adultas, ela se permite enfeitiçar. Desse modo vou exercitando a cartografia, aprendizado que possibilita e guia esta pesquisa-narrativa-diário.

## 1.1 Os primeiros encontros

Este é o resultado de vários encontros. Os encontros com outras mulheres, os encontros com Amora, os encontros com as Mandalas<sup>15</sup>, os encontros comigo mesma. O primeiro encontro, aquele com a Mariana enquanto gestante, o qual, parafraseando João Fiadeiro e Fernanda Eugénio, inicialmente me ocorreu como um acidente-catastrófico e não foi visto como um encontro. Agi da maneira tradicional: “Entramos em crise, colocamos tudo em dúvida; culpamos os deuses, os pais, o estado, o país. [...] E se mesmo assim não funcionar, pior ainda, pomo-nos a desistir.” (EUGENIO; FIADEIRO<sup>16</sup>, 2012). Desistir foi minha primeira opção, uma vez que não entendia aquele incidente como um encontro.

Nunca antes me havia imaginado a caminho da maternidade, nunca desejei essa experiência. Eu nunca quis parir, para ser sincera – por quê não? Eu, com pouco mais de 30 anos até então, já havia ouvido algumas vezes de alunos “Professora, quando você

---

<sup>15</sup> Utilizarei a letra maiúscula para a palavra “Mandala” com efeito estilístico para destacar sua importância na pesquisa e em meu processo de individuação que acompanha essa escrita.

<sup>16</sup> Fernanda Eugénio e João Fiadeiro se encontraram pela semelhança em investigar, questionar e experimentar o tema “como viver juntos”. Fernanda Eugénio é antropóloga mestra e doutora pelo Museu Nacional da UFRJ e se aproximou das artes performativas a partir de inquietações com vivências etnográficas. João Fiadeiro é um coreógrafo e performer português, fundou o Ateliê RE.AL, em 1990, que se dedica à produção de espetáculos e acolhimento de residências que cruzam várias áreas e tendências artísticas. O Ateliê fechou em 2019, por impossibilidade de renovação de contrato de locação, e foi realizada a performance de encerramento *Vexations*.

vai ter filhos?”. Por mais incômodo que seja o questionamento, não via nele a necessidade de cumprir um dever a mim imposto. A socióloga israelense Orna Donath argumenta que:

Há mulheres, por exemplo, que emocionalmente não estão interessadas em ser mães e preferem evitar qualquer relação ou interação cotidiana com crianças. Outras não têm um interesse emocional em ser mães, mas são atraídas pela companhia de crianças e, portanto, optam por profissões terapêuticas ou educacionais nas quais possam trabalhar com elas, ou passam tempo com sobrinhos ou outras crianças do círculo familiar. [...] Há mulheres que desejam ser mães, mas temem profundamente a gravidez e o parto e, assim, são levadas a evitar a maternidade. [...] e há mulheres que, em retrospecto, não têm certeza sobre a razão por que decidiram ser mães. (DONATH, 2017, p. 25 e 26)

Há inúmeras razões para uma mulher desejar a maternidade e decidir ou não por ela. No meu caso, incluía-me no segundo grupo descrito na citação da antropóloga. Sou professora de artes para Ensino Fundamental e Médio, além de arteterapeuta, desenvolvendo trabalho terapêutico com grupos de adolescentes. Com meus alunos, construo vínculos afetivos fortes, porque assim acredito que se dão os processos de aprendizagem. Estive imersa na suposta liberdade que é dada a nós mulheres, mesmo sabendo que:

A mulher é associada à natureza devido a seu corpo fértil, capaz de engravidar, dar à luz e amamentar, o que é considerado de natureza animal. Conseqüentemente, o corpo feminino é julgado pela capacidade de conceber ou não, uma vez que a capacidade da mulher de dar à luz é considerada a essência de sua vida e a justificativa para sua existência. [...] Em outras palavras, e como foi apontado por várias escritoras feministas, os conceitos históricos e culturais aprisionam as mulheres em uma “ausência de escolha ilusória” por causa de seu sexo biológico, uma vez que a sociedade usa a “linguagem da natureza” para persuadi-la a conceber e dar à luz, muitas vezes impondo uma verdadeira tirania biológica. (DONATH, 2017, p. 26 e 27)

Eu havia escolhido renunciar à maternidade, não quis para mim o peso da expectativa de gênero. Justamente por concordar com Donath que os conceitos culturais dominam as mulheres, sei também que:

A cultura funciona, afinal de contas, para preservar e dar continuidade a um povo. [...] A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura. (ADICHIE, 2014).

Chama-se “Geração Nem Nem” o grupo de jovens, principalmente mulheres, que tem dificuldade de se estabelecer no mercado de trabalho, a grande maioria enfrenta ainda o conflito de não conseguir definir uma carreira para si, partindo do pressuposto de que o trabalho que se exerce está diretamente conectado à construção de identidade para si e para a sociedade. Outra característica que apareceu nos “Nem Nem” é a descrença em suas próprias capacidades, o que influencia suas expectativas e aspirações. Esses jovens permanecem, portanto, na casa dos pais por um longo tempo, alguns se tornam *roomates* de seus responsáveis, contribuindo com as despesas fixas do lar. Para a sociologia, não se trata necessariamente de jovens mimados sem ocupação, e sim de um grupo de pessoas que está sendo punido pela falta de oportunidades. Para o julgamento social, morar com os pais quando se tem 30 anos ou mais é uma revelação de que a vida fracassou, de que aquela/aquele jovem adulta/o tem dificuldade de crescer. Estaria eu *performansendo* uma integrante da “Geração Nem Nem”?

Já para a psicologia analítica desenvolvida por Jung no início do século XX, eu seria uma mulher com complexo<sup>17</sup> materno negativo, que embora tenha fascínio pela maternidade e adore crianças, nunca veria no maternar uma identificação – tipicamente Ártemis.

A aceitação ou a recusa de concepção são influenciadas pelos mesmos fatores que a gravidez em geral. No decurso desta, reavivam-se os sonhos infantis do sujeito e suas angústias de adolescente; a gravidez é vivida de maneira muito diferente segundo as relações que a mulher mantém com a mãe, com o marido e consigo mesma.

Tornando-se mãe por sua vez, a mulher toma, de certo modo, o lugar daquela que a gerou; isso representa para ela uma emancipação total. (BEAUVOIR, 2016, p. 292)

Sem que eu saiba explicar, porém, houve uma cisão, um acontecimento. Talvez tenha sido a imposição cultural, a “linguagem da natureza”, a culpa cristã, a possibilidade de me rever como criança e adolescente, o desejo de emancipação, ou talvez eu apenas tenha desejado, injustificadamente, experimentar meu corpo, meu ser e minha vida de uma nova maneira, não sei se preferível à anterior, mas foi “Uma brecha para a *re-existência*.” (EUGENIO; FIADEIRO, 2012). Depois de três dias em solidão, escolhi acolher essa cisão como um encontro, como uma ferida. Encontrar-me com a

---

<sup>17</sup> Os Complexos são definidos por Jung, imagetivamente, como nós na energia psíquica, e os afetos nele contidos precisam ser exteriorizados por meio de descargas emocionais. Essas descargas acontecem, muitas vezes, em formatos de surtos. Como em geral evitamos o surto, somos cheios de nós de energia inconscientes.

Mariana gestante foi, na época, a minha maior – e melhor – ferida. Hoje, com minha criança nos braços, ganho incontáveis feridas e peço às deusas, cotidianamente, para nunca as esquecer.

Aconteceu, então, o primeiro encontro. Não planejado, assim como a gravidez.

Quem são vocês?

Quando não sabemos quem são certas pessoas, as afastamos ou tratamos com mero respeito e educação. Eu, ao contrário do que se espera, as acolhi em minha casa. Pior... em meu corpo, como se fossem velhas conhecidas que visitam minha mata romântica, mas nunca se deixam conhecer de fato.

Você é uma estranha, como uma camponesa na cidade grande, como quando o sol deixa brilhar seus raios no rosa, o rosa que não é meu. Minha pele não é rosa. Você não me pediu licença, eu a trouxe como obrigação. Mas também... eu trago tudo sempre, o que amo, o que odeio, o que me invade como um arco-íris que atravessa o céu sem pedir permissão para ser belo. E trago o que é estranho. Às vezes nem pergunto “quem é você?”, apenas trago, como uma boa e fiel virginiana que só com o tempo descobre que tudo apodrece. Ou floresce. Feliz. Feliz porque esses dias minha mãe disse que às vezes a gente não quer determinada coisa, mas então essa coisa acontece e a gente descobre que é muito mais feliz do que antes. Então o podre nem sempre é podre, e tudo bem acolher estranhos.

Tem uma estranha ou estranho em mim. Ela ou ele se move, e eu ainda não sinto. Ela ou ele tem forma de feijão. E se eu descobrir que é feijão branco? Feijão do bom é feijão marrom.

Mas essa estranha ou estranho invadiu a minha selva marítima, atravessou uma corrida de obstáculos para chegar ao ponto mais profundo do meu oceano. Havia muitos corpos. E essa estranha ou estranho chegou na frente. Agora sou eu a estar na corrida de obstáculos. Mas também, quando é que eu não estive?

Na vida há muitos corpos, mas só um brilha: o meu.

Bem-vinda, estranha. Bem-vindo, estranho.<sup>18</sup>

Quando aconteceu esse encontro comigo mesma, as medidas de isolamento social devido à pandemia do Covid-19 haviam sido recentemente implementadas.

---

<sup>18</sup> Arquivo pessoal. Texto produzido em 17 de março de 2020.

Entendi que seria o momento ideal para o processo de acolhida do meu novo ser. Fui uma grávida de pandemia, mesmo tendo engravidado pouco antes de ela ter sido oficializada. O isolamento social foi, sem dúvida, um privilégio para que eu pudesse vivenciar a gravidez. Hoje sabemos que o Covid-19 foi responsável pelo aumento do número de mortes maternas em 2020 e início de 2021. Além disso, a pandemia colocou em risco diversas conquistas feministas, tendo muitas mulheres-mães perdido completamente sua rede de apoio como consequência do isolamento e dos pavores causados pelo vírus.

Um ano após o início da pandemia e do isolamento social no Brasil, mulheres que têm filhos parecem estar no limite. Sobrecarregadas, exaustas e frustradas, elas perderam a autonomia, o emprego, o sono, a cabeça – tudo junto ou em combinações variadas. (MENA, 2021)

Não imaginávamos que, com a pandemia, mulheres estariam ainda mais desempregadas que homens, que o trabalho doméstico delas triplicaria, que haveria aumento de transtornos mentais em mulheres, que sofreriam ainda mais violência doméstica, que seriam mais infectadas que homens pelo Covid-19.

Na época, ingenuamente imaginei que a pandemia duraria cerca de um mês, tempo que eu investiria cuidando de mim. O que é cuidar de mim?

A filosofia foucaultiana relaciona o cuidado de si a uma questão ética, cabendo ao sujeito refletir sobre suas práticas e condutas, associar a reflexão às suas atividades diárias para, então, buscar uma transformação de si. Isso significa que não há como cuidar de si sem antes rever hábitos e costumes da vida coletiva e individual. Além disso, ocupar-se de si é algo que ninguém deveria desconsiderar:

Ocupar-se de si não é uma sinecura. Existem os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre livros ou conversações ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor. [...] Em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho para consigo e a comunicação para com outrem. (FOUCAULT, 2009c, p.56 e 57).

Descobri o cuidado de mim na busca pelo encontro com o meu centro. O meu centro exterior era visível e explícito no corpo de uma gestante: o ventre, que cresce e toma o espaço da barriga. Expor a barriga, dividi-la com o mundo – fato que ficou bastante difícil durante a pandemia do Covid-19, possível apenas nas redes sociais – é o

que nos faz *performanser* a gestante, é o que nos torna prioridade em filas, assentos, estacionamentos, é quando “o corpo é oferecido para gerar visibilidade” (ALICE<sup>19</sup>, 2016). Mas qual é a visibilidade que queremos?

A gestante é vista pela sociedade como uma barriga sagrada que carrega a nova vida – além de, também, um corpo cansado que come por dois. Essa representação objetiva o que Jung chamou de “arquétipos”, os quais “ressurgem espontaneamente em qualquer tempo e lugar, sem a influência de uma transmissão externa” (JUNG, 2000). O arquétipo materno é tão cultural e socialmente difundido que torna a maternidade um projeto público, não privado – e talvez seja esse o motivo de eu ter decidido renunciá-la em outras épocas. Esse arquétipo era, ainda, por mim associado a perder. Mas perder o quê exatamente? Além disso, “Como a função materna é um pilar da sociedade e da força dos Estados, torna-se um fato social. A política investe no corpo da mãe” (PERROT<sup>20</sup>, 2007).

Todos os dias, as mulheres ouvem que possuem essas habilidades instintivamente, por natureza, mas ao mesmo tempo estão submetidas aos ditames sociais sobre como deveriam conduzir a relação com seus filhos de forma a serem consideradas ‘boas mulheres’ e ‘boas mães’, pessoas e seres morais. [...]

A mãe, por sua vez, é retratada como um ser abnegado por natureza, com uma necessidade de constante aprimoramento e infinitamente paciente e devotada ao cuidado com o outro, de uma maneira que quase exige que ela esqueça que tem uma personalidade e necessidades próprias. (DONATH, 2017, p.53 e 54).

O arquétipo é, portanto, uma representação que performamos e somos conscientemente ou não.

*“No início, todo dia eu olhava pro meu corpo e tentava identificar uma mudança. Eu tava lidando muito com as questões fisiológicas. [...] Não tinha o físico da barriga, nada que me impedisse, mas meu tempo era outro, minha cabeça era outra. [...] O que tá acontecendo? Será que eu vou ficar 9 meses assim? Eu não aguento. Todo dia... parece que não melhora nunca o mal estar. Chega uma hora de falar que eu não quero mais me reconhecer nesse lugar tão limitado. Depois foi melhorando, o corpo começou a mudar mais, cada coisa que aparecia eu já comemorava. Eu queria me realizar,*

---

<sup>19</sup> Tania Alice é performer, terapeuta de *Somatic Experiencing*, fundadora da plataforma *Performes sem Fronteiras* e professora-doutora da graduação e da pós-graduação da UNIRIO. A performer pesquisa reflexões sobre a performance contemporânea, enfocando-a como arte relacional, como arte que ocupa os espaços públicos e atravessa fronteiras sociais, terapêuticas e ritualísticas, como arte que se funda com a vida.

<sup>20</sup> Michelle Perrot é historiadora e professora pela Universidade Paris VII. É precursora dos estudos sobre a história das mulheres no Ocidente.



*realmente tinha alguém crescendo lá dentro. E tinha o medo de passar pelo que eu passei. Eu fiquei semanas sem saber que eu tinha abortado. Eu fiquei umas 3 semanas com um bebê morto e no início você não sente o bebê mesmo. Agora, a cada xixi eu olhava o papel pra ver se tinha sangue.*

*A semana passada foi um marco de mudança pra mim. Na posição de sono, Como eu sento no sofá, como eu sento pra trabalhar. [...] Agora só durmo sem roupa, toda roupa me incomoda. [...] Fui me vendo nesse lugar de andar meio estranha. Nem tô com essa barriga toda e já tô meio pata, que droga. [...] Não sei mais o que eu faço com esse corpo. Não sei mais até onde eu posso ir. Eu queria olhar pra minha virilha. Não consigo. Não consigo ver.”*

*F.S., em encontro virtual ocorrido no dia 08 de agosto de 2020. Tínhamos o mesmo tempo de gestação, ela estava em sua segunda gravidez, tendo sido a primeira espontaneamente interrompida.*

A representação que faço do meu corpo não se separa do que veem quando olham para ele, do que eu vejo quando olho para ele. A performer e pesquisadora Eleonora Fabião lembra, sobre a proposição espinosiana, que:

Um corpo não é separável de suas relações com o mundo posto que é exatamente uma entidade relacional. O corpo espinosiano não está e nunca estará completamente formado, pois que é permanentemente informado pelo mundo, ou, parte de mundo que é. (2009, p.238).

A gestante está presa a um corpo temporário de aproximadamente 40 semanas de transição; transição que se mantém durante o puerpério, quando, porém, já é uma ex-gestante, perdendo parte de seu prestígio e precisando, então, *performanser* a mãe.

O meu centro exterior expunha o arquétipo materno, o que me incomodava porque, com ele, era preciso performar um papel, e eu não queria performá-lo: queria vivê-lo, experimentá-lo – eu não sabia, até então, que viver é também performar – *performanser, performanviver*. Eu descobri, progressivamente, que:

Um arquétipo, por sua natureza, não é de modo algum um preconceito simplesmente irritante. Ele só o é quando não está em seu devido lugar. Pertence aos mais supremos valores da alma humana, tendo por isso povoado os Olimpos de todas as religiões. Descartá-lo como algo insignificante representa realmente uma perda. Trata-se muito mais, por conseguinte, de solucionar essas projeções, a fim de restituir os seus conteúdos àquele que os perdeu por tê-los projetado fora de si, espontaneamente. (JUNG, 2000, p.94)

Descobri, ainda, que eu possuía inúmeros centros dentro do corpo, que “destila uma polissemia de sentidos, a um só tempo ético e estético, tensionado sob as noções de

conveniência, dignidade, natureza, beleza e imitação.” (MATESCO<sup>21</sup>, 2009). Entendi que “se o performer evidencia corpo é para tornar evidente o corpo-mundo.” (FABIÃO, 2009). E o meu corpo, de um grande centro exterior e inúmeros outros centros, havia se tornado uma grande Mandala. Encontrei comigo mesma produzindo Mandalas, versões de mim, “o Todo na Unidade e a Unidade no Todo” (DAHLKE<sup>22</sup>, 2007):

É quase impossível criar mandalas sem se pôr interiormente em movimento. A mandala é movimento, é a roda da vida, a imagem do universo, que surge continuamente do mesmo centro, desenvolvendo-se para o exterior e ao mesmo tempo convergindo da multiplicidade para o centro unificador. (DAHLKE, 2007, p.28)



Fonte: Mariana Souza do Rego (2020). Desenho com pastel oleoso e Pintura em aquarela.  
Título: Mandala útero: o segundo coração

Você já ouviu um coração bater? Ele bate alto e forte. É uma canção ritmada. O seu coração bate do lado esquerdo do útero, como o meu bate do lado esquerdo do peito. Tem dois corações em mim. O útero é uma casa em obras que se arranja e se renova e se redecore. O útero é uma casa com flores decorativas na varanda para receber a visita. O útero é uma casa quente para abrigar o coração que chegou no verão, bateu forte no

<sup>21</sup> Viviane Matesco é Doutora em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Atualmente é curadora da rede de museus ligados à Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>22</sup> Rüdiger Dahlke é médico alemão naturalista e psicoterapeuta. A partir de estudos sobre a psicologia junguiana, encontrou nas mandalas o modelo arquetípico original da existência humana.

outono, vai crescer no inverno e virar flor na primavera. Flor natural. Meu corpo é flor. Meu corpo é árvore. Meu corpo é terra, é virgem. É deusa virgem que sempre achou que sozinha se bastasse. Mas plantaram uma flor em mim, em meu útero. E hoje eu te sinto, flor, na minha pele, nos meus olhos molhados, no meu peito emotivo e dolorido. Meu peito cresceu, porque agora precisa caber você. Eu estou plantando uma flor em mim. Diariamente.<sup>23</sup>

Realizei muitos encontros comigo mesma nesse período. Olhava-me no espelho, minha tatuagem esticou, meu peito cresceu, minha barriga cresceu. Minha bunda diminuiu? Grávidas são sensuais? Sentia e via dos seios ao umbigo. Abaixo disso não via mais nada. Mas sentia. Um novo peso na coluna, um novo peso dos seios que apoiava nas mãos, “vaca das divinas tetas, deusa de assombrosas tetas”<sup>24</sup>. Um corpo inteiro de gestante. Alisava, com carinho, meu corpo. Tudo que cresceu e tudo que diminuiu. Respirava profundamente. Por quantas transições um corpo passa em uma vida? Deitava-me na cama para pensar sobre o agora, sobre o passado, sobre o futuro. O corpo sempre de lado. Um umbigo conecta um corpo a outro corpo, a outro corpo, a outro corpo, a outro corpo. Uma geração enorme de mulheres. Pensava sobre o útero, o de minha mãe, que me gerou; o de minha filha, que estava sendo formado dentro do meu. Será que ela terá orgulho de ter nascido mulher? Concordava com Chimamanda “Precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente.”. Eu o saberei? Então não pensava mais. Só sentia. Sentia o meu corpo. Sentia o corpo de minha filha. E então finalizava o encontro.

Sim, foram muitos os encontros comigo mesma, e de todos eles surgia uma – às vezes umas – Mandala (-s). Às vezes eu me arrumava para o encontro; outras, ele simplesmente acontecia, e quando eu me dava conta, lá estava eu em um encontro. De todos eles eu saía com uma nova ferida.

*“Eu não sou boa nesse negócio de fazer mandala!”*

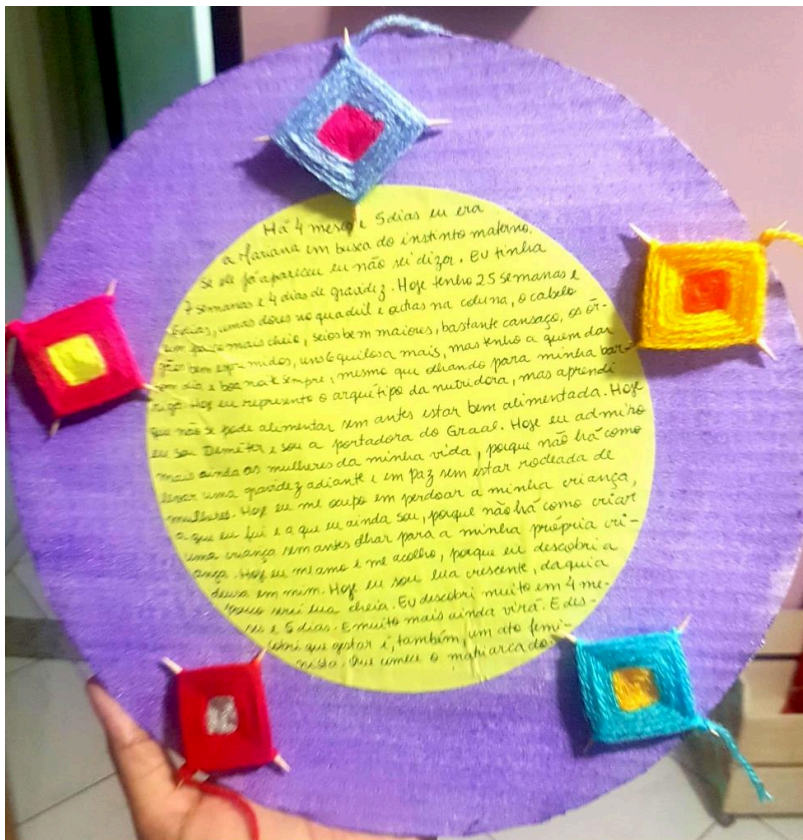
*D.C., em encontro ocorrido no dia 19 de julho de 2020.  
D.C. é uma grande amiga há 13 anos, foi a primeira pessoa a saber que eu estava com um exame positivo nas mãos. Um mês e meio depois, ela estaria na mesma posição que*

---

<sup>23</sup> Acervo pessoal. Texto e imagem produzidos em 10 de abril de 2020.

<sup>24</sup> Trecho da canção “Vaca profana”, de Caetano Veloso.

*eu. Também viveu uma gravidez não planejada. A fala acima foi logo após ter quebrado, pela segunda vez, os palitos que utilizava na construção de sua Mandala.*



Fonte: Mariana Souza do Rego (2020). Pintura com guache e construção de Mandalas *Ojo de Dios* com fios de lã e palitos.

Título: Mandala do autorretrato

Há quatro meses e cinco dias eu era a Mariana em busca do instinto materno. Se ele já apareceu eu não sei dizer. Eu tinha 7 semanas e 4 dias de gravidez. Hoje eu tenho 25 semanas e 6 dias; umas dores no quadril, outras na coluna; o cabelo um pouco mais cheio; seios bem maiores; bastante cansaço; órgãos bem espremidos; uns seis quilos a mais. Mas tenho a quem desejar “bom dia” e “boa noite” sempre, mesmo que olhando para a minha barriga. Hoje eu represento o arquétipo da nutridora, mas aprendi que não se pode alimentar sem antes estar bem alimentada. Hoje eu sou Deméter e sou a portadora do Graal. Hoje eu admiro mais ainda as mulheres da minha vida, porque não há como levar uma gravidez adiante e em paz sem estar rodeada de mulheres. Hoje eu me ocupo em perdoar a minha criança, a que eu fui e a que eu ainda sou, porque não há como criar uma criança sem antes olhar para a minha própria criança. Hoje eu entendi que:

A dita maturidade não existe de um modo taxativo, pois carregamos conosco restos da nossa infância e adolescência pela vida afora. Esses restos, enquanto memórias não elaboradas, ainda falam em nós, produzem sintomas e estão na gênese dos desejos mais importantes. É na condição de passageiros clandestinos – que de tanto em tanto se organizam em motim e mudam o curso da embarcação – que a criança e o jovem que fomos viajam pela vida afora, ou seja, entranhados e escondidos num sujeito dito crescido e amadurecido (CORSO<sup>25</sup>, 2006, p.229)

Hoje eu me amo e me acolho, porque eu descobri a deusa em mim. Hoje eu sou lua crescente, daqui a pouco serei lua cheia. Eu descobri muito em quatro meses e cinco dias. E muito mais ainda virá. E descobri que gestar é, também, um ato feminista. Começa o matriarcado.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Diana Corso e Mário Corso são psicanalistas, mãe e pai interessados na pesquisa, do ponto de vista psicanalítico, sobre como os contos de fadas e as histórias atuais se refletem nos comportamentos das crianças e das famílias.

<sup>26</sup> Acervo pessoal. Texto e Mandalas produzidos em 14 de setembro de 2020.

## 2. Lua Crescente

*Em que espelho ficou perdida*

*A minha face?*

*(Cecília Meireles, Retrato)*

No segundo trimestre da gestação, o corpo começa a dar sinais visíveis de que algo está acontecendo. A Lua Crescente aparece, mas a parte iluminada é menos de sua metade. Então a mulher-mãe se prepara para social e culturalmente *performanser*, *performanviver*: é prazeroso contar sobre a gravidez a conhecidos e desconhecidos; é adequado usar o direito de ser preferencial em filas e vagas de estacionamentos; o corpo assume novas formas e padrões de comportamento, sendo necessário rever algumas roupas que já não cabem mais – no novo corpo e na nova mulher. Uma Mandala, ainda tímida, começa a aparecer bem no centro do corpo. Como é ter uma Mandala no próprio corpo? Como é ser uma Mandala? Ser Mandala é o mesmo que ser Lua?

Foi na minha Lua Crescente gestacional que realizei meus encontros com as gestantes, porque essa é a Lua ideal para o momento de projetar. A energia criativa da minha Lua Crescente me fez gestar ideias e uma vida. Eu e as gestantes projetávamos expectativas e, dividindo esses projetos, produzíamos Mandalas. Eram encontros de cuidado, éramos apoio uma para a outra. E por que Mandalas?

Eu não o sabia na época, mas meu corpo, intuitiva e espontaneamente, sabia. Mandalas surgem quando se consegue olhar para o próprio centro de uma nova perspectiva, é o projeto de um novo centro – olha aí a Lua Crescente – por onde tudo se une – e se desune. A Mandala é a fertilidade. A Mandala é o feminino. A Mandala é a divindade. A Mulher é a Divindade.

A sincronicidade entre o ciclo da Lua e o ciclo das mulheres também reflete a ligação entre a mulher e a Divindade. Por meio de seu ciclo, a mulher carregava o mistério da vida em seu próprio corpo e era capaz de criar a vida e garantir o futuro de seu povo. Ao trazer o não manifesto ao mundo da criação, cada mulher detinha os poderes do universo de dar a vida, de sustentar e de criar. (GRAY, 2017, p.90)

Hoje é noite de Lua Crescente, a primeira do ciclo deste mês. O céu está parcialmente iluminado para o desenvolvimento de um novo projeto. Mas qual é o meu projeto atual como mulher-mãe-artista-pesquisadora? Eu deveria estar energizada, com uma luz se expandindo do meu centro. Inúmeras vezes tenho a sensação de que me

tornei apenas mulher-mãe. Como reabrir o espaço para a artista-pesquisadora? E o espaço para a mulher-não-mãe?

## 2.1 Os encontros com as Mandalas

*“D.C.: O que eu faço se eu não gostar, achar feia?”*

*Eu: Você pode lidar com isso; ou pode desfazer e refazer.*

*D.C.: Então eu vou desfazer e refazer.*

*Eu: Você é corajosa. Não sei se conseguiria.”*

*D.C., em encontro ocorrido no dia 19 de julho de 2020.*

*Ao perceber que não havia gostado da combinação de cores de sua mandala, escolheu reconstruí-la, sem medo de desfazer o centro e reencontrá-lo.*

Produzi uma Mandala *ojo de dios*<sup>27</sup> sem conhecer sua história e sua simbologia, quando uma amiga terapeuta falou “essa mandala é, segundo a tradição, um presente para o bebê que irá chegar”. Dei-me conta da sincronicidade, fui invadida pela cultura da Comunidade Huichol<sup>28</sup> e passei a produzir Mandalas *Ojo de Dios* em meus encontros comigo mesma. Eu finalizava a produção das Mandalas sempre muito modificada, com menos enjoo e dor de cabeça – típicos no primeiro trimestre de gestação, a minha Lua Nova –, de bom-humor e em paz. Quantas gestantes vivem o peso da gravidez – físico e emocional – sem saber que podem experimentar uma atividade artística/ artesanal/ terapêutica a fim de diminuir a carga que carregam?

Percebi, então, que essa atividade e essa história não poderiam estar isoladas em mim, era preciso dividi-las e ouvir outras histórias, para que juntas, nós, gestantes, pudéssemos sair do silêncio que nos impuseram, para que não precisássemos, entre nós, performar um corpo, uma santidade; ou para que pudéssemos performá-lo sem ressentimento, *performansendo e performanvivendo* sem culpa. Ouvir outras gestantes

---

<sup>27</sup> Os pais elaboram *ojos de dios* para seus filhos em um ritual de proteção espiritual quando uma criança nasce. Com isso, as energias negativas que podem estar presentes no ambiente se dissipam. Esse mesmo processo se repete a cada aniversário, sendo adicionado um *ojo* ao lado do primeiro – o *ojo* central – até que a criança complete cinco anos de idade. Então, as crianças estão preparadas para tecer seus próprios *ojos de dios*.

<sup>28</sup> Grupo étnico indígena do México que vive em Sierra Madre Occidental nos estados de Nayarit e Jalisco. Vivem isolados das zonas urbanas, conseguindo, portanto, manter suas práticas culturais originais. Na produção de tais mandalas, esses indígenas projetam o interior no exterior, conquista que nós, que vivemos em comunidades urbanas, não conseguimos atingir.

era, para mim, saber que elas, como eu, têm suas próprias histórias e são sujeitos ativos dentro delas, não objetos cuja única função é ocuparem-se da vida de outra pessoa.

Krenak, filósofo e líder indígena, argumenta que contar histórias é uma forma de adiar o fim do mundo, e certamente os padrões de maternagem impostos pelo patriarcado levam ao fim do mundo. Ouvir histórias e compartilhá-las aqui – ou em qualquer outro meio de *performanser* e *performanviver* – nos faz sobreviver como mulheres-mães.

Mulheres-mães contam histórias de suas crias e para suas crias. Quem faz uma Mandala conta uma história. E eu me pergunto quando e como eu perdi, antes de gestar, o acesso às minhas Mandalas interiores, subjetivas e biológicas<sup>29</sup>. Quando e como, antes de gestar, eu deixei de olhar para mim como uma Divindade? Havia eu me tornado, na humanidade Zumbi definida por Krenak, apenas uma cliente, uma consumidora que não ouve as histórias?

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p. 32)

Essa questão não se restringe a mim. Embora as Mandalas estejam muito presentes como objetos de consumo, na cultura ocidental estão ausentes como objetos sagrados. Se perdemos a conexão com nossas raízes, com nosso centro, logo, também a perdemos com nossas Mandalas subjetivas e biológicas.

O ocidente criou com as rosáceas góticas uma das formas mais desenvolvidas de expressão da mandala, ao reunir luz, cor e forma numa unidade. Com isso, o ciclo de desenvolvimento da mandala neste lado do mundo evidentemente foi cumprido, e a mandala desapareceu primeiro da arte e, depois, da consciência. Paulatinamente, todo o pensamento unitário e sagrado foi suprimido pela compreensão intelectual racional e fragmentada no mundo. O declínio da mandala no mundo interior começa no Ocidente e é justamente esse modo de pensar que hoje nos leva à decadência da mandala no mundo. (DAHLKE, 2007, p. 58).

---

<sup>29</sup> Para Miranda Gray, artista e professora de terapias integrativas, nossas mandalas biológicas estão associadas ao ciclo menstrual e à menopausa. A primeira menstruação e a menopausa marcam um rito de passagem para a aceitação de que somos cíclicas, e aí reside a nossa divindade e a nossa força. A menstruação passou a ser, porém, reprimida pelas sociedades patriarcais, deixando de ser sagrada. “As mulheres menstruadas eram vistas como uma finde viva de energia destrutiva, cuja feminilidade tinha um poder mágico imensurável que não poderia ser contido, a não ser que essas mulheres fossem banidas da comunidade ou mesmo do mapa.” (GRAY, 2017, p.25). Reflito, junto com Miranda Gray, sobre a Mandala biológica em que me encontro na condição de lactante que não menstrua e também não está na menopausa. Na posição de lactante, reconheço-me como divindade que oferece o corpo como gerador de alimento e identifico o estágio cíclico em que me encontro.



As Mandalas *ojo de dios* seriam, então, um símbolo de resistência, se pensarmos que os espanhóis, fixos na ideia da conquista, destroçaram as culturas da América Central e de grande parte da América do Sul.

As culturas indígenas da América do Norte, com suas mandalas de areia, foram vencidas pelos europeus, unidos sob a liderança dos ingleses. Na verdade, os europeus estavam em desavença uns com os outros, mas puseram-se de acordo ao avançarem contra as culturas unitariamente orientadas das Américas do Norte e do Sul. Nos outros continentes, as culturas “sagradas” também não tiveram nenhuma chance contra o novo modo de pensar e agir. Dessa forma, a mandala sucumbiu também na Índia, onde determinava toda a vida. (DAHLKE, 2007, p. 61)

Povos dominadores como os espanhóis representam as tribos patriarcais que conquistaram seu espaço por volta de 3000 a.C. e mantiveram seu modelo de organização social e cultural até os dias atuais.

Em torno de 3000 a.C. as culturas da Deusa - que tinham florescido ao redor do mundo durante pelo menos 30.000 anos - começaram o seu declínio devido ao fortalecimento e expansão das tribos patriarcais e nômades, que cultuavam deuses solares e guerreiros. Entre 4000-2500 a.C. ondas sucessivas de migrações das tribos protoindo-europeias do Norte da Europa e da Ásia Central se deslocaram para Índia, Oriente Próximo e Oeste europeu. Os povos nômades eram conquistadores, usavam cavalos e armas de bronze e reverenciavam deuses dos raios, trovões e combates, sendo antagonistas dos cultos da Deusa das culturas agrárias e pacíficas. [...] Predominou a violência, escravidão, pilhagem, estupros, mortes e queimas de templos e lares dos povos conquistados. As mulheres perderam o papel da sua autoridade anterior, espiritual ou social, e progressivamente foram proibidas de exercer qualquer ritual ou culto da deusa.

As tribos patriarcais ergueram suas civilizações e religiões sobre a ruína e a conquista dos povos que reverenciavam a Terra como Mãe e a Lua como Deusa; eles impuseram seu modelo de organização embasado na dominação e destruição por tecnologias cada vez mais eficientes. Os valores da sacralidade feminina, os direitos e dons das mulheres começaram a desaparecer nas brumas do esquecimento, devido a permanentes negação, repressão e perseguição. O sexo da principal divindade foi mudado de Mãe para Pai e as figuras de Deus, rei, sacerdote e pai substituíram os valores e a importância da Deusa, rainha, sacerdotisa e mãe; mitos e rituais foram reescritos com base nos novos conceitos. (FAUR<sup>30</sup>, 2020, p. 24 e 25)

Se a Mandala representa a divindade feminina, ela foi igualmente banida ou distorcida. Assim como as mulheres se tornaram esposas, amantes e filhas, Mandalas se tornaram ornamentos.

---

<sup>30</sup> Mirella Faur é uma respeitada líder dos movimentos espirituais “Ressurgimento do sagrado feminino” e “O retorno à Deusa”. Formou e conduziu círculos de mulheres em Brasília, estimulando leituras e conhecimentos de grupos e culturas que não se pautassem em conceitos e valores patriarcais.

*As ojo de dios* e os povos Huicholes resistiram porque, como outros povos, suas culturas e também as mulheres, se mantiveram firmemente ocupados com a manutenção de suas histórias – ainda que isso não seja uma garantia de que não sofram genocídio.

Produzi muitas Mandalas em minhas passagens pelas Luas, vivi com os ritmos da minha natureza. Fui Mandala, fui Lua. E venho tentando continuar a ser.

Recentemente, Amora, mexendo em minha estante de livros, pegou para brincar (brincar?) meu oráculo de Mandalas. Será que Amora se orgulhará de ser Mandala, de ser Lua? Ao rearrumá-lo, fui acidentalmente atravessada pela 3ª carta ou 3º caminho. Paralisei em sua imagem para, depois, buscar no livreto explicativo que energia aquela carta traria para meu caminho. Entre outros dizeres, havia:

Estar neste caminho equivale a aceitar o colo protetor e alimentador da Grande Mãe.

A Mandala do 3º Caminho atua sobre o inconsciente produzindo ligação com o lado maternal da existência. [...]

Quando você tirar a Mandala 3, este é o momento para melhorar sua ligação com a Mãe Divina e receber de sua mãe carnal apoio valioso. (FIORAVANTI<sup>31</sup>, 2019, p. 18 e 19).

Sincronicidade.



Imagem da carta 3 do livro “Mandalas: 32 caminhos de sabedoria”.  
Mandala criada pelo artista plástico Vagner Vargas.  
Acervo pessoal (2021)

<sup>31</sup> Celina Fioravanti é artista plástica, escritora e taróloga. Acredita no caráter terapêutico das mandalas para a evolução espiritual.

## 2.2 As Mandalas: tradição e feminino

*“Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos.”*

(KRENAK, 2019, p.14)

Mandalas são clichês. Invadiram os comércios, as casas, como objetos decorativos, e os corpos, em formato de tatuagem, ignorando-se, frequentemente, suas histórias, suas significações e seus usos terapêuticos.

Pessoas que produzem Mandalas são clichês. Eu sou clichê. Tudo culpa da maternidade.

Mandalas *ojo de dios* também se tornaram clichês, estão na moda. Há inúmeros vídeos no Youtube de pessoas ensinando como as fazer, uma vez que adquiriram o caráter de artesanato. Em geral pessoas brancas, e não mexicanas de ancestralidade indígena que não identificam que as Mandalas *ojo de dios* podem ser, para os Huicholes, o símbolo de sua resistência. E assim acontece com tudo que é posto à venda.

Para além dos elementos de aculturação, como sincretismos e assimilações culturais, a interação nem sempre se dá de maneira tranquila e acaba gerando conflitos que remetem à questão do apagamento ou do esvaziamento de significados, abrindo a discussão sobre os limites de uso e gerando todas as controvérsias que desembocam na apropriação cultural.

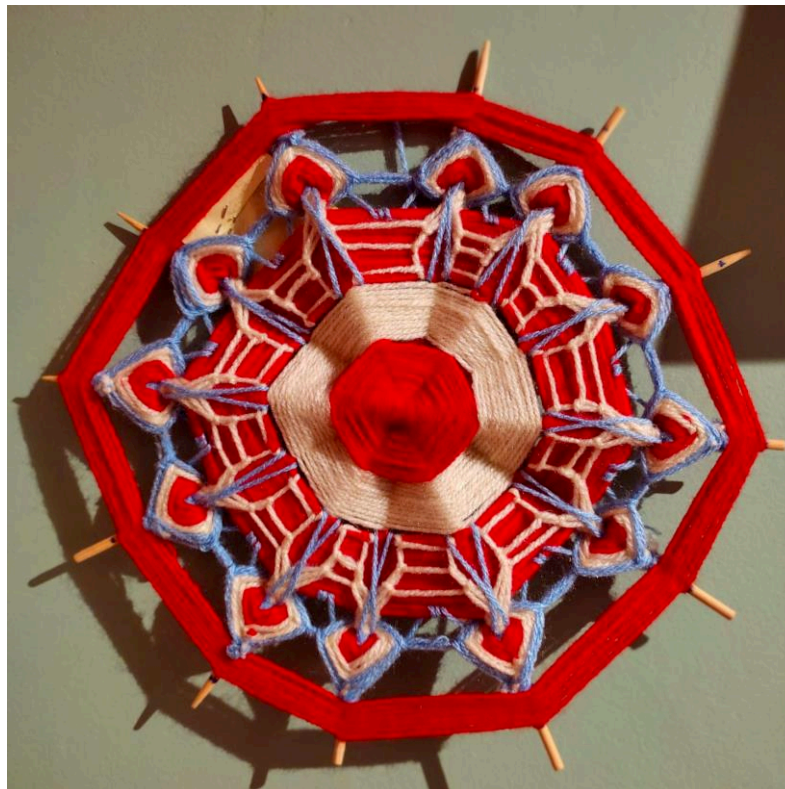
Junta-se a tudo isso as especificidades do capitalismo e da sociedade de consumo e não será difícil concluir que a manutenção da dominação e do lucro como demandas prioritárias revela como as questões econômicas, num mercado cada vez mais desumano, direcionam o mundo moderno. [...] a falta de comprometimento ético com a história de alguns grupos impede que se conheçam minimamente alguns traços culturais e de identidade que deveriam ser respeitados. Lembrando [...] Abdias Nascimento, deixar de olhar para as coletividades, além de impossibilitar a convivência e o diálogo na diversidade, constrói uma noção de universalidade que acaba condenando grupos marginalizados a um extermínio disfarçado de integração. (WILLIAM<sup>32</sup>, 2020, p. 37).

Essa discussão trazida por Rodney William reforça a reflexão de que os povos Huicholes, toda sua cultura material e imaterial e inúmeros outros grupos colonizados, corriam e correm risco de desaparecimento.

---

<sup>32</sup> Rodney William é Doutor em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela PUC-SP. Cresceu em rodas de samba e capoeira e em terreiros de umbanda em candomblé. Há mais de 20 anos pesquisa racismo, relações raciais e religiões de matriz africana.

Mandalas *ojo de dios* se organizam tradicionalmente em torno de quatro pontos – mesmo que, atualmente, se façam estas mesmas Mandalas com oito ou até mesmo doze pontos.



Mandala *ojo de dios* de doze pontos feita por mim em 03 e 04/07/2020.  
Acervo pessoal (2021)



Mandala *ojo de dios* de seis pontos feita por D.C. em 22/07/2020, três dias após o nosso encontro. A que fizemos juntas, de quatro pontos, ela, corajosamente, desfez.  
Acervo pessoal (2020)



Mandalas *ojo de dios* produzida por indígena mexicano. (Fonte: <http://reginamilone.blogspot.com/2018/08/ojos-de-dios-olho-divino-mandalas.html>. Último acesso em 11 de outubro de 2021)

O olho divino – *Si'kuli* – está no centro da Mandala, tem forma de um cristal e por ele se pode ver melhor. Sempre haverá algo que desejamos ver melhor, mesmo que muitas coisas estejam além da visão.

É comum que Mandalas contenham uma quaternidade ou múltiplos de quatro, projetando-se sob a forma de uma cruz, tal como as *ojo de dios*. A quaternidade simboliza uma unidade, uma conexão com a imagem divina. Como as culturas se conectam, mesmo sem o saber, para os povos Huicholes, a quaternidade também traz a simbologia da unidade. Os quatro pontos das suas Mandalas podem ter diferentes sentidos, como os ciclos da vida na natureza que possibilitam a vida – sol, lua, chuva e crescimento de vegetais –; os pontos cardeais, sendo o centro um quinto ponto que representa a conexão com o divino; ou mesmo os elementos terra, água, fogo e ar.

Para o índio, a criação é a manifestação da harmonia, e nela ele reconhece a lei da polaridade, assim como a subsequente lei do quaternário: ele reconhece, exatamente como os nossos antepassados, a dependência e combinação dos quatro elementos e das quatro estações do ano, dos quatro pontos cardeais, das quatro fases da vida e das quatro raças humanas. Para o índio quando um dos quatro polos abandona a ordem, todo o equilíbrio é perturbado. Por exemplo: desde que as quatro raças humanas combatem entre si, em vez de se complementarem, a natureza, com suas estações do ano, saiu de seu ritmo e, com suas catástrofes, nos obriga a retornar (o que para nós não é também uma ideia inteiramente nova). (DAHLKE, 2007, p. 245)

Para essa cultura, os seres humanos, sua alma e o universo estão conectados. Envolvidos em todos os possíveis sentidos de significação dos pontos e olhos das Mandalas, os Huicholes sentam-se em roda, em meditação coletiva, e iniciam a produção de suas *ojo de dios*. Vivem em torno do agora, não do passado ou do futuro. Entram em contato com o mundo espiritual e fazem pedidos de saúde, felicidade, prosperidade e proteção. A meditação leva à oração, que leva à produção artística-cultural. Ainda que se traduza como uma tradição cultural, essa atividade não deixa de ter relação com nossos estados psíquicos.

Além disso, conta a tradição que, para os Huicholes, a alma reside no centro da cabeça, exatamente onde, nos bebês, está localizada a moleira, parte do crânio ainda não totalmente formada. A criança teria, então, chance grave de perder a sua alma durante seus primeiros cinco anos de vida. As Mandalas seriam, portanto, uma proteção para cada criança que nasce. Tradicionalmente, o olho central da Mandala é tecido pelo pai e a cada ano de vida é adicionado um novo olho, até que ela complete seus cinco anos de vida e sua alma esteja segura dentro do corpo. Então é feita uma cerimônia, um rito de

passagem, e pai e filha/o mergulham no mar ou no rio, onde deixam, em forma de oferenda e agradecimento, a Mandala construída ao longo desses anos, e são gratos pela preservação da vida da criança. Após a cerimônia em que são apresentadas aos deuses e iniciadas na vida cerimonial, as crianças Huicholes estão prontas para começar a tecer suas próprias Mandalas, podendo fazer seus próprios pedidos aos deuses.

Como essa pesquisa se firma em torno do questionamento do patriarcado, aqui as Mandalas são feitas pelas mulheres-mães, e não pelos pais.

Produzir as Mandalas *ojo de dios* com as gestantes não tinha como objetivo, de maneira alguma, levar a elas ensinamentos sobre esses povos ou reproduzir fielmente as Mandalas feitas pelos Huicholes. Também não era minha intenção reproduzir seus rituais – embora a prática de Mandalas me gere estado meditativo e eu pretenda oferecê-las, junto com Amora, à natureza. Mas eu seria incapaz de entender sua cultura com profundidade, “o simples fato de conhecer a cultura do outro, ainda que de forma profunda, não nos converte em um integrante.” (WILLIAM, 2020, p. 39). Tentar reproduzir essa cultura seria, para mim, seguir o comportamento colonialista que esvazia os sentidos e a origem de símbolos sagrados. Em todos os encontros com as gestantes, quando me dispunha a ensiná-las a produzir *ojos de dios*, contava sobre o grupo cultural que as manteve vivas, assumindo minha responsabilidade de tentar não cometer práticas de apropriação cultural. “Não se pode simplesmente desconsiderar os significados reais dos elementos de uma cultura e submeter seus membros, que já sofrem uma opressão sistemática, a mais processos de expropriação.” (WILLIAM, 2020, p. 54). Concordo, ainda, com Diana Taylor:

A performance e a estética da vida cotidiana variam de comunidade para comunidade, refletindo a especificidade cultural e histórica existentes tanto na encenação quanto na recepção. (TAYLOR, 2013).

Huicholes são povos que valorizam a manutenção de sua tradição e de seu ambiente natural para compreender o mundo. Trazê-los para esta pesquisa esbarrou na dificuldade de entender que a tradição é, também, ciência. No mundo ocidental, “a Ciência se reconhecerá como um conhecimento distinto e superior a todos os outros saberes por que privilegia o que entende por razão, objetividade, verdade e

interpretações universais.” (ALMEIDA<sup>33</sup>, 2017, p. 43). A ciência, esse conhecimento técnico que é aceito desde a academia à mesa de bar, mas que produz tantas desigualdades, acusa os saberes da tradição de produzirem mitos, criando, como discute Almeida, “bipolarizações sucessivas” entre “cultura erudita e popular, elite intelectual e cidadão comum, alfabetizados e analfabetos” (Ibid p. 44). Essa bipolarização massacra povos como os Huicholes e seu capital cultural, sem perceber que “a diversidade das culturas se expressa como um valor a ser preservado, garantido, incentivado, apreciado, cultivado.” (Ibid p. 47). Entender que os saberes da tradição podem sim ser chamados de ciência é concordar que:

Os dois modos de operação do pensamento – o simbólico/mítico/mágico e o empírico/lógico/racional – estão imbrincados, operam mestiçagens e hibridações, e isso em qualquer sociedade, da mais letrada à mais arcaica. Todos os homens fazem uso dos dois modos de conceber o mundo que se parasitam intensamente. O simbólico e o racional. (ALMEIDA, 2017, p. 49)

É o que também defende o professor português Boaventura de Sousa Santos ao argumentar que existe uma incompletude de todos os saberes e é exatamente isso que permite o diálogo entre eles. Para essa discussão, o professor utiliza a expressão “ecologia dos saberes”, que:

Visa criar um novo tipo de relacionamento entre o saber científico e outras formas de conhecimento. Consiste em conceder “igualdade de oportunidades” às diferentes formas de saber envolvidas em disputas epistemológicas cada vez mais amplas, visando à maximização dos seus respectivos contributos para a construção de “outro mundo possível”, isto é, de uma sociedade mais justa e mais democrática, bem como de uma sociedade mais equilibrada em relação à natureza. (SANTOS, 2004, p. 19).

Porém, como inserir, em uma pesquisa acadêmica, a cultura de povos tão pouco estudados, com tão pouca literatura sobre eles, sem cair nos equívocos do pensamento hegemônico colonialista patriarcal?

Fico me perguntando o quê eu, uma jovem de classe média que nasceu e viveu toda a vida no espaço urbano, tem em comum com esses povos. Qual é a minha tradição? Qual é a minha ancestralidade?

---

<sup>33</sup> Maria da Conceição Xavier de Almeida é Doutora em Ciências Sociais com foco em Antropologia pela PUC-SP e professora da UFRN. Problematisa e desconstrói ideias já consolidadas sobre saberes científicos dentro das academias.



Quando criança, chamavam-se de indiazinha. Esse apelido se resumia à minha aparência física e aos simplismos aplicados à população indígena até hoje. Entretanto, contaram-me uma vez, umas vezes – não me lembro se fora meu pai, ou meu avô, ou alguma tia, ou se eu inventei – que nossa família paterna, oriunda do estado da Paraíba, tem ancestralidade indígena. De onde, pai? De qual etnia? Alguma tribo específica? Viviam em comunidades indígenas? Caçavam?

Eu nunca recebi respostas para tais perguntas, mas foi apenas na vida adulta que entendi que não as deveria fazer. Os movimentos migratórios, a miséria, a exploração dos povos indígenas e dos nordestinos em geral não nos permite saber de onde vêm nossas famílias. Eu colocava meu pai em uma situação ofensiva: “ser interrogado sobre de onde se vem, mesmo que nunca tenha havido permissão para o saber.” (KILOMBA, 2019, p.179). Eu estava me comportando como uma estranha, uma estrangeira, como uma pessoa branca de posicionamento colonizador, mesmo sendo não-branca, quando questionava sobre parte da nossa história ancestral que foi ostensivamente separada de nós.

Minhas perguntas, portanto, continuariam sem resposta. Talvez eu tenha que fantasiar essas respostas, uma espécie de memória fabricada, e tornar-me para minha Amora uma contadora de histórias, como é o meu pai, como fora meu avô, como é Krenak.

Mesmo assim a minha origem ancestral continua a ferver em mim. Pergunto-me frequentemente o quê eu carrego no meu inconsciente pessoal que é resquício ancestral. Como foram as mulheres-mães que fizeram história na minha família antes da minha história?

Essa busca identitária se aprofundou durante as minhas 40 semanas de gestação. Antes de engravidar, eu me afastava de pensar sobre minha ancestralidade. Inúmeras vezes, em ensaios com meu grupo de teatro, as propostas da direção envolviam resgatar a minha origem, e eu fugia, como artista, inconscientemente. Parecia que eu não tinha origem, ou parecia que trazê-la para a cena era doloroso.

A encenadora norte-americana Anne Bogart relata em “A preparação do diretor” que foi em busca de sua história ancestral para entender qual era o seu lugar no teatro.

Eu queria reviver intensamente o passado para utilizá-lo. Quem e o que eu podia incorporar? Queria sentir o passado e seu povo na sala de ensaio junto comigo e permitir que eles influenciassem minhas escolhas como diretora. (BOGART, 2011, p. 31)

Para a diretora, “Se o teatro fosse um verbo, seria o verbo ‘lembrar’.” (BOGART, 2011, p.30). Ao gestar, parir, cuidar e me doar eu sou conduzida a lembrar, ainda que inconscientemente. Então, aquilo que eu tanto neguei em ensaios – na época em que eu gestava e paria projetos, não uma vida – me arrebatou fortemente e ainda me arrebatava.

Conto sobre o meu pai, a minha ancestralidade nordestina, de onde ganhei, orgulhosamente, o sobrenome “Rego”. Mas algo sobre a minha ancestralidade materna começou a me instigar. Talvez tenha sido a gravidez, que me levou à necessidade e à oportunidade de olhar para minha mãe com olhos mais generosos e menos julgadores. Além disso, eu já disse e repito: a pretensão aqui não é reproduzir o patriarcado. Então eu me pergunto sobre a história de minha mãe. Foi sendo mulher-mãe que eu entendi a minha mãe. É legítimo querer existir. É legítimo querer continuar existindo diante de tantos apagamentos de identidade consequentes de golpes do patriarcado. É legítimo sem culpa.

E para ela eu escrevo uma carta que talvez nunca seja entregue por falta de coragem. Uma carta que mistura saberes científicos e saberes da tradição, uma carta acadêmica e também íntima.

Carta para a minha mãe:

É impossível escrever para você sem estar coberta de lágrimas, porque com essa carta vêm histórias para além das nossas juntas, vêm histórias ancestrais que a maternidade me fez querer resgatar. Vêm nossas histórias atuais, nosso dia a dia, nossa conversa de hoje de manhã, nossas discussões quando você me diz “essa menina está precisando de limites”. E para me fazer coerente, escrevo sobre parto, nascimentos, maternidades.

Você nasceu de cesárea, você me conta. Nasceu pequena, bem pequena, cabia em uma caixa de sapato. Você me conta que foi um parto de risco, e minha avó precisou ir para um Hospital Maternidade em uma época em que os partos eram majoritariamente domiciliares e com parteiras, em uma época em que “Predominava uma cura empirista, religiosa, oral e de memória gestual, que, inevitavelmente, reverberava também na assistência ao nascimento.”<sup>34</sup>, em uma época em que a assistência ao parto era ofício,

---

<sup>34</sup> CARNEIRO, 2011, p. 26. Rosamaria Giatti Carneiro é antropóloga, Doutora em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. É professora do curso

não profissão, em uma época em que parto era assunto de mulher. Você me conta. Hoje a situação se inverteu completamente, e um parto domiciliar nos espaços urbanos é privilégio de famílias bem abastadas financeiramente.

Eu nasci de cesárea, você me conta. Você iria fazer uma laqueadura, pois meu pai se recusara a fazer vasectomia. Na verdade, você me conta que meu pai desejava ter cinco filhos. Cinco. Mas o corpo é seu, mãe. E

Se as mulheres não têm o direito de escolher o que acontece com nosso corpo, arriscamos renunciar direitos em outras áreas da vida. No movimento feminista renovado, a questão geral de direitos reprodutivos precede qualquer outra questão. [...] Se educação sexual, medicina preventiva e fácil acesso a métodos contraceptivos forem oferecidos para todas as mulheres, menos de nós teremos gravidez indesejada. (hooks<sup>35</sup>, 2018, p.33)

Para não correr o risco de ter cinco filhos, você fez uma laqueadura. Você entrou em trabalho de parto e você me conta que a evolução foi rápida, pois já era uma múltipara. Não fosse a maldita laqueadura – ou a maldita recusa à vasectomia –, eu teria nascido de parto normal. Você me conta.

Você me conta, ainda, que quando se casou era muito boba e ingênua, logo engravidou, abandonou cursos, ficou estagnada em um emprego que não a satisfazia e emagreceu muito, muito mesmo. Você me conta que ficou da finura do meu antebraço. Nos anos 1970 e 1980, diferentemente do que esta pesquisa-narrativa-diário propõe, a maternidade era fantasiada por amor e felicidade, ocultando-se o esgotamento, a frustração, a solidão, a culpa, o tédio, o esquecimento de si, a prisão domiciliar, a privação do sono e todo outro tipo de conturbação.

Quando eu te contei sobre meu desejo por um parto natural sem intervenções – e por isso não poderia continuar meu pré-natal com Dr. C. da L. –, você me chamou de mimada, disse que eu estava com mania de feminismo e achava que ninguém me respeitava. Disse que não fazia sentido a comparação que eu fizera sobre a medicina intervir abusivamente nos corpos femininos, mas não nos masculinos. Disse que você fora rasgada<sup>36</sup>, anestesiada, tomara o famoso sorinho<sup>37</sup>, tivera sua barriga empurrada

---

de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília e do Programa de pós-graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da mesma universidade. Pesquisa saúde sexual e reprodutiva e direitos da pessoa gestante.

<sup>35</sup> Ferindo as normas da ABNT, escolho respeitar o desejo da escritora norte-americana de grafar seu nome com letras minúsculas. Para ela, nomes não têm valor, e sim as ideias.

<sup>36</sup> Episiotomia é um corte feito na vulva e na vagina, com um bisturi ou tesoura, de forma rotineira e ainda ensinado em cursos de Medicina. Difícilmente a equipe médica solicita consentimento da

(manobra de Kristeller<sup>38</sup>), não tivera acompanhante<sup>39</sup> e nem por isso morreria – mas a intenção era matar? Vivemos apenas para sobreviver a essas supostas tentativas de morte? Você me disse que Dr. C. da L. é um médico experiente e não mudaria por mim – você estava certa, mãe, eu é que deveria mudar de equipe médica. Disse – apelou – que eu poderia pegar Covid-19 em um Hospital Maternidade da rede SUS – e em um da rede privada não? Disse que eu poderia escolher o conforto, mas estava escolhendo o caminho da dor. É,

o desenvolvimento do bisturi, das pinças, das tesouras, do fórceps, dos antibióticos e da analgesia também teria auxiliado na consolidação da perspectiva de que as mulheres estariam mais amparadas nas instituições e sob conhecimento técnico e especializado. (CARNEIRO, 2011, p.31).

Mas eu não me sentia mais amparada pelo desenvolvimento da medicina e sua instrumentalização. A medicina me desamparava.

Mãe, essas suas palavras eu guardo comigo e aqui eu te conto. Hoje sem mágoa, porque entendi o seu subtexto: eu não tive a oportunidade de escolher, por que você pode?

Hoje, eu vejo, você jamais perceberia a violência obstétrica<sup>40</sup> pela qual passara, nem outras violências. A gente não percebe mesmo. “As crueldades mais sádicas já

---

parturiente para realizar tal procedimento, não aguardando o tempo espontâneo da saída do bebê. Hoje a episiotomia é considerada mutilação genital e se sabe que ela aumenta as chances de danos perineais.

<sup>37</sup> A Ocitocina sintética aplicada com soro durante o trabalho de parto estimula, artificialmente, as contrações uterinas e, supostamente, acelera o trabalho de parto. Infelizmente ela é aplicada recorrentemente nas parturientes, como parte do protocolo médico, sobretudo quando a equipe não deseja aguardar o processo fisiológico do corpo que produz a ocitocina natural. Esta age não apenas no útero, como também no cérebro. A OMS recomenda o uso do hormônio sintético apenas em casos de parturientes com risco de hemorragia pós-parto ou pré-eclâmpsia diagnosticada previamente.

<sup>38</sup> Compressão feita pela equipe médica no fundo uterino que supostamente ajudaria o bebê a descer. De acordo com o Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente (FIOCRUZ), não existe evidência científica de que essa manobra auxilie o trabalho de parto. Hoje é sabido que tal procedimento causa lesões maternas – fratura de costela, ruptura de útero, baço ou fígado, lesões perineais, escoriações abdominais – e, às vezes, neonatais, o que o caracteriza, oficialmente, como violência obstétrica. Porém ele continua sendo praticado em Maternidades brasileiras e não é descrito em prontuários.

<sup>39</sup> A Lei do Acompanhante é Lei Federal e data de 2005. Ela obriga toda a rede de serviços de saúde a permitir à gestante uma/um acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto. O primeiro parto de minha mãe foi em 1979, mas ela me conta que meu pai não quis entrar para acompanhá-la, pois disse não suportar emocionalmente tal evento. Ainda hoje a Lei do Acompanhante é descumprida em Maternidades privadas ou da rede SUS.

<sup>40</sup> “é a violência cometida contra a mulher grávida e sua família em serviços de saúde durante a assistência ao pré-natal, parto, pós-parto, cesárea e abortamento. Pode ser verbal, física, psicológica ou mesmo sexual e se expressa de diversas maneiras explícitas ou veladas. Como outras formas de violência contra a mulher, a violência obstétrica é fortemente condicionada por preconceitos de gênero.”

inventadas foram infligidas ao corpo da mulher acusada [de bruxaria], que serviu de laboratório ideal para o desenvolvimento de uma ciência da dor e da tortura.” (FEDERICI, 1942, p.70).

Hoje, eu vejo, você tem orgulho da minha decisão por um parto natural e relata isso aos conhecidos – para mim desconhecidos – com vaidade, exaltação. É bom ver que você tem orgulho de mim – porque eu sinto que você não tem orgulho de mim pelas minhas escolhas profissionais, acredito que nunca tenha dito “minha filha é atriz” com convicção do que diz, com orgulho. É interessante perceber que eu me tornei mãe, mas a condição de filha não saiu de mim. Eu sou filha como você também o é.

Em 2020, sua mãe faleceu vítima do Covid-19. Lembro-me de acordar do nada por volta das 6 da manhã e ouvir sua voz, você falava sobre enterro. Você me contou em tom de voz firme. Eu gestava uma vida e uma morte nos atravessava. Minha irmã disse que viria para nossa casa ficar conosco, e você me disse “Não precisa, vocês sabem que eu sou uma pessoa muito forte.” Mãe, essas palavras me doeram e eu também as guardo comigo. Sem dúvida você é forte. Muito forte. Você é uma feminista, embora não o saiba. Você rompeu barreiras e revolucionou dentro de sua família, saiu da esfera privada. Mas o pior de ser uma pessoa forte – uma mulher forte – é não ter o direito de sofrer. Isso faz parte das definições masculinas sobre a identidade feminina que se expressa como uma mulher forte.

Para se tornarem iguais aos homens, as mulheres renegaram a essência feminina, e conseguiram ser apenas os pálidos decalques de seus mestres. É preciso, ao contrário, reivindicar nossa diferença identitária e fazer dela uma arma política e moral. (BADINTER<sup>41</sup>, 2011, p.73).

Miranda Gray incrementa, ainda, a esse comportamento a repulsa ao ciclo menstrual. A terapeuta argumenta que nos convencem de que devemos enfrentar os sofrimentos de pé para não sermos vistas como pessoas fracas, mas isso anulou também a existência dos ciclos menstruais, que passaram ser sinal de vergonha, dor e desvantagem biológica. Aliás, nunca falamos diretamente sobre a minha menstruação, mãe. A menstruação certamente será assunto de que tratarei com Amora.

---

(disponível em [partodoprincipio.com.br](http://partodoprincipio.com.br)). O termo “violência obstétrica” é relativamente novo, embora mulheres sofram esse tipo de abuso há séculos.

<sup>41</sup> Elisabeth Badinter é uma filósofa feminista francesa. Questiona o pilar da “ideologia maternalista” baseado no conceito ultrapassado de instinto materno. Com a defesa de que as mulheres são historicamente livres, traz à tona a discussão de que os sustentáculos da sociedade conservadora mantêm sua ação dominadora contra as mulheres.

No quintal de casa, no mesmo dia do falecimento de sua mãe, você chorou. Brevemente, mas chorou. Foi a terceira vez que te vi chorar. A primeira vez que te vi chorar foi quando Vú, sua tia e mãe de criação, faleceu. Você chorava escondida no banheiro sentada no vaso. A porta não estava trancada, eu entrei, você disfarçou. A segunda vez que te vi chorar foi quando Eloy, seu pai biológico por quem você não fora criada e com quem não aparentava ter vínculo afetivo, faleceu. A cena se repetiu: você chorava escondida no banheiro. Eu era criança na primeira ocasião, pré-adolescente na segunda. Não soube como lidar, talvez não tenha entendido o que aconteceu, ou entendi sem entender. Eu mesma não sabia o que sentir com a morte de Eloy. Além disso, tivemos muitas barreiras na minha adolescência. A porta de acesso aberta na infância em algum momento se fechou. Vivi a adolescência com muitos segredos e lágrimas.

Ao contrário de você, eu choro bastante. Em público, sem vergonha, aqueles choros de soluçar, escorrer catarro. Um horror. E você me dizia e me diz “Mas precisa chorar?” E eu te digo “Precisa.”. Mãe, Amora vai ser livre para chorar. Dizer a uma criança que ela não pode chorar, para mim, é violência adulta contra crianças. Eu desejo que ela e as novas crianças saibam que sentir e se expressar é seguro. Eu desejo que ela e as novas crianças reconheçam que ser forte não é ter que se equilibrar na corda-bamba carregando um grande peso nas costas: o peso do patriarcado. Eu desejo que ela e as novas crianças usem a força na expressão da felicidade, não apenas na do sofrimento. Mas mãe, eu falo tudo isso sem saber, exata e detalhadamente, por quantas violências você passou e quantas vezes você precisou engolir o que chamam de fraqueza. Eu entendo sua forma de agir,

todos nós fomos socializados para aderir ao pensamento patriarcal, para aderir à ética da dominação que diz que os poderosos têm direito de comandar quem não tem poder e podem usar quaisquer meios para subordiná-los. Na hierarquia do patriarcado capitalista de supremacia branca, a dominação de mulheres por homens é justificada, da mesma maneira que a dominação adulta de crianças. (hooks, 2018, p.63)

Eu estou vivendo o meu momento de maternar, de fazer escolhas de maternagem. E você também as fez três vezes. A verdade é que não existem apenas dois modos de maternar – o meu e o seu. Existe uma infinidade deles. E que sejamos sábias para nos libertar do certo e do errado sem culpa. Com culpa materna não se derruba o patriarcado.

Me pergunto: será que um dia conseguiremos conversar de mãe para mãe? Ou será sempre uma conversa de filha para mãe/ mãe para filha? A filha da mãe será sempre a filha da mãe?

Mãe, por que fazemos filhas e filhos? Mãe, fazer filhas e filhos nos faz crescer? Ou envelhecer? Mãe, nós somos boas mães? Mãe, os hormônios bastam para fazer uma boa mãe? Mãe, existe vocação maternal?

Mãe, você já fez uma Mandala?

Mãe, eu fiz uma Mandala pra você.

Com amor. Muito amor, mesmo que falemos pouco sobre amor.



Uma Mandala para minha mãe.  
Mandala *ojo de dios* feita por mim utilizando galhos de loureiro.  
Fonte: Franco Albuquerque / Acervo pessoal (2021)

### 2.3 Mandala como caminho artístico e terapêutico

Não foram apenas as Mandalas que entraram em minha vida graças à minha formação em arteterapia. Como arteterapeuta, também pude conhecer melhor os estudos e práticas desenvolvidas por Jung e Nise da Silveira. Foi em uma aula no curso de arteterapia que me dei conta da função terapêutica e restauradora das Mandalas, não por

propor sua produção em atendimentos, e sim por observar sua ação em mim. Jung e Nise da Silveira me iluminaram. Ou melhor, me enegreceram.

Hoje se reconhece a importância dos estudos de Jung sobre os saberes da tradição, entendendo-se que esses conhecimentos expressam contextos e narrativas relevantes para as psicoterapias e análises da psique. Mas a psicologia junguiana demorou muito para ser validade, até hoje ainda é alvo de críticos que se limitam ao conhecimento científico utilitário. Nise da Silveira, ao ser identificada como a mulher responsável por trazer a psicologia analítica para o Brasil, não apenas fez ciência com os saberes da tradição, ela fez ciência “na perspectiva feminista, isto é, trazendo para a linguagem a corporalidade, a sexualidade e a subjetividade e desfazendo antigas fronteiras demarcadas pelo sistema de pensamento binário” (RAGO<sup>42</sup>, 2013, p. 279).

Assim como as Mandalas me restauraram e foram fundamentais no meu processo de acolhida da gestação, entendi que deveria utilizá-las com as gestantes em nossos encontros, na expectativa de que, comigo, em parceria, elas também pudessem se restaurar, ligar pedaços, conectar linhas, fechar círculos, abrir novos círculos, se reequilibrar, se acolher nos inúmeros lutos que a maternidade nos promove.

Fazendo Mandalas conversávamos. E o que elas me diziam pela linguagem das Mandalas? Terei eu a sensibilidade de perceber, por meio de Mandalas, de quê elas, como eu, precisam se curar?

Em sua pesquisa, Jung define que:

A palavra sânscrita mandala significa “círculo” no sentido habitual da palavra. No âmbito dos costumes religiosos e na psicologia, designa imagens circulares que são desenhadas, pintadas, configuradas plasticamente ou dançadas. (JUNG, 2002, p.385).

Eu entendi que a Mandala está além do sânscrito, dos costumes religiosos e da psicologia junguiana. Ela está no corpo. Ela é o sagrado do corpo. A gestante carrega uma Mandala em seu centro exterior, que, ao longo de aproximadamente 40 semanas, parece não ter fim, parece não caber em si. Por isso o outro corpo precisa sair, e essa Mandala precisa desaparecer para dar espaço a novas que a maternidade trará.

Jung defendeu, ainda, que as Mandalas comumente aparecem em sonhos, sobretudo em estados psíquicos conflitivos ou de desorientação, de modo que:

---

<sup>42</sup> Margareth Rago é historiadora e professora na Universidade Estadual de Campinas. Pesquisa temas relacionados a sexualidade, gênero, subjetividade, feminismo e anarquismo.



a ordem rigorosa de tal imagem circular compensa a desordem e perturbação do estado psíquico, e isso através de um ponto central em relação ao qual tudo é desordenado; ou então é construída uma ordenação concêntrica da multiplicidade desordenada dos elementos contraditórios e irreconciliáveis. Trata-se evidentemente de uma *tentativa de autocura* da natureza, que não surge de uma reflexão consciente, mas de um impulso instintivo. (JUNG, 2002, p.385).

Eu estava, instintivamente, tentando me curar. Mas me curar de quê? Pergunto-me isso aqui nesta escrita performativa e em meus pensamentos, onde *performanser* é um ato livre e seguro.

Mandalas se fizeram presentes em inúmeros processos de cura – para Nise da Silveira, curar-se não é se livrar de uma doença que acometeu um corpo, é poder viver bem e com qualidade dentro do possível para cada corpo. No atelier do Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, alguns usuários do serviço começaram a produzir, intuitivamente, Mandalas. E quanto mais complexas e harmoniosas elas se tornavam, mais se notava no seu criador um processo de renovação da personalidade e notáveis melhoras clínicas. Nise da Silveira reuniu mais de 100 Mandalas rapidamente e, como uma cartógrafa, agiu empiricamente, sem uma teoria prévia, sem certezas, sem saber aonde chegaria, e escreveu a Jung, que lhe confirmou a “forte tendência do inconsciente para formar uma compensação à situação de caos consciente.”<sup>43</sup> (In. SILVEIRA, 1981, p.52).



<sup>43</sup> Trecho de carta escrita por Sra. Aniela Jaffé, secretária e colaboradora de Jung, datada de 15 de dezembro de 1954. Essa carta foi uma resposta à anterior, escrita por Nise da Silveira, em 12 de novembro do mesmo ano.

Pintura no papel com óleo e guache feita por Fernando Diniz, artista e usuário do Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro. Imagem disponível no catálogo da exposição “Os inumeráveis estados do ser”, realizada no Museu de Imagens do Inconsciente.

Nenhuma Mandala é igual à outra, todas são essencialmente diferentes, pois ela projeta a situação psíquica de quem a produziu no instante em que a produziu.

Jung também direcionou a Nise da Silveira algumas perguntas que a auxiliassem na compreensão das Mandalas junto aos processos de autocura dos pacientes psiquiátricos, perguntas as quais eu também me faço: o que essas Mandalas dizem a mim no que se refere a meus sentimentos?; o que eu queria expressar com elas?; será que as Mandalas têm alguma influência sobre mim? Conversei com minhas Mandalas, e certamente elas têm influência sobre mim. Porém não consegui ouvir a todas as respostas. Me faltou algo. Mas eu não me culpo por isso. Nise da Silveira também relata, em “Imagens do Inconsciente”, dificuldade em compreendê-las, porque a compreensão é sempre limitada.

Não tive a intenção de compreender Mandalas e a cisão da psique a elas associada, embora seja nítido que a simetria que elas propõem oponha-se à assimetria interior. Essa busca por simetria e ordenação, expressa em imagens circulares, acompanha a humanidade.

Na arte pré-histórica as formas circulares aparecem sob múltiplos aspectos: bolas de calcário, cuidadosamente trabalhadas; escavações circulares sobre pedra, em tamanhos variados; perfurações circulares sobre bastões e instrumentos rituais; pontuações vermelhas ou negras, de dimensões diferentes, sobre rocha ou sobre o corpo de animais configurados nas paredes de cavernas.” (SILVEIRA, 1981, p. 54)

As Mandalas *ojo de dios* têm movimento ordenado – a linha vai sendo tecida de um lado a outro em um mesmo sentido, em um movimento repetitivo ordenador – e têm centro – um *self* bem definido. Estaria aí sua capacidade curativa? E novamente me pergunto: de quê mulheres-mães precisam se curar?

Já que são uma invenção pré-histórica, as Mandalas são uma criação involuntária da humanidade, por isso realmente são a manifestação de um impulso obscuro inerente à psique. Nise da Silveira explica isso, novamente lembrando Jung, com o fato de “terem as mandalas estrutura matemática e serem os números os mais primitivos elementos de ordem da mente humana.” (SILVEIRA, 1981, p. 55). Números estabelecem ordem ao caos. Eu não vivi 40 semanas de caos durante a gestação. Mas depois de parir, eu vivo o caos cotidianamente há mais de 81 semanas. O trabalho do

cuidado gera forte dimensão e cansaço emocionais, mas não é um trabalho remunerado, é visto como inatividade econômica. Diminuiu-se o tempo para produzir Mandalas.

Para Nise da Silveira, a criação de imagens circulares não indica necessariamente o restabelecimento da ordem, mas certamente exprime uma tentativa, um projeto de renovação. Essa tentativa já possui efeito curativo. É nesse argumento da psiquiatra que eu me incluo: as Mandalas foram – e ainda são, diante do caos cotidiano – meu projeto de renovação. Quando me vejo em desequilíbrio, me pego fazendo Mandalas. A maternidade é repleta de desequilíbrios do corpo e da psique. Então encontrei a minha forma de defesa, “Como todo sistema vivo, a psique se defende quando seu equilíbrio se perturba. As imagens circulares, ou próximas ao círculo, dão forma aos movimentos instintivos de defesa da psique.” (SILVEIRA, 1981, p. 55).

O que me intriga nas *ojo de dios*, ainda, é essa busca pelo centro, o *self*.

Este centro não é pensado como sendo o eu, mas se assim se pode dizer, como o si-mesmo. Embora o centro represente, por um lado, um ponto mais interior, a ele pertence também, por outro lado, uma periferia ou área circundante, que contém tudo quanto pertence ao si-mesmo, isto é, os pares de opostos que constituem o todo da personalidade. (JUNG, 2000, p. 353)

O percurso da linha, nas *ojo de dios*, se dá em torno de um centro. O centro, ou *self*, ou si-mesmo, é o que temos de mais complexo.

Enquanto as mandalas tradicionais (budistas, tibetanas, cristãs) dão ênfase à figura que ocupa o centro – os demais elementos dispoem-se em torno desta figura central – as mandalas sonhadas ou visionadas pelo homem moderno têm o centro vazio, reduzido muitas vezes a um ponto negro. As figuras que antes ocupavam o centro parecem não ter mais vitalidade suficiente para atrair as projeções do núcleo mais profundo e íntimo da psique: *o si mesmo (self)*, do qual eram símbolos constantes. O *si mesmo* terá de ser agora descoberto, não através de projeções exteriores, porém do mundo interior, dentro do próprio indivíduo. De quando em vez este centro é vislumbrado, seja na experiência poética, através de imagens plásticas, ou em experiências místicas, na meditação filosófica, na introspecção psicológica. (SILVEIRA, 1973, p. 31 e 32).

Eu, como mulher-mãe, tenho frequentemente o centro vazio, em luto. Às vezes o projeto no exterior; e Amora, o corpo que saiu de meu corpo, torna-se o meu centro. Às vezes essa projeção não basta, e também ouço meu lado consciente e racional dizendo que não a devo fazer. É possível encontrar o *self*? Recentemente, disseram-me que sim. O *self* é sempre o mesmo? Recentemente, disseram-me que não. Meu *self* como mulher-mãe será o mesmo que tivera como mulher-não-mãe? Será que é comum às mulheres-

mães perder o centro? Ou ganhar o(s) centro(s)? Performamos, somos e vivemos o vazio fisiológico e o vazio da psique.



A Mandala do centro vazio, vazado, rasgado, fissurado.  
Acervo pessoal (2021)

### 3. Lua Cheia

*“Sou uma pessoa muito ocupada: tomo conta do mundo. Todos os dias olho pelo terraço para o pedaço de praia com mar, e vejo às vezes que as espumas parecem mais brancas e que às vezes durante a noite as águas avançaram inquietas, vejo isso pela marca que as ondas deixaram na areia. [...] Se tomar conta do mundo dá trabalho? Sim. [...] Não de me perguntar por que tomo conta do mundo: é que nasci assim, incumbida.”*

(LISPECTOR, Clarice. Eu tomo conta do mundo. Crônica publicada originalmente no Jornal do Brasil em 4 de março de 1970)

Ela está toda iluminada pelo sol, deu um giro de 180°, está em sua forma mais visível, mais exposta. Assim se enxerga a gestante, em geral, no terceiro trimestre da gestação: ela está iluminada, radiante e é invejada, desejada, observada, vive um transbordamento de si. Mulheres conectadas arquetipicamente com a Lua sentirão que, nessa fase, desenvolvemos sentimento de autoconfiança e valor próprio, o que nos permite apoiar, cuidar e encorajar outras pessoas. “Você se torna capaz de oferecer sua força com a confiança de que, além de doar, também pode sustentar o que oferece. O foco dessa fase é exterior, na direção dos outros, e não em sua própria direção.” (GRAY, 2017, p. 173). Seriam essas funções e atributos maternos?

Se na Lua Cheia estamos repletas de autoconfiança, também é comum, ao se conectar com essa Lua, sentirmos que nosso corpo é a nossa melhor expressão: interligamo-nos com a nudez e sentimos desejo de nos libertar de roupas. Para isso o isolamento social oriundo da pandemia colaborou.

A Lua Cheia, na representação do ciclo de vida da mulher, é a ilustração arquetípica da Mãe, “A Mãe Brilhante era representada como fértil e nutriz, refletindo a luz radiante da Lua cheia, associada à cor vermelha” (GRAY, 2017, p. 79). Miranda Gray ainda relata que há, nesse arquétipo, “uma grande alegria em se doar, em oferecer suas habilidades, sua atenção e ajuda a outras pessoas.” (p. 175) e sugere, também, que seja uma boa fase para visitar a nossa própria mãe, “vê-la como fonte de vida” (p. 176).

Na minha Lua Cheia gestacional, eu visitei a minha mãe real, a minha mãe simbólica, a mãe que eu projetava ser, a persona da mãe e, virtualmente, visitei outras mulheres-mães que, como eu, estavam gestando. Performando e cartografando, visitei mulheres-mães-artistas. Estávamos todas irradiando uma luz brilhante, mas nem todas vivíamos a mesma Lua.

Como gestante no terceiro trimestre de gravidez, eu estava vivendo o arquétipo da Lua Cheia, oferecia cuidado. E como artista? Como eu estou oferecendo cuidado como artista?

### **3.1 Os encontros com as gestantes**

Quatro mulheres conversando em um trem com destino à Central do Brasil. Era por volta de seis da manhã. Falavam sobre um vizinho. Um homem quieto, discreto, até que conheceu uma mulher que o tirou da caverna e ele passou a se relacionar melhor com a vizinhança. No meio da história, uma das amigas faz uma observação: eles não têm filhos... por quê? Ela é ligada?

Presenciei essa cena no mês de agosto depois de passada a minha licença Maternidade e de já ter retornado às minhas atividades laborais – não que a maternidade não seja uma atividade laboral. Por que exigem tanto de nós? Por que tanta vigilância? Por que parece que somos destinadas à maternidade? Por que a ausência de filhos é culpa – culpa – da mulher? O patriarcado é tão perverso que mulheres oprimem mulheres. Somos alvo de todos os censores.

As que fazem de tudo para ter um filho e as que o recusam são igualmente suspeitas. Exige-se que as primeiras façam das tripas coração, e consideram-se as segundas egoístas ou deficientes que não realizaram seu dever de feminilidade. Nos dois casos, elas estão sujeitas à reprovação pública. Somente o psicanalista poderia trazê-las de volta à razão... (BADINTER, 2011, p. 151)

Sem que esteja, muitas vezes, preparada para isto, a mulher é obrigada a se tornar mãe no momento em que se depara com um teste positivo, tendo que assumir certo padrão de comportamento inesperadamente.

Todo ser humano de fato nasce de uma mulher, mas nenhuma mulher nasce mãe: que as mulheres carregam os descendentes humanos pode ser um fato, mas isso não obriga as mulheres a se comprometerem com os cuidados, a proteção, a educação e a responsabilidade que essa relação exige. (DONATH, 2017, p. 51 e 52)

Mulheres da minha geração foram treinadas para ser mães brincando de bonecas. Imagino que gerações anteriores à minha também o foram, o que mudava era a condição socioeconômica que permitia o acesso a determinada boneca ou não. Quando não eram as bonecas, o treinamento se dava na obrigatoriedade de ajudar em tarefas domésticas,

de aprender a executá-las bem, pois uma hora o futuro como mulher-mãe-dona de casa iria chegar – minha mãe conta que deveria ser antes dos 28 anos. Essa obrigação imposta a nós de que nascemos preparadas para a maternidade também se soma à dificuldade de separação entre gênero e sexo, em que “A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito.” (BUTLER, 2020, p.26).

É fato que performamos gênero, principalmente na vida adulta. Porém me assustei quando percebi que a performance de gênero se inicia ainda com a/o bebê dentro do útero.



Imagem de ultrassonografia morfológica fetal feita com 22 semanas de gestação em que a médica escreveu “menina” na imagem em que aparece a genitália como definidora de gênero e sexo. Acervo pessoal (2020).

*“Se for menina eu vou ensinar a se maquiar e fazer penteado, tudo de menina é mais charmoso. Procuro só coisas de menina, rosa, com lacinho, com frufu.”*

*G.B., em encontro virtual ocorrido no dia 23/08/20. Nesse dia ela me contou que ainda não sabia se gerava um menino ou uma menina, disse que no início desejara um menino, mas que depois da ultrassonografia de Translucência Nucal, em que o médico disse suspeitar ser menina, ela se acostumou com a ideia.*

A necessidade de performar gênero atravessou, ainda, meu privilégio de mulher-mãe cisgênero. Em 2020, Danny Wakefield, um homem transgênero que mora em Washington, engravidou. Danny sempre quis ter uma/um filha/o, mesmo antes de transicionar.

“Para que meu bebê se sentisse em casa no meu corpo, eu precisava primeiro me sentir em casa nele também. Não poderei amamentar, mas planejo usar leite de um doador. Tive momentos em que gostaria que a opção ainda estivesse lá, mas também sei que, se não tivesse feito uma cirurgia de ponta há dez anos, talvez não estivesse vivo para ter um bebê. Faria tudo de novo.” (WAKEFIELD, 2020, disponível em <https://catracalivre.com.br/cidadania/como-e-a-vida-de-um-homem-trans-que-esta-gravido/>).

Danny me fez refletir junto com Butler “Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais?” (BUTLER, 2020, p.27). Danny contraiu Covid-19 durante a gravidez e, como eu e as gestantes que estivei comigo nessa pesquisa, viveu toda a sua gestação em isolamento social. Danny realizou um parto domiciliar dentro de uma piscina montada em sua casa. Seu bebê nasceu em 28 de novembro, 1 mês e 1 dia depois de Amora, data também do aniversário de meu pai.

Quem cuida da pessoa gestante, quando ela, por questionar a performance de gênero, tem dificuldade de receber atendimento médico nas redes hospitalares, sendo conduzida a optar por um parto domiciliar?

Aqui no Brasil, em São Paulo, em 2021, Lourenzo Gabriel, conhecido pelo nome artístico Aqualien, gestou e pariu, de parto normal, o bebê Apolo. Lourenzo é companheiro de Isis Broken, uma cantora transgênero. A gravidez não foi planejada, mas Lourenzo estava sem fazer hormonização por não haver médicos especializados em sexualidade e gênero no Guarujá, onde estavam residindo. O casal lidou com muitas intercorrências: transfobia, pandemia do Covid-19, desemprego, ambos são artistas em um momento muito desfavorável para a classe artística. O nome social de Lourenzo não foi respeitado e por se reconhecer como homem foi informado de que não poderia ser atendido por uma ginecologista. “Chegaram até mudar meu gênero para ‘feminino’, e tive que usar meu ‘nome morto’, para que eu pudesse ser atendido”<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Lourenzo Gabriel, em entrevista disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/homem-transgenero-da-a-luz-em-sao-paulo-momento-magico>



Quem cuida de garantir os direitos da pessoa gestante? Quem cuida da pessoa gestante para além de exames de sangue, urina, ultrassonografias, medições de altura uterina? Nós cuidamos umas das outras, mas infelizmente não podemos oferecer suporte médico-hospitalar. A medicina continua nos desamparando.

Eu sempre quis viver em um mundo em que homens cisgênero heteronormativos pudessem gestar, parir e amamentar. Mas eu sei que eles não dariam conta de nenhuma dessas três atribuições isoladas, quanto menos unidas em um único corpo.

Nos encontros virtuais com as gestantes, nos amparávamos e a gestação se tornava menos solitária – gestar é um ato solitário; o que se passa no centro interior de uma gestante está no plano do indizível; e a sua companhia passa a ser o outro corpo que ela comporta em seu corpo, “Seu silêncio vem em parte de que se comprazem em cercar de mistério uma experiência que é apanágio exclusivamente delas; mas veem-se igualmente desnorteadas pelas contradições e os conflitos que nelas ocorrem.” (BEAUVOIR, 2016, p.290). Na produção de Mandalas, cuidávamos umas das outras virtualmente. Logo, essa história é minha, uso “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1992); mas também é de outras pessoas que gestaram, porque é o resultado da minha necessidade de encontros comigo mesma. No encontro com outras, eu cuidava de mim, eu me encontrava comigo. E ainda assim, percebo, hoje, que esses encontros não me alertaram do que estava por vir no fim das minhas 40 semanas de gestação, “uma coisa é se inteirar do que acontece com as mulheres e outra, muito diferente, se transformar em mãe.” (GUTMAN<sup>45</sup>, 2016).

Neste capítulo contarei sobre esses encontros que precisei rever e reviver, precisei estar atenta ao que os encontros tinham como mensagem para mim. Escolho, aqui, não revelar os nomes das mulheres-mães, como se faz tradicionalmente em estudos sobre relatos de caso em psicoterapias e psicanálise, utilizando suas iniciais. Também não relato nossos encontros por completo, faço um recorte do que mais me atravessou. Eu me deparei com muitas formas de performar o gestar e o maternar. Em todas elas, golpes do patriarcado.

Os encontros me fizeram pensar sobre as redes de apoio, sobre a necessidade de nos mantermos em contato, de cuidarmos umas das outras e de juntas nos apoiarmos no maternar. Nesse capítulo, muitas vozes falam. Construíram-se redes.

---

<sup>45</sup> Laura Gutman é terapeuta junguiana argentina especializada em maternidade. Para ela, há aspectos ocultos da psique da mulher que só são revelados com a maternidade.

Atualmente se fala com frequência em “rede de apoio materna”. A expressão ganhou espaço quando um grupo de mães americanas criou a associação “La Leche League” (LLL), traduzida como “A liga do leite”. As fundadoras da LLL foram Mary White e Marian Thompson que, em 1956, estavam amamentando seus bebês sob uma árvore, quando foram abordadas por outras mães que relataram suas dificuldades com amamentação. A partir de então, iniciaram-se reuniões em que as mães se apoiavam mutuamente, falavam sobre os benefícios do aleitamento e pediam conselhos e ajuda para realizá-lo. A LLL ficou tão conhecida que em 1961 eram 43 grupos de mães em todo o território americano; em 1976 passaram a ser quase três mil grupos.

As redes de apoio são fundamentais para que se possa sobreviver à maternidade – e à paternidade já aqui discutida. Hoje ela serve para acolher não apenas a lactante, como também a mulher-mãe que, por inúmeros motivos, decide não amamentar ou não pode fazê-lo.

Enquanto estive grávida, participei de uma roda de gestantes conduzida pela enfermeira obstetra e parteira urbana Dida Schneider. Na Roda das Sementeiras, todos os sábados, encontrava-me virtualmente com outras gestantes, dançávamos, meditávamos, praticávamos ioga, desenhávamos, pintávamos. Estávamos em roda e em rede. Meses depois, como puérperas, nos conectamos e formamos uma nova rede: nos unimos para escrever, juntas, um livro com nossos relatos de parto. Foi então que entendi que precisava falar sobre as violências que sofri como mulher-gestante. Eu me dei conta do quanto a rede de apoio foi fundamental para a formalização da minha educação perinatal. Meu relato de parto presente no livro “*Relatos de parto, retratos da vida*” é composto por duas cartas: a que exponho a seguir e outra para Amora, a qual exponho no capítulo 4 dessa pesquisa-narrativa-diário.

Carta para uma pessoa-gestante:

Amigx,

No momento em que te escrevo eu já pari, eu já fui cindida. Mas eu preciso contar-lhe sobre o antes, sobre as cisões que sofri, enquanto gestava, até entender que o parto é, sempre, da mulher.

Na 38ª semana de gestação, fui à consulta, normalmente, com o Dr. C. da L. Naquela quinta-feira realizei o exame do toque do colo do útero, e durante o procedimento senti muita dor, uma dor insuportável. Eu dizia a ele “está doendo muito, parece que você está passando uma lixa em mim.” Ele dizia “mas eu não estou fazendo

nada.”. Dr. C. da L. não me perguntou se eu desejava realizar tal procedimento, e eu também não sabia que era meu direito não o realizar. Eu me perguntava: como pode você dizer a uma pessoa que o que ela está fazendo com o seu corpo dói muito e ela não se importar? Logo em seguida, ele indagou o que eu achava de tomar soro e me justificou a necessidade de realizar uma episiotomia. Saí da consulta frustrada, magoada, e me sentindo abusada. Eu não dormi naquela noite.

Depois dessa noite, eu fui me lembrando de inúmeras discordâncias que tivemos ao longo do pré-natal:

- Eu não trabalho com doulas, porque elas ganham mais do que eu e a gestante só precisa de doula se não fizer vínculo comigo. Eu faço vínculo com todas as minhas pacientes, elas não precisam nem do acompanhante;
- Roda de gestante muitas vezes atrapalha;
- Seu bebê está muito longe do seu estômago, tem muitas camadas de tecido e musculatura. Isso que você sente não é o bebê (Dr. C. da L. não sabia lidar com metáforas e a visualização do imaginário materno);
- Você precisa parar de ficar procurando coisa na internet sobre parto;
- Mulher tem que usar sutiã, porque ajuda a ter a mama rígida por mais tempo;
- Parto é deitada, esse negócio de parto em outras posições é coisa de gente atrasada, a medicina já evoluiu;
- Não concordo parto domiciliar, parto é em hospital. Índio que faz parto sem ser em hospital e abandona criança no rio;
- Enfermeira não sabe fazer parto, só médico;
- Trabalhei no Hospital de Acari muitos anos, chegavam umas meninas que não tinham feito pré-natal querendo que a gente salvasse a vida delas e do bebê;
- Vai fazer xixi antes da consulta para tentar enganar a balança e parecer que não engordou.

Lembrei-me de todas essas falas, a grande parte delas tentava desmerecer o meu conhecimento sobre meu corpo, meu estudo sobre meu processo gestacional, além de conterem misoginia e preconceitos sociais e étnicos. E havia outras duas coisas: ele só se referia a minha filha no masculino e havia marcado “branca” no meu cartão pré-natal sem antes me perguntar como eu me identificava. Dei-me conta de que estava em um relacionamento abusivo com aquele obstetra, em que ele tentava me convencer de que sabia mais de mim do que eu mesma e de que tudo o que falava era para o meu bem. Golpe do patriarcado. Entendi que o parto seria um evento bem-sucedido para ele como

médico, mas o parto é um evento meu e de Amora. Eu estava decidida: não poderia realizar meu parto com ele. Se eu sofresse qualquer violência obstétrica, iria me culpar, pois ao longo de todo o pré-natal houve muitos indícios de que ele não estava disposto a me respeitar.

A história do parto e da maternidade não se confunde com a história da obstetrícia, uma especialidade médica cuja história é contada como uma sequência de sucessos e superação da ignorância, da brutalidade e da dor, fruto da ação e do conhecimento dos cirurgiões e médicos que, apesar das adversidades, se dedicaram a esses momentos da vida das mulheres. A gravidez, o parto e a maternidade eram experiências femininas, cuja história não tem marcos iniciais (não há ‘mães’ da obstetrícia como há ‘pais’) e não conta com registros escritos, muito diferente da obstetrícia, com sua bem estabelecida tradição escrita (MARTINS<sup>46</sup>, 2004)

Tomada minha decisão, busquei uma maternidade referência do SUS. Meu parto, o qual relato em outra carta, foi feito por três enfermeiras, sem soro, sem episiotomia, sem anestesia, na companhia de minha doula e de meu acompanhante e eu não estive deitada. Foi respeitoso. Eu fui a atriz do meu parto, não uma espectadora. Nunca mais falei com Dr. C. da L.

Eu te conto porque quando falo com você, falo comigo. Eu te conto porque sua história se mistura com a minha às vezes. Eu te conto para fazer de minha história algo multivocal. Eu te conto para que saiba e que repita comigo por todos os dias de gravidez: o parto é nosso.

Com carinho e beijos de quem não aguenta mais o isolamento social.

Sua amiga-mãe Mari.

Estávamos nos tornando mães – e pais, para que não ignoremos Danny, Lourenzo e outros tantos homens trans e pessoas com ou sem útero que têm o desejo de gestar. “A vida habitualmente é apenas uma condição da existência; na gestação ela se apresenta como criadora; mas é uma estranha criação que se realiza na contingência e na facticidade.” (BEAUVOIR, 2016, p. 295). Então, essa história que cartografo, que escrevo, que ouço, que narro, que me inspira, que me movimenta não é de todas aquelas que experimentam a vida como criadoras, mas é sobre a maternidade – e a paternidade – que vivenciamos enquanto ainda estivermos gestando, é sobre e para mulheres-mães e

---

<sup>46</sup> Ana Paula Vosne Martins é Doutora em história pela Universidade Estadual de Campinas e professora da Universidade Federal do Paraná. Pesquisa gênero, cultura e medicina, história das mulheres, políticas materno-infantis, gênero e saúde, gênero, assistência e filantropia.

mulheres-não-mães. E para os homens-pais e homens-não-pais. E para todos os gêneros. É “uma escrita sob o signo da performance, composta binariamente por uma vontade documental e uma vontade poética-literária, que apreende a investigação por um viés da subjetividade, do subjuntivo do mundo.” (LYRA, 2020, p.4). É uma história sobre ser o mundo de alguém e dar o útero como mundo para alguém. Gestar é uma grande responsabilidade, é tornar-se “elo na cadeia das gerações, carne que existe por e para outra carne.” (BEAUVOIR, 2016, p.296).

### 3.1.1 Encontro com D.C.

Há muitos anos, eu nem saberia dizer quantos, D.C. me disse, em uma conversa de bar, que tinha forte desejo de ser mãe, mesmo sabendo que isso significaria nunca mais encostar a cabeça no travesseiro em paz. Não respondi, mas eu sabia, na época, que a maternidade não estava em meus planos de vida. Então a admirei e admirei sua relação com sua mãe. D.C. não se lembra desse dia. D.C. sempre fora conectada com o arquétipo da mãe, por isso, no dia em que entrou em trabalho de parto, pediu proteção a Oxum

Em nosso encontro para a produção de Mandalas, no dia 19 de julho de 2020, ao som de Cássia Eller, D.C. me contou sobre a decepção de sua mãe ao saber que ela gestava um menino. “Tá de sacanagem?”, ela disse. Um menino performando gênero que, como disse D.C., pode vir a ser ele, ela ou nenhum dos dois gêneros, ou os dois gêneros em conjunto, “o foco nas crianças destacou sobretudo os papéis sexistas dos sexos e a maneira como eles eram impostos às crianças desde o nascimento.” (hooks, 2018, p. 62), e atualmente desde a vida dentro do útero com a evolução dos exames de sangue e de ultrassonografia.

Foi em nosso encontro que eu formalizei opiniões sobre maternagem e paternagem feministas e, por indicação de D.C., cheguei a “O feminismo é para todo mundo”, de bell hooks. Graças a D.C. entendi o que antes parecia opaco, intuitivo:

Precisamos saber mais sobre maternagem e paternagem feministas, sobre como, na prática, podemos criar as crianças em ambientes antissexistas e, o mais importante, precisamos saber mais sobre que tipo de pessoas as crianças educadas nesses lares se tornam.

As ativistas feministas visionárias jamais negaram a importância e o valor da paternagem, mesmo enquanto trabalhamos para criar mais reconhecimento da maternidade e do trabalho das mulheres que exercem a maternidade. É um desserviço para todas as mulheres quando a glorificação da participação do

homem na parentalidade leva à depreciação e desvalorização do trabalho positivo de maternagem das mulheres. No início do feminismo, as feministas eram duras na crítica à maternagem, opondo essa tarefa a carreiras consideradas mais libertadoras, mais autoafirmadoras. No entanto, no meio da década de 1980, pensadoras feministas desafiavam a desvalorização feminista da maternidade e a supervalorização do trabalho fora de casa. (hooks, 2018, p. 64)

Então eu pensei: que bom que D.C. está gestando um menino – eu também estou agarrada à performance de gênero. D.C. saberá, certamente melhor do que eu, promover uma educação antissexista, saberá quebrar os privilégios dados a meninos em relação a meninas desde a infância.

D.C. também me fez pensar sobre a relação da Mandala que produzimos com o que somos. A primeira Mandala foi consequente de um desenho de olhos fechados, em que D.C. me perguntou “Mas não tem nenhuma referência?”. É intuitivo, como parir. Sua Mandala tinha um centro bem definido, delineado que se conectava às pontas como uma flor. E eu pensei “Como ela consegue tamanho equilíbrio? A gravidez não lhe desestruturou o centro? Ou foi a Mandala que lhe trouxe auto-organização?”. Em seguida fizemos a primeira Mandala de lã, e D.C. corajosamente a desfez por achar que não estava de seu agrado. Criticou a combinação de cores e a frouxidão das linhas. No fim, fizemos uma nova Mandala de lã, em palitos pequenos, os quais se quebraram e a obrigaram a produzir uma nova Mandala. Um acidente de percurso, dissemos. Como a gravidez para mim e para ela. E que bom que podemos reconstruir as Mandalas como podemos nos reconstruir quando nos tornamos mulheres-mães. É comum que mulheres-mães revejam sua forma de estar no mundo com a chegada da maternidade. Pouco importa se queríamos mudar, mas mudamos. É justo que homens-pais também o façam.

Nossos encontros são muitos e estão para além da maternidade, embora a maternidade os tenha tornado mais frequentes e intensos – mesmo conversas de Whatsapp podem ser intensas. D.C. e eu nos falamos todos os dias, oferecemos colo uma para a outra. É difícil escrever sobre D.C. sem considerar os 14 anos de amizade, sem considerar que ela tem sido minha parceira de puerpério. E descobrimos que não importa o quanto sejamos feministas, o quanto estudemos sobre maternagem e paternagem feministas, o quanto nos esforcemos para nos afirmar no mundo como as mulheres-mães potentes que somos. Ninguém está livre de sofrer com os machismos do patriarcado, ele aparece até nas famílias mais aparentemente desconstruídas.

O coletivo artístico feminista Polvo de Gallina Negra, primeiro grupo de arte feminista mexicano, desenvolveu, em 1987, uma performance chamada “¡Madres!

Madre por um día”. As artistas Maris Bustamante e Mónica Mayer foram convidadas a dar uma entrevista em um programa de televisão de alta audiência, no qual falaram sobre a importância de existir um coletivo de arte feminista. O entrevistador era um homem, e Maris e Mónica estavam grávidas na ocasião, pois como ação performativa, se propuseram a engravidar juntas. Em “¡Madres! Madre por um día”, elas propuseram que o entrevistador fosse grávida por um dia: vestiram-no com uma barriga falsa, apresentaram-lhe remédios para gases, enjoo, dores de cabeça e azia, deram-lhe um caderno de superstições para proteger a gravidez e com instruções sobre maternidade, puseram-lhe uma coroa, marcando que a mãe é a rainha da casa, e deram-lhe um diploma de mãe.



(Polvo de Gallina Negra, ¡Madres! Madre por um día, 1987. Disponível em <https://vimeo.com/420786532>, último acesso em 05/02/2022)

A performance foi, para a época, inovadora e ousada, sobretudo porque foi veiculada em uma grande rede de televisão e com alta audiência. As artistas apresentaram arquétipos da maternidade de maneira bem-humorada e aproveitaram para constranger o entrevistador. Polvo de Gallina Negra existiu por dez anos e então o coletivo se desfez. A performance está contextualizada nos anos 1980, suponho que atualmente Maris e Mónica reconstruíssem a ação a fim de tratar o tema com a seriedade que ele merece, para além dos arquétipos, mostrando aquilo que não se vê, o lado obscuro da maternidade.

E talvez não pusessem um homem cisgênero no lugar de pessoa gestante, uma vez que atualmente se problematizam maternidade e paternidade como questão de gênero associada a pessoas com útero e sem útero, para além do sexo biológico.

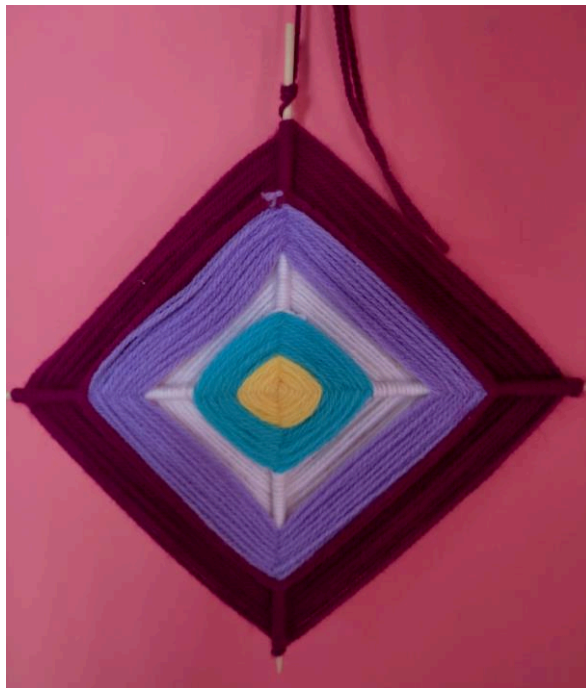
É possível transgredir o estereótipo e o arquétipo social da mãe? O fator biológico impede? Ou seria o cultural? Ou seria o político? Ou seria o religioso? Se fosse biologicamente seguro e possível que homens sem útero gestassem, parissem e amamentassem, o peso e a vigilância sobre as mulheres-mães seriam menores? Eu posso questionar tudo isso? Um dos componentes do patriarcado é a dúvida sobre estarmos loucas ou não em nossos questionamentos.

D.C. e eu argumentamos sobre isso frequentemente, agora não como gestantes, mas como mulheres-mães em um puerpério que vai e volta. D.C. me diz “o puerpério é o fundo do poço”, e eu digo “E ainda bem que aparece uma outra mulher-mãe e oferece uma corda, uma mão, um colo. A gente cai no fundo do poço novamente, e somos resgatadas uma pela outra, e de novo e de novo e de novo.”. Até hoje, D.C é a mulher-mãe-amiga com quem mais compartilho conflitos sobre maternagem e construção familiar. Sem D.C. esta pesquisa-narrativa-diário não teria acontecido. D.C. é minha rede.

Depois de nosso encontro em 19 de julho de 2020, D.C. foi para casa e fez Mandalas. Então me mandou uma mensagem “fazer Mandalas vicia.”. Eu sorri. Precisamos nos curar. Precisamos nos viciar?

Logo abaixo, segue a imagem da Mandala que fiz em nosso encontro enquanto conversávamos sobre feminismo, machismo, patriarcado, gênero. Uma Mandala do claro para o escuro, da luz para a sombra, que é exatamente como tem sido nosso processo da gestação ao puerpério, que é exatamente a luz que temos sido uma para outra em meio a tanta sombra.





Fonte: Mariana Rego / Acervo pessoal (2022)

### 3.1.2 Encontro com F.S.

A minha mãe é a razão de eu estar no mundo. Estou conectada à minha mãe eternamente por meio do meu umbigo, como Amora está conectada a mim e, conseqüentemente, à minha mãe. É um ciclo ancestral, um resgate da nossa casa. A gestação me trouxe de volta para casa; a conversa com F.S. me trouxe de volta para a casa, de volta para minha mãe. “Acredito que nunca deixamos nossa casa. Acredito que carregamos as sombras, os sonhos os medos e os monstros de casa debaixo da pele, nos cantos externos dos olhos e talvez na cartilagem do lóbulo da orelha.” (ANGELOU, 2019, p. 18). Na conversa com F.S., ao som de Marisa Monte, eu reencontrei a minha casa, ao mesmo tempo em que meu corpo era casa. F.S. participava comigo da Roda de Sementeiras, mas não foi nessa rede que nos aproximamos.

*“Eu cresci brigando com minha mãe. Eu cresci com a imagem de que minha mãe é uma pessoa frágil. Eu julgava isso nela. Muito. Hoje em dia eu reconheço que não. Eu fui entendendo mais velha, é que minha atitude com minha mãe era de, por achar que ela tinha que ser mais forte, eu agredia ela constantemente. Eu tô fazendo uma formação em constelação familiar e isso tem mexido muito com as minhas relações, sabe. A constelação tem me ajudado muito com a gestação. Agora eu sou a mãe, posso fazer as*

*pazes com a minha mãe, até com meu pai também. Mas é um exercício diário. A gente não tá se vendo tanto. É a primeira neta, ela quer estar muito próxima. Mas ela tem a marca desses anos todos de como eu tratei ela. Então ela vem com dedos na relação comigo. A minha mãe teve três filhos, ela ama a maternidade, ama amamentar, ama bebê, ela tem muito jeito. Eu cresci com essa referência de lugar maternal, ela é referência pra outras pessoas nesse lugar, ela fala “se eu pudesse amamentava de novo”. E eu sei que ela poderia ter várias coisas pra me contar e eu vejo que ela se retrai.”*

*F.S., em encontro virtual ocorrido no dia 08 de agosto de 2020.*

Por que temos tanta dificuldade de ser generosas com nossas mães? Elas estão marcadas em nossos corpos e em nossa existência, e nem assim as perdoamos. Perdoar pelo quê? Precisamos, acima de tudo, perdoar essas maternidades pelo que quer que seja? Seria o amor de mãe tão pesado que nós, filhas, não podemos suportar? E hoje, que somos filhas e mães? Quais caminhos reproduziremos e quais seremos capazes de reconstruir? Geraremos traumas? Seremos perdoadas? Quem nós somos além de mães? Quem são e foram nossas mães além de mães?

Minha mãe, hoje, frequentemente me diz “na minha época eu não tinha a quem perguntar, onde estudar, eu tinha poucas amigas. Vocês sabem muito mais do que eu.”. No contexto atual, tiramos dúvidas e partilhamos desafios em grupos de Whatsapp com mulheres-mães que nem conhecemos; seguimos perfis pessoais e profissionais, em redes sociais, alinhados com nossas ideologias e projetos educacionais; temos acesso a livros, artigos científicos e vídeos sobre os processos do maternar e as etapas de desenvolvimento de um bebê; podemos investir financeiramente em consultorias de sono e alimentação, por exemplo. E mesmo com todos esses recursos é difícil, muito difícil.

Precisamos falar sobre as maternidades de nossas mães, as maternidades que foram a nossa casa, porque como diz o ditado popular, “se encarcerar os demônios no porão, eles vão demolir a casa.”. E eu não quero demolir a casa. Por isso é preciso que não me afaste da ancestralidade que, volta e meia, me escapa da memória e vira mito.

Foi então que minha mente resgatou a artista francesa Louise Bourgeois, nascida em 1911, que viveu na periferia de Paris e, aos 12 anos, começou a colaborar como desenhista no atelier de confecção e restauro de tapeçaria de sua família. Bourgeois,

interessada em pesquisar os mecanismos do corpo biológico feminino, produziu desenhos, pinturas e esculturas em que a ideia de espacialidade se dá a partir do corpo biológico da mulher. Figuras chamadas *Femme Maison* – mulheres-casa – aparecem em momentos distintos de sua produção artística, expondo corpos biológicos femininos com arquiteturas domésticas. O corpo biológico feminino é um corpo habitável.



Louise Bourgeois. Série de pinturas *Femme Maison*, 1947. Óleo sobre tela, 91,5 x 35,5 cm cada.  
 Fonte: The Easton Foundation, NY, disponível no artigo “Mulher-casa, mulher-faca”, FARIA, Priscilla Menezes de<sup>47</sup>.

Esses corpos têm a casa como parte de si, mas faltam membros ou cabeça. O que acontece com nossa cabeça quando nos tornamos mães? Nessa época, Louise Bourgeois era mãe de três crianças e dizia “minha casa parece uma armadilha.”.

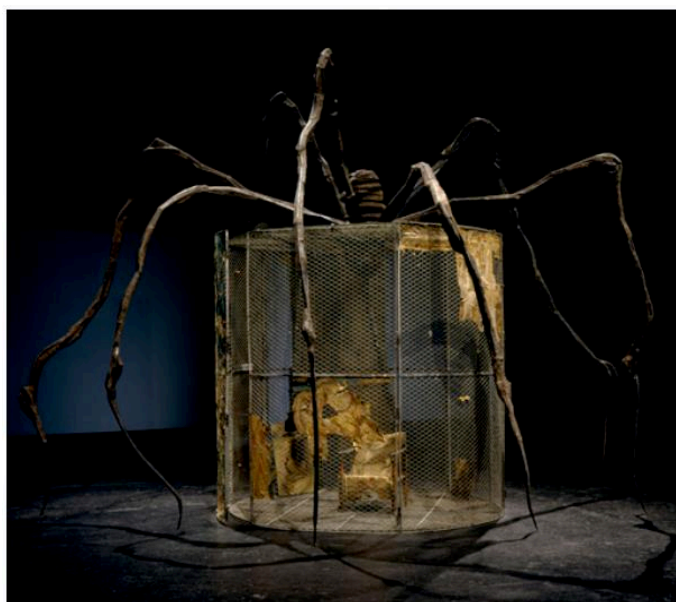
Mais de cinquenta anos depois, presa ao tema que ainda a arrebatava, a artista produziu, em tecido, uma escultura da casa sobre o ventre. Louise aprendeu a costurar com sua mãe, e ao tecer o retorno ao ventre, à origem da vida, simbolicamente, também evoca a proximidade com a morte.

<sup>47</sup> Priscilla Menezes de Faria é artista, mestre e doutora em Artes Visuais pela UERJ. O artigo “Mulher-casa, mulher-faca” compõe a Revista *Concinnitas*, uma publicação quadrimestral do Instituto de Artes da UERJ criada em 1997, atualmente vinculada ao PPGARTES.



Louise Bourgeois – *Femme Maison*, 2001. Tecido, s.d dimensões.  
Fonte: The Easton Foundation, NY, disponível no artigo “Mulher-casa, mulher-faca”, FARIA, Priscilla Menezes de.

A obra de Louise está diretamente ligada à sua vida, sendo um documento autobiográfico. Em 1997 a artista produziu esculturas de aranhas em homenagem a sua mãe que, segundo ela, era prudente, astuta, tranquilizadora, paciente, delicada, indispensável e útil como uma aranha. Louise perdeu a mãe ainda jovem para a gripe espanhola – Louise também viveu em época de pandemia –, e nas esculturas de aranhas pede proteção a sua mãe, apelando para que a ajudasse a enfrentar a mortalidade inevitável e a fragilidade física, também inevitável e que nos torna dependentes das pessoas próximas.



Louise Bourgeois. *Spider*. 1997. Aço, tecido, madeira, vidro, borracha, prata, ouro e osso. 449.6 x 665.5 x 518.2 cm. Coleção: The Easton Foundation, disponível no catálogo da exposição “Louise Bourgeois. Petite Maman”, do Museu do Palácio de Belas Artes, no México.

A aranha é equilibrada por uma gaiola ou a aranha protege a gaiola? A gaiola é abrigo, refúgio ou prisão? Dentro da gaiola, Bourgeois colocou seus próprios objetos pessoais – um relógio, um relicário, uma garrafa de perfume. A artista trouxe a ancestralidade, o passado e o presente para as obras de arte que produziu; não encarcerou os demônios no porão. Ela viveu cem anos, tendo falecido em 2011. Será que essa conquista é consequência de não ter permitido que os demônios demolissem a casa?

Enquanto fui casa para minha Amora, estive trancada em casa, em isolamento social. Arrumei a casa para a chegada de minha Amora. Hoje, sou mulher-mãe-casa, como minha mãe também o é. Mas Amora tomou a casa como sua, para si; e para uma virginiana típica como eu, Amora trouxe a desordem para a casa e para meu corpo-casa. A desordem é a marca de quem passa e fica. Amora é a dona da casa, e não há motivo para que eu tente restaurar a minha ordem. Minha casa também parece uma armadilha – uma escova de dentes desaparecida, uma bola dentro da máquina de lavar roupas, um controle de ar-condicionado na lata de lixo, os brinquedos embaixo do sofá. Eu me tornei um pouco menos virginiana. Conseguirei eu desencarcerar os demônios que habitam o porão? Como está a casa de F.S.? Como está a relação de F.S. com sua mãe?

Em muitos aspectos me identifiquei com F.S., tanto que foi a primeira pessoa com quem dividi o medo de sofrer violência obstétrica. Na época, quando contei sobre minhas discordâncias com Dr. C. da L., ela me disse “Você ainda tem tempo. Coloca para ele suas condições.”. Eu demorei a colocar, mas coloquei. Eu tive forças. E eu nunca agradei a F.S. por me iluminar com sensibilidade, escuta, calma, sabedoria, por ser parceira na educação perinatal. F.S. me disse “eu não sei o que vai acontecer comigo quando eu estiver em trabalho de parto.” Eu também não sabia o que iria acontecer comigo. Essa fala ecoou em mim, porque a suscetibilidade de uma pessoa gestante em trabalho de parto é tão intensa que, muitas vezes, ela aceita a violência obstétrica.

Diversas vezes penso em escrever para F.S., uma carta, uma mensagem de whatsapp, ou enviar-lhe um áudio. Temos muito em comum. Parimos quase no mesmo dia. No nosso encontro, perguntei a ela “Que imagem você tem do seu corpo como grávida?”; e de olhos fechados ela me disse “É um lago que tem água sempre entrando nele. E um único peixinho nesse lago. E árvores, muitas árvores”. Essa é a imagem, para

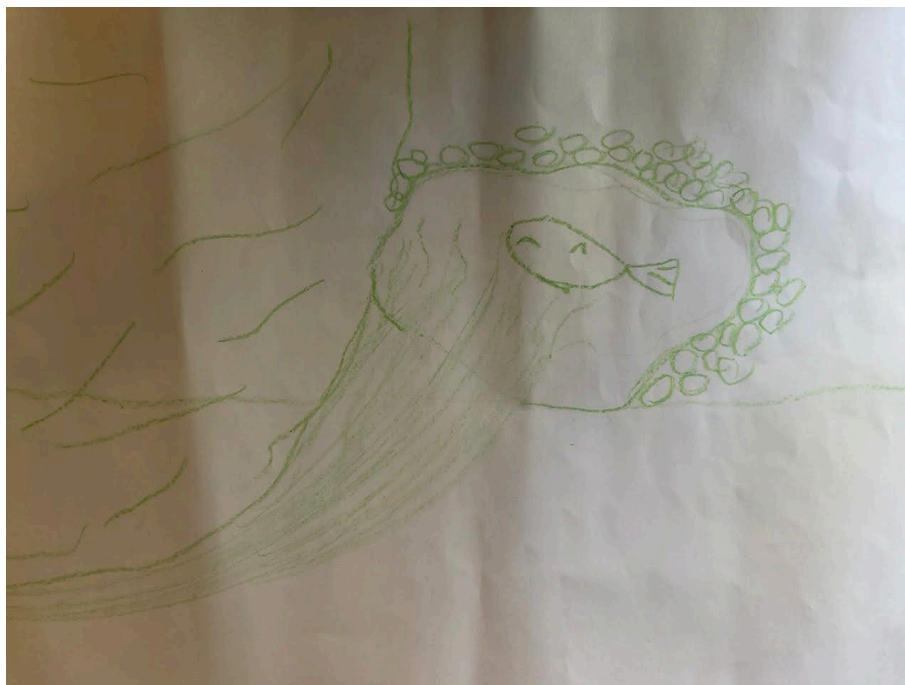
F.S., de seu corpo como casa – tem uma leve onda, às vezes correnteza, que gera movimento constante; tem a ancestralidade, os ciclos da vida, os processos de individuação; tem um único peixinho.

Bachelard defende que as imagens são reveladoras dos estados da alma. Qual é o estado da alma de F.S. hoje? Que mulher-mãe-casa ela se tornou? F.S. está grávida novamente. Ela deseja construir mais uma casa em seu corpo. A cada cisão, uma casa. Será que um dia conseguiremos arrumas a(s) casa(s)?

Seguem a Mandala produzida por F.S. e o desenho, feito por ela, de seu corpo como casa.



Fonte: F.S. / Acervo pessoal (2020)



Fonte: F.S. / Acervo pessoal (2020)

### 3.1.3 Encontro com G.B.

Ela era jovem e, como eu na época, cultivava longos cabelos. Usava óculos, mas nem por isso seus grandes olhos se escondiam. Seus grandes olhos pretos que me mostravam uma profunda solidão. Paraibana, veio sozinha para o Rio de Janeiro, “sem lenço e sem documento, no sol de quase dezembro”<sup>48</sup>. G.B. se casou, engravidou e, mesmo sendo maquiadora, foi trabalhar como cuidadora de idosos em uma casa de uma família de classe alta, onde, além dos cuidados do idoso, realizava serviços domésticos. Em nosso encontro, ela estava com 19 semanas de gravidez, eu, com 31. G.B. não teve o direito de, sendo grupo de risco para o Covid-19, estar em isolamento social ou trabalhar em esquema *home-office*.

G.B. morava em uma favela na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro e trabalhava em Ipanema, bairro da Zona Sul da cidade, o que a fazia percorrer um longo caminho em transporte público. O marido era segurança de dia e, à noite, cursava faculdade de enfermagem. E a vida deles eram eles. Um tinha o outro.

Apenas em dezembro de 2021, o Senado aprovou projeto que garante o pagamento de salário-maternidade às trabalhadoras grávidas que não puderem fazer trabalho a distância, situação que atinge, entre outras categorias, empregadas domésticas e cuidadoras de idosos. O texto aprovado afirma que o salário é pago pela Previdência, e

<sup>48</sup> VELOSO, Caetano. Trecho da canção “Alegria Alegria”.

não pelo/a empregador/a. Mas esse projeto de lei foi debatido e aprovado apenas em dezembro de 2021, e nessa época G.B. e inúmeras outras pessoas gestantes já haviam se colocado em risco – no Brasil, segundo dados divulgados pelo Observatório Obstétrico Brasil da Covid-19, em 2020, foram registrados 544 óbitos maternos por Covid-19; em 2021, até outubro, 1453.

G.B. me jogou na cara o meu privilégio social. Eu, exausta de isolamento social. Eu, aproveitando a pandemia para acolher a minha gravidez. Eu, em casa, produzindo Mandalas. Eu, tendo crises de ansiedade ao precisar ir ao portão receber um remédio entregue pela farmácia. G.B. sem direito a isolamento social, sem direito a acolhimento, sem direito de produzir algo que a ajudasse a restabelecer a ordem interior, sem direito a crises de ansiedade. Sem perceber, G.B. me apresentou uma nova realidade socioeconômica e cultural para a qual eu não tinha me atentado enquanto pessoa gestante de pandemia. Meu movimento de introversão era tão grande que acabei fechando os olhos para outros contextos, e foi preciso chegarem até mim os grandes, pretos e solitários olhos de G.B.

A Lei da Licença-Maternidade no Brasil data de 1943, acompanhando a consolidação das Leis trabalhistas. Era dado às mulheres-mães o direito de 84 dias de afastamento e o salário era pago pelo empregador. É muito claro que essa Lei, como muitas outras, foi criada por homens brancos cisgênero de classe alta completamente distantes do processo de cuidados com uma/um bebê e uma mulher-mãe recém-parida. Em 84 dias ainda se vive o período da extero-gestação<sup>49</sup>. Mas essa Lei acompanha os preceitos difundidos pela “maternidade científica” na década de 1920, que estabelecia: amamentação em números e intervalos regrados, com proibição de mamadas noturna; inclusão de fórmulas e mingaus como prescrição médica; berços e carrinhos para evitar o excesso de colo, além da recomendação de não pegar bebês no colo quando chorassem. Hoje, um século depois, convencionou-se a livre demanda em amamentação e a indicação de manter o aleitamento materno até os 2 anos de vida da criança; a introdução alimentar apenas após os 6 meses de vida e preferencialmente com sólidos;

---

<sup>49</sup> Teoria criada pelo antropólogo inglês Ashley Montagu de que, nos primeiros 100 dias de vida de uma/um bebê, ela/e ainda está em uma extensão do desenvolvimento que começou dentro do útero. Como a/o bebê continua sendo gestada/o nesse tempo, é preciso muito cuidado e afeto para que se faça essa transição entre a gestação e o mundo externo. Alguns cuidados incluem simular a vida uterina. Essa transição é importante também para a pessoa que gestou.



uso de *sling*<sup>50</sup> e cama compartilhada; além da disciplina positiva e afetuosa, em que colo é sempre permitido. Um século depois ainda há os defensores da “maternidade científica”. E um século depois a Lei passou de 84 dias para 120 dias. Mas 84 dias era pouco, muito pouco; e atualmente, um século depois, 120 dias, quantidade estabelecida pelo artigo 392 da CLT desde 1988, também o é.

Será que G.B. era contratada pela família do idoso pela CLT? Quanto tempo será que G.B. teve de licença-maternidade? Que abusos morais e trabalhistas G.B. pode ter sofrido?

*“Tenho que me controlar. Tenho que lidar com a irmã dele, que é tutora dele. Ela não vai lá, mas ela exige muito, me suga mais que ele.”*

*G.B., em nosso encontro virtual, 23 de agosto de 2020*

Em novembro de 2017, foi sancionada a Lei 13.536, que garante a estudantes bolsistas de pesquisa o direito a afastamento por licença-maternidade, incluindo partos, adoções e guardas judiciais, pelo período de 120 dias. A ação visa a dar segurança a/ao bolsista e diminuir o índice de abandono dos cursos. Essa lei foi pensada por uma deputada; leis pensadas por deputados – homens brancos cisgênero heteronormativos – trazem, por exemplo, direito a apenas 84 dias de licença-maternidade. Sabendo desse direito e buscando maiores informações junto ao meu programa de pós-graduação, fui orientada a solicitar prorrogação da bolsa no fim do curso de mestrado. Foi quando em janeiro de 2022 enviei carta de solicitação de extensão da bolsa, junto ao documento de licença-maternidade e à certidão de nascimento de minha filha. Porém, meu pedido foi negado pela agência de fomento à pesquisa CAPES, mesmo que eu tenha comprovado meu afastamento temporário por licença-maternidade, direito garantido por lei.

A artista espanhola Núria Güell também questionou os direitos trabalhistas da mulher-mãe em 2017 com a performance “Afrodita”. A ação consistia em solicitar ao Museu que utilizasse o dinheiro investido em produção artística para pagar suas contribuições para a segurança social durante sete meses, o mínimo necessário para ter direito à licença-maternidade.

---

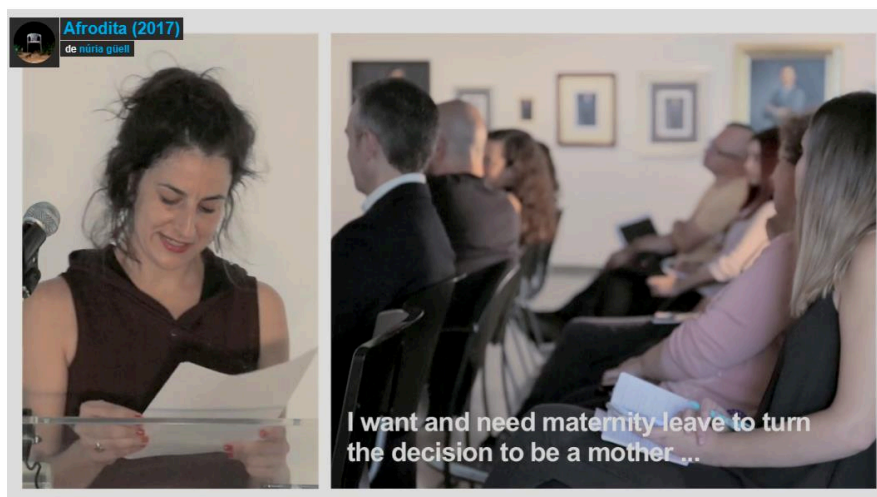
<sup>50</sup> Pano que se amarra ao corpo da/do cuidadora/cuidador para carregar a/o bebê, mantendo-a/o próxima/o à sua pessoa de confiança.

Núria elaborou uma cláusula modelo, com auxílio de um advogado, a qual qualquer artista, desde então, pode utilizar para solicitar que a instituição assumira seus custos de segurança social. Depois de muitas reuniões com os advogados do Museu, eles se recusaram a incluir a cláusula no contrato, realizando apenas um contrato de boca, o qual foi cumprido. O Museu aceitou as condições de Núria informalmente, mas a recusa a inserir o termo em contrato demonstra que foi aberta uma exceção, não garantindo uma melhora ou proteção aos direitos trabalhistas das/dos artistas. A cláusula modelo elaborada por Güell dizia:

“As partes acordam que as prestações mensais de retribuição que a artista deve pagar à Segurança Social durante o tempo de execução da obra para o cumprimento do presente contrato serão cobradas como despesas da produção da presente obra. A Instituição se compromete a pagar os montantes acima referidos da forma especificada a seguir: “custos de produção: taxas de retorno”. O montante máximo de taxas de recuperação que a artista está autorizada a cobrar como custos de produção sob esta cláusula é [X]€ (impostos incluídos).”

Núria traz à tona a discussão sobre artistas, profissionais autônomos, que mesmo produzindo, muitas vezes, para espaços públicos, não são funcionários públicos, como também não são de espaços artísticos privados. Artistas vivem sob uma constante instabilidade laboral e salarial, além da desregulamentação de seus direitos trabalhistas. Com sua ação performativa, Núria Güell mostra que essa precariedade se expande ainda mais se essa artista for uma mulher que deseja tornar-se mãe.

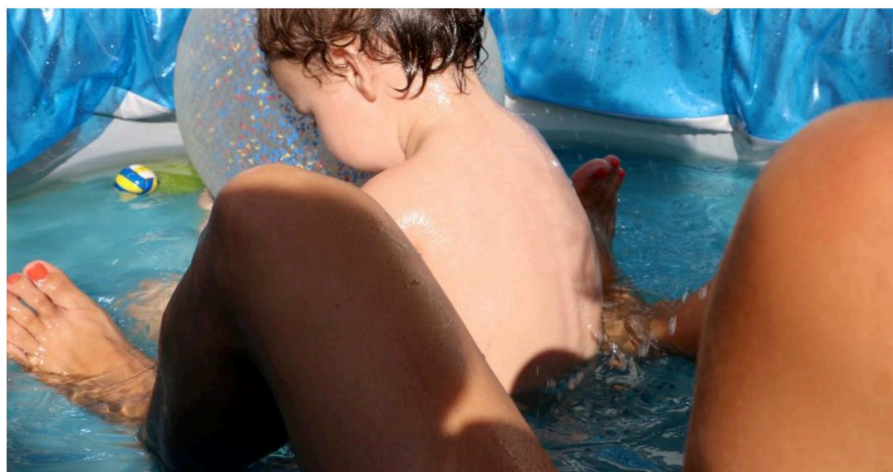
A ação se chama “Afrodita” para resgatar o mito grego da deusa da fertilidade. Os atributos associados à deusa não são os mesmos oferecidos à mulher real. O corpo e a vida da mulher real não têm a mesma relevância que o corpo e a vida da deusa. Núria desejava tornar-se mãe, deparar-se com a mudança total de seu corpo e sua vida sem direito a regresso.



Núria Güell, Afrodita. 2017. Disponível em <https://www.nuriaguell.com/portfolio/afrodita/>, último acesso em 26/02/2022)

O privilégio em que estamos inseridas nos possibilita questionar certos espaços e até mesmo a lei. Fico me perguntando se G.B. tinha conhecimento de leis que a protegiam e, caso tivesse, se seria possível lutar para garantir que elas a mantivessem em segurança. Eu não pude garantir que a lei me assegurasse, mesmo tendo conhecimento dela.

Núria deu prosseguimento às ações performativas em torno da maternidade. Em 2020 criou o projeto “Anexo de Afrodita”, em que transforma em obra de arte o tempo que passa cuidando do filho. Ela, como eu, como G.B., criou seu bebê estando confinada em casa por conta do Covid-19. A artista ofereceu o resultado desses registros ao festival alemão “Who cares?”, que tinha o trabalho do cuidado como temática. Núria, como eu, se viu atravessada pela maternidade, de modo que se tornou impossível criar uma ação performativa sobre qualquer outro assunto.



Núria Güell, Anexo de Afrodita (2020), disponível em <https://www.nuriaguell.com/portfolio/who-cares/>, último acesso em 26/02/2022)

Hoje, acompanhando G.B. em suas redes sociais, vejo que ela tenta retomar sua carreira profissional de maquiadora, uma trabalhadora autônoma como Núria, como eu.

O encontro com G.B. foi o mais longo de todos, senti que ela precisava falar, precisava de uma companhia, precisava dividir as angústias da gravidez com alguém igualmente grávida. Em alguns momentos aconteciam silêncios, mas eles não eram constrangedores, eles nos energizavam e nos conectavam, então o encontro seguia. E ela me olhava com seus grandes olhos, olhos-Mandala. G.B. é uma paraibana no Rio de Janeiro em busca de um sonho; como foram meus avôs na década de 1950 com meu pai nos braços.

A Mandala de G.B. traz uma imagem muito comum quando se estuda a psique sob o viés junguiano: as oposições entre claro e escuro, as oposições entre consciente e inconsciente.



Fonte: G.B. / Acervo pessoal (2020)

### 3.1.4 Encontro com D.P.

Conheci D.P no meu primeiro emprego mais de 10 anos atrás, mas na época não tínhamos tanto em comum. Ela, três anos mais nova que eu, engravidou, logo depois pediu demissão, e anos atrás a maternidade não nos uniu como nos dias de hoje. Mas quando eu soube, por uma rede social, que ela estava grávida novamente, a convidei

para um encontro virtual, o qual aconteceu em 3 de setembro de 2020 e, hoje eu vejo, foi atravessado pela maternidade real. Nosso encontro não foi longo, D.P. tinha muitas ocupações as quais, logo depois, eu entenderia.

Em 2020, D.P. engravidou pela terceira vez. Nosso encontro combinou várias ações: fazer Mandalas, receber as crianças entusiasmadas que voltavam da praça, preparar a janta dos filhos, separar as roupas que usariam no dia seguinte, encaminhá-los para o banho. D.P. agia com muita naturalidade, executava seu papel materno ao mesmo tempo em que dialogava comigo e conseguia me dar atenção. Uma habilidade que se constrói, porque mulheres são culturalmente educadas para dar conta do muito, e o muito, às vezes, parece pouco.

D.P. me colocou em contato com a ideia defendida pela atriz, cantora, pesquisadora e mulher-mãe Janaína Silva, ativista na Coletiva “Parir não é parar”. Em 2018, Janaína era aluna do curso de Pedagogia da PUC/SP e, por falta de rede de apoio ou política pública que acolhesse a mulher-mãe que pariu e deseja continuar a estudar e pesquisar, precisava levar a filha de quatro anos consigo para algumas aulas. A filha e ela já estavam acostumadas. Sentavam-se no fundo da sala, muitas vezes no chão; a menina desenhava, coloria ou brincava com blocos de montar, enquanto Janaína dividia a atenção entre a filha e o conteúdo da aula. Era provavelmente difícil para ambas: uma criança, repleta de energia, precisava contê-la para respeitar o espaço dos adultos; a mãe precisava se dividir e talvez se culpasse por não conseguir dar a atenção necessária nem às aulas nem à sua filha, além do constrangimento por possivelmente estar atrapalhando o espaço dos adultos. E a filha de Janaína se mantinha quieta no fundo da sala, cooperava com a mãe, do jeito que o adulto julga que tem que ser.

“Eu venho estourando de falta e de cansaço da luta real num processo mediado por uma justiça machista e seletiva, seguido de dias em casa tratando da saúde da minha filha de doenças pegadas nessa cidade poluída e entupida.” (SILVA, Janaína. 2018). Então, após muitas faltas e desejosa por retomar a vida de mulher-pesquisadora, antes da vida de mulher-mãe, ao entrar na sala para assistir à aula de um “professor doutor cheio de livros publicados”, definição trazida pela própria atriz, ela foi interrompida pela fala violenta:

“Essa criança está atrapalhando a minha aula. Dou aula para maiores de 18 anos e não vou aceitar crianças na sala. Você deveria estar em casa cuidando dela e ao invés disso trouxe essa criança para jogar em mim a sua responsabilidade. Não vou aceitar. E não me olha com essa cara!”

Janaína foi excluída por ser mãe. A misoginia do professor reflete o pensamento de que parir é parar. E então, para nós, encarceradas, só restará a solidão mesmo, o apagamento da mulher-mãe. Se ela é apagada, também não existe a sua luta para permanecer nos espaços que antes conseguia ocupar.

Além disso, a fala do professor também me colocou em contato com o termo relativamente novo “Adultocentrismo”. No podcast “Maternidade de Guerrilha”, disponível na plataforma *Spotify*, as artistas, mães e podcasters Lian Tai e Julia Jasmin, no episódio 14 da primeira temporada, disponibilizado em 12 de maio de 2021, convidam a psicóloga cognitivo-comportamental e mulher-mãe Roberta Albert para explicar o termo: “Uma configuração social que foi feita pelos adultos, para os adultos, que não acolhe as crianças, que não recebe bem as crianças nos espaços e que não deixa a criança ser criança.” Roberta Albert explica que a palavra “infância”, de origem latina, é composta por um prefixo de negação “in” e pelo verbo “fari”, que significa “falar”. O “infante”, quem vive a infância, é, portanto, “aquele que não fala”. Criança, então, não deve ter voz? Deve apenas ser guiada por palavras de ordem do mundo dos adultos?

Na sociedade adultocêntrica, às vezes, a criança pode até estar presente, mas ela não pode gritar, não pode correr, não pode fazer birra, não pode ser criança, e “a primeira consequência é que as mulheres são excluídas dos espaços, parece que esse ódio contra a infância é uma coisa direcionada somente às crianças, mas começa pela mulher, que vai ser excluída dos espaços. E termina no lugar de [...] a importância da legitimação dos sentimentos das crianças. Eu tenho pra mim [...] que a sociedade está se tornando fascista por causa do excesso de repressão. O excesso de repressão é o excesso de a gente ser obrigada a não aceitar as nossas emoções, a não aceitar a nossa subjetividade, a não poder nomear as nossas emoções. É errado sentir tristeza, é errado sentir raiva; e são sentimentos que todo mundo tem. E quando a gente não tem esse sentimento legitimado, não tem a possibilidade de nomear e não tem a possibilidade de lidar com essa energia, a gente acaba deixando esse ódio escapar das maneiras mais autoritárias. O resultado desse tipo de educação é esse fascismo que está tomando conta da sociedade brasileira.”<sup>51</sup>

Esse argumento, defendido por Lian Tai, me faz pensar que a maternagem é de luta, e a infância também. Uma amiga do Curso de Formação de Doulas da Fiocruz –

---

<sup>51</sup> Disponível em <https://open.spotify.com/episode/4pBsfWtIUpl7hSIY7Yeknd>, último acesso em 28/04/2022

em que me aventurei durante o puerpério na esperança de encontrar sentido no fundo do poço – reconstruiu o provérbio “é preciso uma aldeia para se educar uma criança”, dizendo “é preciso uma criança para educar uma aldeia”.

No encontro com D.P., ela reforçou uma ideia que, até hoje, é difícil para mim. D.P. me disse “Mari, peça ajuda. Aceite o que a rede de apoio tem a te oferecer.” Janaína Silva precisou levar a filha para as aulas na faculdade por falta de rede de apoio. As artistas e podcasters Lian Tai e Julia Jasmin são, uma para a outra, rede de apoio. Mas o que é, de fato, a solidão materna? É subjetiva ou objetiva? É consequência de expectativas que projetamos nas pessoas que estão ao nosso redor? Nós sabemos ou conseguimos pedir ajuda? Como D.P. fez para aprender a pedir ajuda e aceitá-la? D.P. foi cindida três vezes. Mas por que D.P. pediu demissão de seu emprego logo após a primeira gravidez? Será que, em sua primeira cisão, ela viveu a solidão materna? E nas outras duas cisões?

É preciso falar sobre a solidão materna e sobre a maternagem de luta. Janaína Silva, então, após o episódio de exclusão e misoginia vivido em sala de aula, passou a escrever todos os dias “Parir não é parar” e adicionava um ponto de interrogação diante da frase diariamente. Também escreveu essa frase no muro da Universidade e convocou, por meio de seu perfil na rede social Instagram, as mulheres-mães a fazer “um criançaço. A revolta dos Erês.” nos mesmos dia e horário em que aconteceria a próxima aula do professor que constrangeu mãe e filha. Janaína denunciou o professor na ouvidoria da PUC/SP, e ele foi afastado do curso de Pedagogia.

Janaína Silva conceitua sua Coletiva da seguinte forma: “a coletiva PARIR NÃO É PARAR\_ foi criada em 2014 como território de acolhimento, conspiração e fortalecimento de expressões de maternagens y infâncias de luta. Pensa e promove debates, oficinas, apresentações artísticas, ações y práticas coletivas y itinerantes para a disseminação de informação, rede de apoio e de acesso à cidade y aos direitos das infâncias e de corpos paridos, em perspectiva antirracista y anticolonista, materna y antipatriarcal.”, em postagem publicada em 29 de julho de 2021 na página da Coletiva “Parir não é parar”, na rede social Instagram. Janaína se oferece como rede de apoio para mulheres-mães. Sem rede de apoio não se sobrevive à maternidade.

Durante a pandemia do Covid-19, em 2020, a artista realizou uma *live*, a qual foi divulgada por meio de uma arte visual produzida por sua filha, porque para Janaína a infância está longe de ser a fase da vida em que não se tem voz.



(disponível em [https://www.instagram.com/p/B\\_kPZx-nxvt/](https://www.instagram.com/p/B_kPZx-nxvt/), último acesso em 28/04/2022)

D.P. pariu três vezes e não parou, como Janaína Silva, como Lian Tai, como Julia Jasmin, como eu. Porém eu garanto que todas nós, em algum momento, cogitamos parar. Força não nos falta, mas nos faltam apoio e políticas públicas de suporte a mulheres-mães para que possam voltar ao mercado de trabalho.

Eu fui impulsionada a parar. Em dezembro de 2021, sabendo da finalização da bolsa de fomento a esta pesquisa e temendo que não fosse possível prorrogá-la – como de fato aconteceu – comecei a procurar emprego como professora e fui aprovada em um processo seletivo para uma escola tradicional católica no Rio de Janeiro, uma escola renomada onde provavelmente muitos professores e professoras desejariam trabalhar. Mas eu não. “Eu devia estar contente porque eu tenho um emprego e sou o dito cidadão respeitado”<sup>52</sup>, mas eu estava infeliz por ter sido aprovada nesse processo seletivo. Sabendo que parir não é parar, entendi que eu deveria aceitar a minha condição e sorrir. Em uma quarta-feira, recebi minha grade de horários, a qual deveria supostamente cumprir com o início do ano letivo em fevereiro de 2022. Entretanto, soube que já deveria iniciar o cumprimento daquele horário imediatamente, devendo comparecer no dia seguinte, abrir o ponto e fechá-lo no fim do expediente, mesmo que não houvesse trabalho a ser executado. Fui sincera com a minha gestora: eu me programei para cumprir o horário quando iniciasse o ano letivo, como acontece em outras escolas. A

<sup>52</sup> Trecho da música “Ouro de tolo”, de Raul Seixas.



creche em que matriculei minha filha ainda não começou, começa apenas na semana que vem. Se eu vier amanhã, não terei com quem deixá-la.

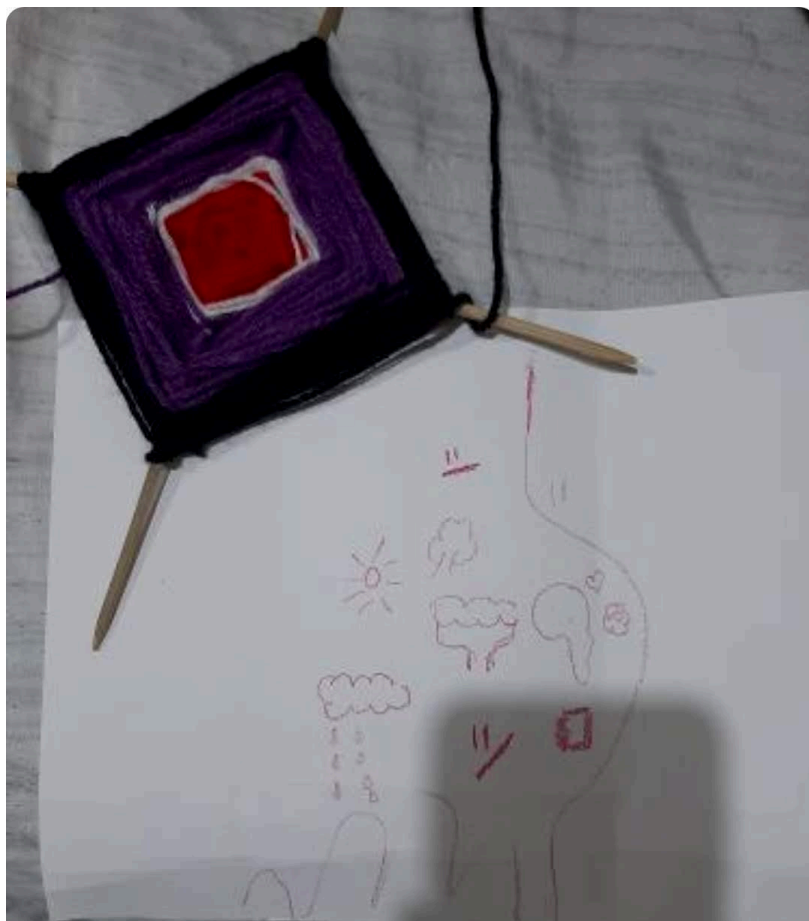
Eu não compareci no dia seguinte – apenas para abrir e fechar o ponto, pois não havia reunião, nem aula para dar, nem aula para preparar – e recebi uma ligação do RH dizendo que devido à minha indisponibilidade a escola decidiu declinar com a minha contratação. A minha indisponibilidade tem nome: mulher-mãe. Eu fui demitida antes mesmo de começar a trabalhar. Eu reconheço esse acontecimento como abuso de direito, uma vez que eu já tinha sido aprovada, realizado exame admissional, aberto conta salário, enviado documentos admissionais e comparecido a 2 reuniões. Além disso, a lógica trabalhista dos profissionais da educação é diferente da de outras categorias. Ser dispensada em fevereiro, quando todas as escolas já fecharam seus horários, impede ou dificulta a conquista de um novo emprego na área.

Retornar ao mercado de trabalho é uma das maiores dificuldades das mulheres-mães.

O ideal materno choca-se violentamente contra as obrigações cada vez mais exigentes do mundo do trabalho. Como atender a um sem sacrificar o outro? Questão que, nos últimos trinta anos, tornou-se mais difícil em virtude da sucessão das crises econômicas e da angústia do desemprego que espreita a todas e a todos. Ora, foi justamente durante esse mesmo período que o ideal da boa mãe se tornou massacrante. (BADINTER, 2019, p. 158)

Voltar ao mercado de trabalho gera muitos medos: o leite empedrar, a saudade matar, e se ela se esquecer de mim, e se eu não souber fazer mais nada além de matar. Mas é muito bom sair da prisão domiciliar e sentir-se novamente produtiva, voltar a ocupar os espaços que antes ocupávamos com conforto, prazer, dedicação. “Como escapar ao aprisionamento materno quando ele é abjeto de um poderoso consenso social?” (BADINTER, 2019, p. 165). Eu me deparei com o espectro da mulher-mãe na sociedade patriarcal: aquele espaço no mercado de trabalho já não é para mim, eu estava, para o mercado de trabalho, indisponível. Porque as regras desse mercado foram organizadas pelos homens e para os homens, os quais sempre limitaram a participação das mulheres em espaços públicos e em espaços de poder. E novamente, o que sobra é a solidão materna. A exclusão materna. O desemprego materno. Por mais que eu não estivesse feliz naquele emprego, o acontecimento revela um esquema histórico, político, social e cultural de penalização das mulheres-mães por serem mães.

Eu não sei os motivos que levaram D.P., quando engravidou pela primeira vez, a pedir demissão daquela empresa em que trabalhamos juntas. Também não sei que dificuldades ela enfrentou para retornar ao mercado de trabalho. Em nosso encontro, D.P. pouco falou sobre os pesares da maternidade, sobre as penalizações; ela, inclusive, foi bastante otimista e me deu bons conselhos. Mas seu desenho e sua Mandala, talvez, relatassem outros estados da alma para além do que as palavras pudessem dar conta. Nem sempre as palavras expressam os modos de *performanser* e *performanviver*. Em seu desenho, vejo confusões, expressões de luz e sombra, e imagino que a cada cisão de parto surjam, na mulher-mãe, novas sombras. A Mandala, na sua falta de simetria e dificuldade de finalização, me pareceu ter um centro que não é centro, que não se fecha, que não se organiza; e tecer fios não pode levar à auto-organização? Sua Mandala me pareceu um corpo sem cabeça, talvez um corpo e uma personalidade despedaçados. Maternar é isso também, despedaçar-se e catar os pedaços para ver quais ainda servem. Talvez nenhum sirva.



Fonte: D.P / Acervo pessoal (2020)

### 3.1.5 Encontro com M.F

Pela primeira vez, senti-me livre para falar, sem medo, de aborto. Falar a palavra “aborto”, naquele encontro, não me soou pesado, como tivera soado antes desse encontro.

M.F. relatou que havia passado por algumas perdas gestacionais, tendo lidado com um tipo de luto sobre o qual pouco se fala. Eu também não soube o que falar a ela, não abordei profundamente o luto em nosso encontro. O luto é tão silenciado quanto o aborto. Hoje, lendo Chimamanda, penso sobre esse tema carregado de pudor:

O luto expõe novas camadas em mim, raspando escamas de meus olhos. Arrependo-me das minhas antigas certezas: você certamente deve vivenciar seu luto, falar a respeito, encará-lo, atravessá-lo. As certezas arrogantes de alguém que ainda não o conhece. (ADICHIE, 2021, p. 23)

M.F. trabalha no programa médicos sem fronteiras e lida com muitas mulheres-mães que passam por situações de aborto por inúmeros motivos – seguros ou inseguros, espontâneos ou programados. M.F. passou por abortos espontâneos.

M.F. estava no segundo trimestre da gestação e, para não sofrer mais uma perda, precisou fazer repouso absoluto e se ausentar, precocemente, de suas atividades laborais, mesmo sendo profissional da saúde. Eu também me ausentei, graças à pandemia do Covid-19, mas não soube o que é sofrer com o risco da possível perda gestacional.

M.F. morava na Suíça na época e lá ela fora perguntada se desejara levar a gravidez adiante. Ela fora perguntada sobre a possibilidade de escolher realizar um aborto seguro. Ela fora perguntada.

Então eu me lembrei de que eu desejei realizar um aborto, mas seria inseguro. E a insegurança no procedimento foi, entre outras razões, o que me fez declinar. Havia alguma culpa, claro, afinal, as escolhas que uma mulher faz em relação ao próprio corpo e à sua sexualidade estão inseridas em contextos de ordem pública – cultural, religiosa e política. Porém, a impossibilidade de realizar um aborto seguro me fazia pensar que eu iria morrer, ou perder o útero talvez, ou não poder engravidar novamente, se quisesse. A criminalização do aborto no Brasil e a dificuldade de falar sobre o tema não impedem o aborto inseguro de acontecer; e ele vem acompanhado da falta de acolhimento, da culpabilização da pessoa gestante, muitas vezes, leva graves danos ao corpo da pessoa-

gestante e até à morte materna. O aborto inseguro é uma das principais causas de morte materna. “Os dados sobre aborto no Brasil são imprecisos, mas [...], segundo a OMS, um total de 73,3 milhões de abortos seguros e inseguros ocorreram no mundo anualmente entre 2015 e 2019 e na América Latina, três a cada quatro abortos são feitos de forma insegura.”<sup>53</sup>

Uma pessoa que gesta e não quer gestar, muitas vezes, se criminaliza. Uma pessoa que gesta, quer gestar e sofre um aborto espontâneo também se criminaliza.

Conta-se que na década de 80 os treinadores soviéticos, para aumentar o desempenho de suas atletas, pediam que elas engravidassem: durante um tempo desenvolviam-se nelas os hormônios específicos da gravidez que aumentavam sua força muscular. Depois, elas abortavam. (BERTHERAT, 1997, P. 24)

Como será que essas atletas se sentiam com esse pedido? Como é isso de alguém – homem – pedir a uma pessoa – mulher – que ela engravide e aborte semanas depois? De que modo essa sugestão – imposição? – colocava mulheres e seus corpos em perigo? Entendia-se essa proposta como uma exploração do corpo das mulheres atletas? E aquelas que se identificassem com o gestar e quisessem dar prosseguimento à gravidez? Eram abortos seguros em termos médicos, mas isso não anula o fato de que, possivelmente, essas mulheres eram submetidas a sofrimentos de distintas categorias físicas e emocionais.

No Brasil, a criminalização do aborto faz parecer que ele não existe. Mas ele existe de maneira mais presente do que se imagina. E o desejo de realizá-lo, no meu caso, foi interrompido pela desinformação. Emanuelle Góes, doutora em Saúde Pública pela UFBA, defende que:

A criminalização do aborto prejudica as mulheres inclusive quando é aborto legal e aborto espontâneo, né? As mulheres são maltratadas no serviço, independente do tipo de aborto. As mulheres que chegam no serviço falando que o aborto é espontâneo, vão ser tratadas como se o aborto fosse provocado, porque sempre parte da prerrogativa de que as mulheres estão mentindo. Isso mesmo quando é de fato espontâneo, ‘ah, é espontâneo mas você não cuidou direito e por isso você abortou’.

A criminalização vai conformando as relações que não fazem parte, em primeira instância, da criminalização. Então, a gente não deveria se preocupar com a criminalização unicamente do aborto ali provocado que não é permitido por lei. Essa criminalização contamina todo o processo, toda a atenção às mulheres que sofrem violência sexual que precisam procurar o

---

<sup>53</sup> Disponível em <https://apublica.org/2021/05/aborto-inseguro-e-das-principais-causas-de-morte-materna-e-mulheres-negras-sofrem-mais/>

serviço e protelam, por exemplo. Muitas dessas mulheres acabam fazendo um aborto inseguro. Tem um estudo sobre mulheres que teriam direito ao aborto legal, mas terminam realizando um aborto inseguro, por conta da criminalização. (disponível em <https://apublica.org/2021/05/aborto-inseguro-e-das-principais-causas-de-morte-materna-e-mulheres-negras-sofrem-mais/>)

Eu contei a M.F., em nosso encontro, o quanto eu me senti uma criminoso: para falar sobre aborto, precisei fazer download de um aplicativo de bate-papo cujas mensagens se apagam instantaneamente, não havendo registro de que falamos sobre um crime. Também precisei fazer um exame de ultrassonografia em um local que não solicitasse meu número de CPF e de identificação civil. A situação se dá de maneira tão cabulosa que, sim, a pessoa gestante que não deseja gestar se sente cometendo um crime. Interditam nosso corpo e nossa fala. Todo esse cenário gera medos e inseguranças.

No Brasil, a criminalização do aborto é acompanhada do mito do amor instantâneo, do mito de que nascemos para a maternidade e da falta de políticas públicas para acolher pessoas que gestam e não querem gestar por seus inúmeros motivos. No Brasil, pautas como educação sexual, direitos reprodutivos e planejamento familiar com educação perinatal estão paralisadas, mesmo com governos que se diziam progressistas.

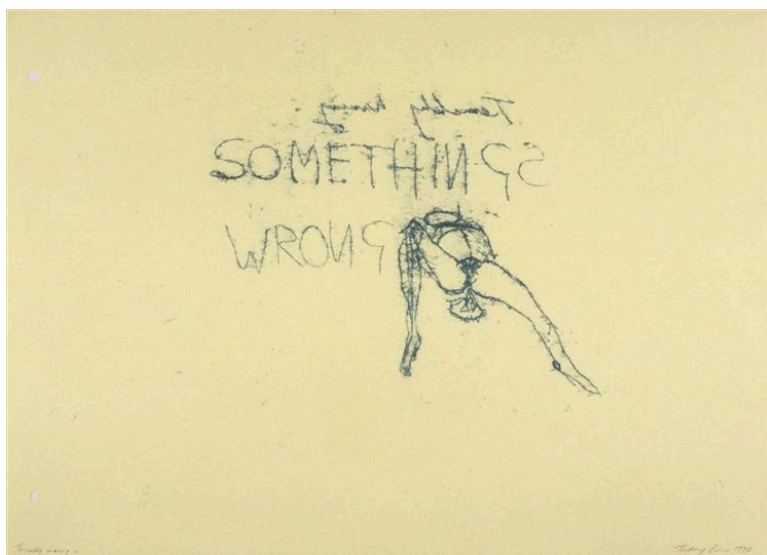
Vários de nós somos as crianças não planejadas de mulheres talentosas e criativas cuja vida foi mudada por uma gravidez não planejada ou indesejada. Nós testemunhamos a amargura, a raiva, a frustração com sua situação de vida. E estava claro para nós que não poderia haver qualquer libertação sexual genuína para mulheres e homens sem melhores e mais seguros métodos contraceptivos – sem o direito ao aborto seguro e legal. (hooks, 2018, p. 31)

E essa pauta não é mais recente, vem sendo discutida desde a década de 1960 com a expansão do movimento feminista.

A questão do aborto chamou atenção da mídia de massa porque realmente desafiou o pensamento cristão fundamentalista. Desafiou diretamente a noção de que a razão da existência de uma mulher é gerar crianças. Chamou atenção da nação para o corpo da mulher de uma forma que nenhuma outra questão poderia fazer. Era um desafio direcionado à igreja. Mais tarde, todas as outras questões reprodutivas para as quais pensadoras feministas chamaram atenção eram com frequência ignoradas pela mídia de massa. Os problemas médicos de longo prazo, desde cesarianas a histerectomias, não eram assuntos interessantes para a mídia de massa; frequentemente chamaram atenção para o sistema médico patriarcal capitalista dominado por homens, que controlava o corpo das mulheres e fazia com elas qualquer coisa que quisesse fazer. [...] Nenhuma ativista feminista no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970 imaginou que teríamos que lutar por direitos reprodutivos nos anos 1990. Uma vez que o movimento feminista criou a revolução cultural que fez com

que o uso de anticoncepcionais relativamente seguros fosse aceitável e o direito de fazer aborto seguro e legal fosse possível, as mulheres simplesmente presumiram que esses direitos jamais seriam questionados novamente. (hooks, 2018, p. 32)

A artista britânica Tracey Emin, conhecida por suas obras autobiográficas e confessionais, nos anos 1990, produziu uma série de desenhos tematizando o aborto. Segundo ela, teria sido uma mãe má, pois não conseguiria conciliar maternidade e carreira criativa, e provavelmente quando o papel do homem na sociedade mudar, a mulher-mãe talvez consiga executar mais de uma função, além da materna. De fato, a história da arte, pelo menos no Ocidente, é contada por homens e cita, em geral, homens, porque com o patriarcado e a consequente domesticação de mulheres, elas estavam em casa sendo mulheres-mães. E aí está “o perigo de uma história única”, discutido por Chimamanda em sua fala para TED Talk, em 2009, “A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas.” (2019, p. 27).



(Tracey Emin – Terribly Wrong, 1997. Graffiti.)

Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/tracey-emin/terribly-wrong-1997>, último acesso em 05/02/2022)



(Tracey Emin – From Memory – My abortion, 1995. Graffiti.)

Fonte: <https://www.xavierhufkens.com/artworks/tracey-emin-how-it-feels>, último acesso em 05/02/2022)

Tracey Emin realizou dois abortos ao longo da vida, tendo sido o último em 1992. Em 1996, Tracey produz a vídeo-performance, de 22 minutos, chamada “How it feels”. O vídeo começa do lado de fora do consultório médico onde ela realizou o procedimento. Ela relata que o médico, inicialmente, não aceitou que ela, sozinha, tivesse permissão para interromper uma gravidez. Ela fala de raiva, de confusão moral, de desgosto e de culpa, e conta o que a levou a tomar tal decisão: necessidade básica de sobrevivência de uma jovem artista em luta. Emin produziu essa performance seis anos depois de ter realizado o segundo aborto e conta que:

Nenhuma mulher quer fazer um aborto, você só aborta porque tem que fazer e todo mundo esquece disso. Você só tem seis semanas para pensar nisso e depois tem o resto da vida para pensar se tomou a decisão certa ou errada, mas é tarde demais, você já a tomou. Estou feliz por ter feito um aborto e não ter tido filhos, tomei a decisão certa para mim, mas para algumas mulheres pode ser a decisão errada. (disponível em <https://www.m-arteyculturavisual.com/2015/03/19/arte-feminismo-y-maternidad/>)

Enquanto estive grávida, fui procurada por uma jovem que desejara abortar. A história que ela me contara claramente traduzia um relacionamento abusivo com violência sexual. Ela, uma jovem mulher moradora da cidade de São João de Meriti, periferia do Estado do Rio de Janeiro, a meu ver, deveria ter direito a um aborto seguro legal. Mas não foi o que aconteceu.

Sem direito a abortos seguros, baratos ou gratuitos, elas perdem todo controle sobre o corpo. Se voltarmos a um mundo no qual abortos são somente acessíveis a mulheres com muito dinheiro, arriscamos o retorno de uma política pública que tem por objetivo tornar o aborto ilegal. Já está acontecendo em vários estados conservadores. Mulheres de todas as classes devem continuar a fazer abortos seguros, legais e financeiramente acessíveis. [...]

Se as mulheres não têm o direito de escolher o que acontece com nosso corpo, arriscamos renunciar direitos em outras áreas da vida. (hooks, 2018, p. 33).

Encaminhei o pedido de socorro a uma amiga, que deu prosseguimento ao acolhimento dessa jovem – existe uma rede de apoio entre mulheres em relação à prática do aborto – a qual, como eu, precisou fazer o download de um aplicativo em que as mensagens de texto são apagadas instantaneamente. Eu, na época, em processo de acolhimento de minha gestação, não pude dar continuidade ao acolhimento de que ela precisava. Como ela está hoje?

Mas M.F., diferentemente de mim, diferentemente de Tracey, diferentemente da jovem que me procurou, desde o início desejava uma gestação. Desejava antes mesmo de ela acontecer. E para ela, por um tempo, o luto repetitivo significava a total impossibilidade de gestar.

Não tenho uma foto da Mandala produzida por M.F.; ela, na época, estava de passagem pelo Brasil, com a cabeça ocupada por viagem, trabalho, gravidez de risco. E, embora eu tenha pedido que ela me enviasse uma foto, não quis importuná-la com isso, até porque grávidas têm memória curta. Mas eu coloco aqui a imagem da Mandala que eu produzi em nosso encontro, com as cores escolhidas por ela. Cores fortes, vivas, porque M.F. é força, é vida.





Fonte: Mariana Rego / Acervo pessoal (2022)

#### 4. Lua Minguante

A Lua do desapego, que eu venho descobrindo ser parte integrante da toda a maternidade – e também dos processos criativos. Os adeptos de rituais à Lua dirão que é a fase ideal para desfazer-se do que não possui mais sentido. Passadas 40 semanas de gestação, gestar ainda fazia sentido, eu estava apegada àquela identidade, me sentia bonita e poderia passar mais algumas semanas com um corpo dentro do meu corpo; porém fui obrigada a desapegar, mesmo não estando pronta – talvez eu nunca estivesse. Gestar fazia mais sentido do que não gestar.

Quando me deparei com a minha Lua Minguante, foi tudo de repente, num rompante. Perguntei-me “E agora? Agora é isto. Esta sou eu. Eu? Esta? Mas quem é esta? E quem é aquela que ficou na cama ensanguentada?”. O corpo mingua, a barriga mingua, o útero mingua, o quadril mingua. O peito se enche e se preenche. Se preenche tanto que dói. E vaza. O líquido amniótico morre. A placenta morre. A placenta é um órgão temporário que nasce, cresce, promove a comunicação entre dois – ou mais – corpos e morre. A mulher-mãe- gestante tão bela é apagada com uma borracha de péssima qualidade, vira um borrão. E só há olhos para o corpo parido, não o corpo que pariu.

A minha Lua Minguante durou cerca de quatro meses. Ou mais – aprendi recentemente, como Doula recém-formada, que ela pode durar até dois anos. A minha Lua Minguante vai e volta. É um período de esvaziamento de si e do mundo ao redor.

Um filho recém-chegado pode ser uma suspensão da relação com o resto do mundo para a mãe. Durante um tempo, as exigências da vida ficam em segundo plano, trabalho, casamento, projetos inconclusos, tudo isso será adiado para outro momento. Não é fácil retomar. Muitas vezes apegar-se ao bebê é uma saída para a covardia de reenfrentar a vida. Em casa, com seu filho, identificada com a vida infantil deste, ela se manterá afastada do trabalho, das exigências sociais e, frequentemente, da própria sexualidade. (CORSO, 2006, p.73)

Na Lua Minguante morremos um pouco, matamos a outra, “vida e morte transbordam os limites de uma compreensão meramente fisiológica para se inscrever em outras dimensões.” (RUFINO; SIMAS, 2020, p. 10). Talvez a Lua Minguante me faça visitas frequentemente.

Mas como artista, o que morreu? O que – quem – eu matei?

#### 4.1 Os encontros com Amora

*Como traduzir o silêncio do encontro real entre nós dois? Dificílimo contar. Olhei para você fixamente por instantes. Tais momentos são meu segredo. Houve o que se chama de comunhão perfeita.*

*Eu chamo isto de estado agudo de felicidade.*

(LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*, p.55)

Amora apareceu em minha vida em fevereiro de 2020, antes ainda de ser Amora. Estávamos a uma semana do carnaval, eu estava produzindo um espetáculo que iria estreiar em março, havia recentemente iniciado o mestrado em Artes Cênicas e estava concluindo minha formação em arteterapia. Além disso, se faltava dinheiro para me sustentar, como sustentar outra vida? Definitivamente, não era o melhor momento para o encontro com Amora. Chorei silenciosamente. Nunca imaginei que descobrir uma gravidez fosse isso – o Google sempre nos mostra casais – brancos, heteronormativos e cisgênero – felizes, sorrindo, olhando-se, com as mãos apoiadas no ventre. Foi preciso fazer uma escolha.

No dia 20 de fevereiro fui a uma clínica, que parecia clandestina, fazer uma ultrassonografia clandestina. Cinquenta reais. Peguei uma senha. Cheguei às 7:30. Na lacuna de horários, caminhei, andei até a praia, entrei em uma loja de pedras e incensos e, despretensiosamente, peguei uma pedra, selenita. Disse para mim mesma “parece um pedaço de cana. Quando éramos crianças, meu pai nos levava à feira e comíamos cana”. Fui ler as características da pedra e, entre alguns atributos, havia “protege a mulher na gravidez”. Sincronicidade. Comprei a pedra. Fui chamada para o exame por volta das 15 horas. A sala era toda azul, tocava MPB ao fundo. A médica cantava junto e mastigava chiclete. Tirei a saia, coloquei um jaleco, deitei-me silenciosamente. Ela não usava jaleco nem luvas. Ela usava uma saia jeans longa, tinha cabelos pretos esvoaçantes típico dos anos 1980, que me lembraram a Cláudia Raia. “Está grávida sim. Muito pequenininho, devem ser quatro ou cinco semanas. Ih, cheia de miomas.” Continuei a chorar silenciosamente. Por que isso está acontecendo comigo? Ela imprimiu o exame, me entregou e, com olhar piedoso, disse “Boa sorte!”. Entrei no metrô, ainda chorando silenciosamente. Chegando ao meu bairro, descii do trem, atravessei a rua imersa em minha introversão. Um carro buzinou. Eu me assustei, corri. Eu tive medo de morrer. No dia 4 de março, pela primeira vez, eu permiti que saísse da minha boca “Eu estou grávida!”. A pedra selenita me acompanhou durante toda a gestação.

Carta para Amora:

Eu queria te dizer que não foi por falta de amor. Eu hoje tenho sede, tenho fome de aroma e amora. É que os desejos do seu corpo se tornaram mais senhores de mim do que o meu próprio corpo. E agora sou eu com você. Eu com meu corpo. Eu com nosso corpo. Nunca adeus.

Eu pensei em te escrever uma carta para dizer o quanto é bom nunca mais estar só, nunca mais só eu dona de mim. Eu fiquei me lembrando do quanto eu tive medo de te escolher. Eu pensei em te mostrar uma lista dos lugares que nós vamos conhecer juntas. O Litoral do Nordeste, toda a América do Sul, México. Eu pensei em te dizer o quanto deve ser bom, depois de um dia de trabalho, cansada, ir para casa e te encontrar. Você vai querer me encontrar também? E ficar ali, ocupada no meu olhar em sua direção e no seu olhar em minha direção.

É que eu me vi, assim, meio angustiada e pensei em te dizer que você foi a minha escolha mais forte e bonita e corajosa. Eu me admiro pela minha coragem.

Game over.<sup>54</sup>

Amora nasceu às 23:45 de 27 de outubro de 2020 de parto natural humanizado, após um trabalho de parto rápido de aproximadamente quatro horas. Amora foi passada para meus braços por baixo de meu corpo, entre minhas pernas, ainda com cordão umbilical e escorregadia. Fizemos nosso primeiro contato pele a pele. Eu olhei para ela. Eu fiquei estática, em choque. Não sabia o que fazer, não sabia o que sentir. Havia uma poça de sangue, “não puxa muito, ainda está com cordão”, eu estava em um novo corpo e, agora, com o segundo corpo fora de mim. Meu corpo físico se rompeu, se lacerou, se feriu. O corpo físico de Amora agora funcionava sem o meu corpo. Amora deitada sobre o meu peito. Meu companheiro cortou o cordão umbilical, nosso vínculo simbiótico – e talvez seja essa uma das funções paternas ao longo da vida. Amora respirando em cima de mim. Os olhos fechados, as mãos na boca, os cabelos colados na cabeça. Não consigo descrever o que senti nesse momento, talvez eu nem o saiba; não consigo nomear as sensações e os sentimentos. Da mesma forma, hoje, ainda não consigo nomear o que sinto quando nos olhamos, olhos nos olhos, durante a amamentação, as trocas de fraldas, os banhos no chuveiro, as massagens, os rituais do sono. Acho que nunca, na vida, recebi um olhar tão profundo, sincero, simples. E só é tão profundo

---

<sup>54</sup> Acervo pessoal. Texto produzido em 11 de maio de 2020.

porque é simples. É o olhar do encontro. Cada vez que nos olhamos, ganho novas feridas.

o encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário. Daí o encanto ser uma pulsação que rasga o humano para lhe transformar em bicho, vento, olho d'água, pedra de rio e grão de areia. O encanto pluraliza o ser, o descentraliza, o evidenciando como algo que jamais será total, mas sim ecológico e inacabado. (RUFINO; SIMAS, 2020, p. 9)

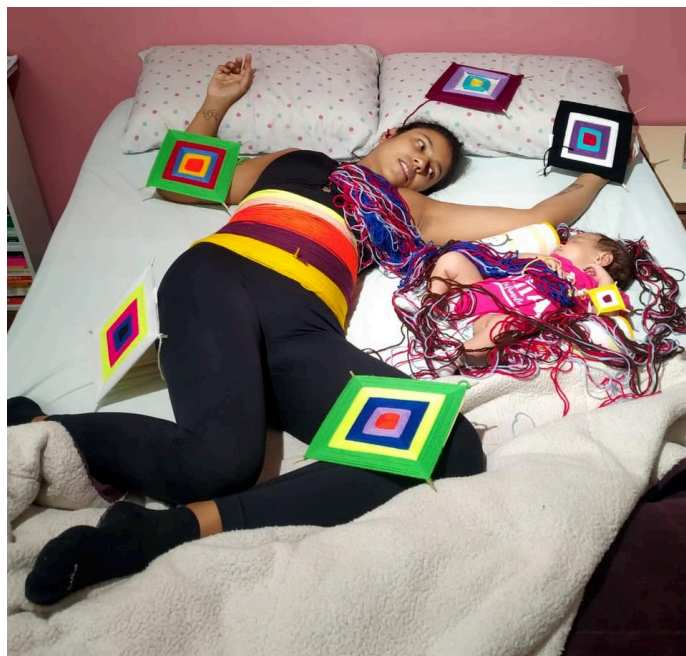
Amora, literal e metaforicamente, me rasgou. Eu fui tombada, derrubada. Algo emergiu de minhas raízes naquelas horas. Eu pulso. Ela pulsa. Nunca mais ficarei erguida de pé como outrora – até porque a coluna nunca mais será a mesma de outrora.

Amora não saiu do meu lado um instante sequer. Na nossa primeira noite juntas, na Maternidade, eu não dormi, olhava para ela ininterruptamente, sem desviar o olhar. E se a roubarem? E se ela morrer dormindo? Eu tive medo. Um tipo de medo nunca antes sentido por mim. Eu, aliás, hoje digo que antes de Amora era bastante destemida. Aquela noite em claro era só o início das muitas que viriam.

Amora também esteve comigo durante toda a produção de Mandalas, participou de todos os encontros. Dentro de meu ventre, ela ouvia as conversas que tive comigo mesma e com as gestantes que cooperaram com minha pesquisa. Na foto, além do corpo cansado e do corpo tranquilo de minha filha enquanto dorme, estão presentes as Mandalas que produzi com as gestantes a partir de cores que elas escolhiam<sup>55</sup>; uma Mandala pequena, que produzi para Amora; uma Mandala feita em meu próprio corpo, também com cinco cores, na região do meu centro exterior – agora não mais de gestante, e sim de puerpera –; e as lãs, minha conexão comigo, com as gestantes, com a pesquisa, com minha mãe, com Amora, como o fio que nos une – o cordão umbilical, o leite, o sangue, o olhar.

---

<sup>55</sup> Assim como os Huichóis, usávamos cinco cores. Pedia que elas escolhessem cinco cores que as agradassem, que as trouxessem paz interior e enviava as lãs com as cores escolhidas junto com o kit de materiais a serem utilizados no encontro. Eu utilizava em minhas mandalas, a cada encontro, as mesmas cores que elas, escolhendo, porém, a ordem que achava conveniente para mim.



Fonte: Franco Albuquerque / Acervo pessoal (2020)



Fonte: Franco Albuquerque / Acervo pessoal (2020)

Lembro sempre do Dr. Claudio me pedir para que eu me olhasse no espelho com atenção e me despedisse de mim. Eu estava me transformando na mãe de Laura. Que verdadeiro. Por isso mesmo – lembro bem – alguns dias antes do nascimento de Laura eu parei e me olhei no espelho do banheiro, e chorei compulsivamente diante do incerto futuro, diante de minhas inseguranças, diante da expectativa, diante de mim mesma. (D'ÁVILA, 2019, p.56 e 57)

Tenho um Centro ainda e sempre em movimento; é o útero regredindo, é a Amora que faz o peito se encher de amor, de leite. É a nova mulher que preciso

*performanser*, porque estou *performanvivendo* “ao mesmo tempo, bebê e pessoa adulta” (GUTMAN, 2016). Descobri com Amora e com Gutman que “cada bebê é uma oportunidade para sua mãe ou figura materna retificar o caminho do conhecimento pessoal.” (2016). Sem dúvida, com o nascimento de Amora, eu re-existi. Entre muitos encontros, Amora fez que eu me encontrasse com minha Mandala, do meu Centro à minha Totalidade.

#### **4.2 Puerpério: como a mulher-mãe performa?**

*Ao dar à luz, a mulher entra em contato com sua mãe; ela se torna, ela é sua própria mãe; elas são uma mesma continuidade a diferenciar-se. Ela atualiza assim a faceta homossexual da maternidade, mediante a qual uma mulher fica simultaneamente mais próxima de sua memória instintiva, mais aberta à sua psicose e, conseqüentemente, mais negadora de seu liame social simbólico.*  
(KRISTEVA, in “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade”, Judith Butler, 2020, p. 149)

Quanto vale o trabalho de uma mulher que está parindo? Quanto lhe pagariam? Quem lhe pagaria? Depois desse trabalho, o que pode essa mulher-mãe? O que pode esse corpo? Quanto vale o trabalho de uma lactante que amamenta em livre demanda? Quanto lhe pagariam? Alguém lhe pagaria? O que podem seus seios?

O corpo da mulher e o da mulher-mãe sempre foram alvo de vigilância, e a exposição da maternidade não é uma questão recente, o que mudou foram as possibilidades, formas e meios de a expor. A pintura impressionista de Renoir ficou famosa, entre outros motivos, por exibir a beleza e a sensualidade femininas – em uma época em que a mulher dentro das artes poderia servir, apenas, como musa inspiradora, quando sua voz era ainda mais silenciada.



(RENOIR, P.A. Maternidade ou Mulher amamentando seu bebê. 1885. Óleo sobre tela, 74cm X 54 cm. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pierre-Auguste\\_Renoir\\_-\\_Maternit%C3%A9\\_-\\_02.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pierre-Auguste_Renoir_-_Maternit%C3%A9_-_02.jpg), último acesso em 07 de março de 2021)

A mulher-mãe exposta na tela tem ar leve, está em paz, não aparenta dificuldade para amamentar, símbolo da expressão do amor materno, está bem vestida e sem olheiras, tendo conseguido tempo para tomar um bom banho, se arrumar e descansar. A relação materno-filial aparece, na tela, como um espaço privilegiado de ternura, harmonia e estabilidade. E eu pergunto a ela, olhando em seus olhos que também me olham: essa é a *hashtag* maternidade real<sup>56</sup>? Ou a maternidade era assim no século XIX? Será que o observador dessa mulher, esse que pinta a tela, pagou-lhe algo?

<sup>56</sup> “Maternidade real” foi uma hashtag popularizada em 2016 quando uma mulher-mãe decidiu publicar em seu Facebook imagens em que estava exausta amamentando seu filho recém-nascido. Juliana Reis, a autora da hashtag, criou o desafio da maternidade real, em que incentivava outras mulheres a publicarem imagens que revelassem os desconfortos da maternidade e relatassem seus medos. Em sua publicação, Juliana relata “quando a médica perguntou o que eu achei do bebê, eu não tive coragem de dizer que tinha sido o bebê mais feio que eu já tinha visto e só perguntei se ele era perfeito. [...] Mas agora estamos em casa. Aqui eu vou poder curtir meu filho. Errado de novo! Mais gente querendo se meter de como você deve fazer as coisas. E você, recém operada e cheia de dores, onde encontra as forças pra debater? E nos



O corpo da mulher, comumente passivo, assumia e assume ainda os significados culturais que lhe foram – são – inscritos. Butler, ao analisar Simone de Beauvoir, afirma que “não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido interpretado por meio de significados culturais” (BUTLER, 2020, p.29).

E se houvesse a oportunidade de perguntar a essa mulher-mãe que nos olha na tela de Renoir: essa que você está *performansendo* quem é?

A tela foi pintada por um homem. Observadores contemporâneos generosos diriam que ela faz um elogio à amamentação ao ar livre, mas eu duvido dessa intenção. Diálogos sobre as conturbações relativas à amamentação são ainda hoje ocultos; no século XIX, certamente eram bem mais mascarados. Como forma de discutir esse tema, a artista Helen Benigson criou a vídeo-performance “Vomit”, em que conta a história da stripper Sophia, definindo a vídeo-performance não como uma história, e sim como o histórico clínico dessa mulher-mãe lactante.

“Ele pagou por uma dança privada. Seios vermelhos, quentes, doloridos. Ela sentou-se no colo dele. Ela tirou a blusa. Ele começou a respirar mais rápido. Ele perguntou a ela se poderia tocá-la por baixo do sutiã. Ela disse que preferiria que ele desfizesse seus ductos entupidos. O médico foi ao clube de strip-tease para uma despedida de solteiro. Eu não sou um personagem. Eu sou a mama. Estava suja, quente, sintética. Ela tocou os seus peitos. Lágrimas escorrendo do seu rosto. O seu corpo estava bronzeado. Podia-se ver quase tudo. Suas mamas precisam ser bombeadas.”<sup>57</sup>

---

dias que ele simplesmente grita aos prantos, a mãe tem meio que uma obrigação de saber o que ele tem. “É cólica? É refluxo? É manha? Mas como assim?! vc que é mãe tem que saber!” E por último, mas não menos importante: a amamentação! “Mãe que é mãe tem que amamentar! Tem que sentir a maravilha que é ser o alimento do seu filho”. Hoje eu consigo amamentar com um pouco menos de dor, mas não torna as coisas mais fáceis. Meu filho mama TODA hora. E às vezes por uma hora inteira. “Mas seu leite não deve estar sustentando!” Nas horas que eu ouço isso eu sinto um anjo me segurar pra não voar em quem falou!” (REIS, Juliana, 2016). Juliana chegou a ter sua conta no Facebook cancelada por um dia após muitas denúncias terem sido feitas.

<sup>57</sup> Tradução da legenda presente na vídeo-performance, disponível em <https://www.helenbenigson.com/>



(Helen Benigson, Vomit. Disponível em <https://www.helenbenigson.com/>, último acesso em 20/12/2021)

No vídeo, Benigson mistura imagens de exames de ultrassonografia fetal e mamária, bombeamento manual de mamas para retirada de leite materno, imagens diversas de amamentação e de mamas com ductos entupidos, informações sobre mastite<sup>58</sup>, imagens de um suposto clube de strip-tease, além de deixar, ao fundo, o som constante de um batimento cardíaco típico de uma ultrassonografia fetal. Não conhecemos Sophia, apenas suas mamas, que são ao mesmo tempo objeto que gera alimento, objeto sexual, objeto de trabalho, objeto de análise clínica e objeto de dor.

Mulheres como a exposta na tela de Renoir eram, em uma hierarquia social, consideradas inferiores ao homem, dada a época em que viveram, motivo suficientemente plausível para retirarem-lhe o lugar de fala. Sophia, a stripper lactante, cuja imagem não vemos, conhecemos apenas suas mamas doloridas, avermelhadas, inchadas, emite um pedido de ajuda enquanto está *performansendo*: ela prefere que o cliente massageie suas mamas para desentupir seus ductos. Qual seria o lugar de fala de Sophia? O padrão de normalidade atribuído aos corpos e comportamentos femininos é atribuído à Sophia?

---

<sup>58</sup> A mastite é uma inflamação da glândula mamária seguida de infecção por bactérias. Ocorre quando existe acúmulo de leite retido nos ductos lactíferos por longos períodos. Há alguns fatores predisponentes para que uma lactante seja acometida por uma mastite, mas é necessário ressaltar que algumas mulheres que precisam voltar às suas atividades laborais precocemente passam por esses episódios por oferecerem mamadas infrequentes e irregulares.

A questão hoje não é a inferioridade física ou mental, mas a adequação dos corpos e comportamentos a modelos de eficácia, produtividade e competitividade, regidos por um complexo mecanismo social de normatização das pessoas. Embora a normatização dos corpos e comportamentos atinja homens e mulheres, são estas os principais alvos-objetos dos diferentes tipos de discursos que, à sua maneira e com formas de expressão fundamentalmente visuais, procuram ‘enquadrar’ as mulheres, transformando-as, na sua corporalidade e subjetividade, em mulheres ‘normais’. No entanto, ser normal para as mulheres não é apenas se adequar a um modelo de comportamento competitivo na sociedade de mercado. O significado de normalidade passa, necessariamente, pelo ser mulher, e esta condição é indissociável do parecer, da autorrepresentação do eu feminino, cujo suporte material e simbólico é o corpo. (MARTINS, 2004)

O corpo da mulher é a materialidade do estereótipo que se espera que ela performe. Performar a mulher, então, coloca-nos em relação direta com performar a mãe, figuras que passam a ser indissociáveis, e uma vez performada a mãe, perde-se o direito de *performanser* a mulher, apenas a mulher.

Quando penso sobre a imposição da normalidade a nossos corpos, penso sobre outras mães, que, como eu, temem *performanser* e *performanviver* a mãe. Penso sobre Sophia, que enquanto performa a stripper não deixa de performar a mãe. Penso sobre a minha mãe. Será que a mãe que ela *performanvive* é a que ela gostaria de *performanviver*? Será que, para ela, *performanser* a mãe foi uma forma de escapar de um possível destino ainda mais doloroso no contexto social em que se descobriu mãe? Existe destino mais doloroso que *performanser* o que não se quer?

Como escapar ao aprisionamento materno quando ele é objeto de um poderoso consenso social? Como mudar o jogo quando toda a sociedade é organizada pelos homens e para os homens, que só encontram vantagens no status quo? (BADINTER, 2011, p. 165)

O corpo da mãe está sob vigilância. Vigilância, às vezes, de si própria. O que pode uma mulher-mãe recém-nascida com o seu corpo? Um corpo que passou por dores e doações para dar a vida a outro corpo. Um corpo silenciado que é capaz de – obrigado a – engolir todo sofrimento para dar voz ao tradicional amor maior. Um corpo que sede o princípio do prazer para o princípio da necessidade.

Rineke Dijkstra, fotógrafa que vive em Amsterdã, dedica seu trabalho a capturar vulnerabilidades. Escolheu, para isso, sujeitos que ela considerada que não se escondem atrás de uma capa, atrás de si. Escolheu, em geral, adolescentes e mães. A motivação por fotografar puérperas se deu após acompanhar o parto de uma amiga, quando ela diz ter presenciado sentimentos de orgulho, exaustão e alívio. São fotografias documentais,

buscando uma abordagem sem sentimentalismos, mas também bastante íntimas. As imagens foram feitas nas casas das mulheres fotografadas, tendo sido necessário retirar móveis para que houvesse fundo branco e poucas informações visuais, dando destaque aos corpos recém-nascidos de mãe e de bebê.



(Rineke Dijkstra, disponível em

<https://i.pinimg.com/originals/5d/8c/e6/5d8ce622239f33d93d46de4213ac22b4.jpg>. Último acesso em 05 de março de 2021)

Quais são as vulnerabilidades de uma mãe? Tenho medo da falta de leite. Tenho medo do amor. Tenho medo da falta de amor. Tenho medo do *baby blues*<sup>59</sup>. Tenho medo de ela ser má. Tenho medo de eu ser má. Tenho medo do apego excessivo. Tenho medo do desapego. Tenho medo de que a levem de mim. Tenho medo da falta de liberdade. Tenho medo de ser a personagem de Julianne Moore em “As horas”<sup>60</sup>. Tenho medo dos hormônios. Tenho medo da privação do sono. Tenho medo da queda de cabelo. Tenho medo da hemorroida. Tenho medo do tédio. Tenho medo do cansaço.

<sup>59</sup> Em português, traduz-se pela nomenclatura “disforia puerperal”. É o estado de retorno do organismo da mulher ao seu estágio anterior à gravidez, em que ela se depara com sentimentos de vazio, solidão, culpa e medo, além dos acontecimentos externos – excesso de palpites, pressão social, bebê que não dorme – e fisiológicos – apojadura, dificuldade para amamentar, sangramento, regressão uterina, queda de cabelos, perda da força na musculatura abdominal.

<sup>60</sup> Lançado em 2003, o filme conta a história de três mulheres em épocas diferentes conectadas por um romance: Virginia Woolf, no início do século XX, quando lida com uma forte depressão enquanto tenta finalizar o romance “Mrs. Dalloway”; Laura Brown, uma mulher-mãe dona de casa grávida na década de 1950, está lendo o romance de Virginia Woolf e precisa planejar a festa de aniversário do marido; e Clarissa Vaughn, uma editora de livros novaiorquina que revive a saga, nos anos 2000, da personagem do livro “Mrs. Dalloway”. Laura Brown é a personagem de Julianne Moore. Ela está infeliz em uma vida aparentemente feliz. Ela odeia performar a mulher-mãe, a dona de casa e a esposa. Em uma cena muito marcante, ela foge de casa temporariamente, vai para um quarto de hotel sozinha, onde pode continuar a ler seu romance sem precisar performar. Ela pega no sono e sonha que, enquanto dorme, o quarto é invadido por um rio e fica completamente inundado, o que a faz morrer. Ela acorda assustada dizendo “eu não posso”. Ela retorna para sua casa, onde reencontra o filho, que está em desespero, sente que algo não vai bem. Está exposta, aí, a relação simbiótica entre mãe e filha/o.

Tenho medo da vigilância. Tenho medo de nunca mais me encontrar. Tenho medo de que a maternidade me dispa de mim mesma. Tenho medo de nunca mais conseguir me vestir. Tenho medo de flertar com a nudez.

As mulheres puérperas têm a sensação de enlouquecer, de perder todos os espaços de identificação ou de referência conhecidos; os ruídos são imensos, a vontade de chorar é constante, tudo é incômodo, acreditam ter perdido a capacidade intelectual, racional. [...] Vivem como se estivessem fora do mundo; vivem, exatamente, dentro do “mundo-bebê”. (GUTMAN, 2016)

Dentro do mundo-bebê, enquanto estamos nas trevas, pedindo silêncio exterior para compor o silêncio interior, o mundo-adulto pede que voltemos à normalidade: que consigamos emagrecer rapidamente, interromper a lactação para retornar ao trabalho, manter as mesmas conversas sobre os mesmos assuntos com as mesmas pessoas, retornar à nossa vida sexual. Como *performanser* quando não se sabe nem quem se é? Será que algum dia eu poderei / conseguirei reencontrar-me comigo mesma? Será que alguém me aguardará nesse encontro? Será que esse encontro deixará feridas?

Eu não tive coragem de me fotografar durante minhas – longas – semanas de puerpério – a pandemia o dilatou, os dias se repetiam, a vida era um grande *looping*. Eu não tive coragem de me olhar. Imagens fotográficas são um direcionamento do olhar para um foco. Eu estava desfocada. Nenhum olhar me daria foco. Eu estava sem centro e sem extremidades. Ou talvez com muitas extremidades. E talvez com Amora como centro – porque dela eu fiz inúmeras fotografias e todos os olhares do mundo eram para ela, não para a mulher-mãe. Hoje, considerando-me recém-saída do puerpério – será? –, encorajo-me a ceder meu corpo para a fotografia. Ofereço-me como modelo para parafrasear Rineke Dijkstra.



Fonte: Franco Albuquerque / Acervo pessoal (2021)

Também foi necessário arrastar móveis, assim como fez Dijkstra, para que houvesse um espaço com maior neutralidade visual. Mas a imagem não é neutra. Nela a criança descobre a mãe, como a mãe descobre a criança. Talvez a mãe descubra ali, naquele instante, que ainda possui cabelo. Olho para essa fotografia e me deparo com as minhas vulnerabilidades. Olho-me encorajada. Esta sou eu. Mulher-mãe-artista-pesquisadora, que nunca mais será como a mulher-não-mãe de outrora.

Outra artista a denunciar os pesares de uma puérpera e da mulher-mãe é Megan Wynne, que vive na Califórnia e se define como artista-mãe. Ela expõe tabus da maternidade em oposição ao que se espera de uma atitude maternal, também reconhecendo que existe uma interdependência física, emocional e psicológica entre mãe e filha/o. Para expor essa relação simbiótica, a artista utiliza seu próprio corpo de mulher-mãe. Por meio da performance, Wynne fala da ansiedade materna, da mudança dinâmica de poder na relação mãe-filha/o e das noções que prevalecem na sociedade sobre ser uma boa mãe, proposta que apareceu no evento “The M Word – a visual

representation of the maternal experience” em 2019, durante a Semana da Saúde Mental Materna.

Meu processo frequentemente envolve a renúncia a vários graus de controle em cenários experimentais, colaborativos e performativos com minhas filhas, que misturam espontaneidade e ação planejada. Eu utilizo uma linguagem convencional de criação de imagens na vida familiar para assumir os tabus e desconstruir o familiar, o qual possibilita ao espectador analisar suas próprias noções preconcebidas sobre a experiência materna. [...] Eu também utilizo humor no trabalho para jogar com a persona da mãe e assumir versões estereotipadas redutoras de como as mães e seus filhos coexistem e se relacionam entre si. (WYNNE, disponível em <http://meganwynne.net/statement>)

No vídeo *My puppet*, feito em 2013, a artista filma sua filha enquanto dorme, fazendo dela um fantoche ao mesmo tempo em que narra suas palavras de gratidão à mãe.



(Megan Wynne, *My Puppet*, 2013, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Kceatsd151A>.  
Último acesso em 07 de março de 2021)

Segue o texto traduzido, narrado pela artista em tom doce e solene, como se espera haver na troca de palavras entre mãe e filha/o:

“Eu te amo, mamãe. Desculpe por furar o seu colo do útero com minha cabeça e por me empurrar para fora de sua vagina e por rasgar o seu períneo viciosamente até o ânus. Eu te amo, mamãe. Obrigada por me deixar chupar os seus mamilos todas as horas do dia e da noite. Toda hora que eu quiser. Eu sou tão egoísta. Tudo que eu faço é pensar sobre mim e minhas necessidades e não as suas. Eu me sinto muito muito culpada. Um dia eu vou olhar para trás e perceber quantas coisas você fez por mim e eu vou me sentir muito culpada. Você é a melhor mãe abnegada no mundo. Eu sou muito sortuda.”

As palavras obviamente não são da bebê. Mas desejaríamos que fossem? – isso é uma pergunta? Estamos exauridas de *performanser* a boa mãe, que tem suas necessidades anuladas e suas dores silenciadas, de modo que:

“Os cuidados prestados à mãe durante e após o parto são reconhecidamente atribuições femininas que não chamaram a atenção dos médicos, a não ser quando o parto se complicava, colocando em risco a vida da mãe.” (MARTINS, 2004).

O feminismo e a sororidade nos salvaram, não a medicina.

A anulação de si também é denunciada por Megan Wynne quando a artista aborda algumas dificuldades relativas à amamentação. O aleitamento materno, sobre o qual pouco se fala abertamente, promove modificações eternas nos seios da mulher-mãe, mas o mantemos porque, além de todos os benefícios gerados a uma/um bebê, estamos sob vigilância e a boa mãe é aquela que amamenta. “Será que o amor traz, nem que seja de forma inconsciente, a arrogância ilusória de achar que nunca vamos ser tocados pela dor?” (ADICHIE, 2021, p. 83)



Fotoperformance “Ingurgitamento”<sup>61</sup>, de Megan Wynne (2018), disponível em <http://meganwynne.net/work/engo> (último acesso em 11/12/2021)

<sup>61</sup> O ingurgitamento mamário é o famoso empedramento de leite. Acontece quando o bebê faz uma pega errada e não consegue sugar todo o leite, ou quando, nos primeiros dias de recém-nascida e recém-nascido, o corpo da lactante ainda não adaptou a produção de leite às demandas da/do bebê.



Eu demorei a escrever sobre o parto e algumas outras dores. Eu não quis reviver o que aconteceu naquela sala de parto nem nos meses que se seguiram. Hoje eu adoraria reviver alguns daqueles encontros com a morte, com o nascimento e com o renascimento.

Carta para Amora – e para quem for filha/o/e:

Eu já te sentia há tempos. Você nadava dentro de mim, dava cambalhotas na minha barriga. Essa menina está sarrando no meu estômago, eu dizia. Um pé para a direita, o outro para trás. Eu te vi na ultra, “bota a mão no joelho, dá uma agachadinha, vai mexendo gostoso balançando a bundinha”<sup>62</sup>, e eu te vi dançar. Eu já te sentia.

Mas foi no dia 27 de outubro de 2020 que eu comecei a realmente te sentir. Eu estava em uma reunião virtual com nossa Doula, quando, por volta das 19:30, disse “Amora é para amanhã, eu acho.”. Coloquei compressa quente e a vida – dor – continuou. Eu te sentia cada vez mais perto, cada vez mais em mim e querendo estar fora de mim. Por volta das 20:20, Amora, eu entrei no que chamam de Partolândia, e nada mais passava por mim racionalmente. Fiquei em várias posições. Eu havia aprendido uma coisa: parto é movimento. Fiz quatro apoios, deitei-me de lado, pulei, caminhei, dancei, dormi. É, Amora, eu dormi entre uma contração e outra. São poucos minutos de soneca. O corpo precisa de um descanso para suportar a próxima que virá. Eu repetia para mim mesma “Cada contração a mais é uma a menos.”. Durante todo esse momento, eu te perdoei por me gerar essa dor, a dor que não é sofrimento, a dor que é onda do mar.

Decidi ir para o chuveiro e um forte jato de sangue pressionou minha vagina, escorreu pelas minhas pernas, manchou o short com uma mancha que nunca mais saiu. Tive dores de barriga, dores intestinais que se confundiam com as contrações, e uma diarreia me atacou no mesmo instante em que a bolsa se rompeu. Eu estava sentada no vaso. Amora, você até que foi generosa.

Embaixo do chuveiro, sentada na bola suíça, eu disse ao seu pai “Pega uma roupa para mim, não dá mais para aguentar, vamos para a maternidade.”. Seu pai apareceu no banheiro com 4 cabides “Qual dessas você quer?” “Qualquer uma!”, gritei eu. Eu preendi o cabelo em forma de coque no topo da cabeça, coloquei o vestido e uma

---

<sup>62</sup> Trecho da música “Dança do bumbum”, do grupo É o tchan, que fez sucesso na década de 1990. Eu, inclusive, costumava dançar a “dança do bumbum” na pré-adolescência.

toalha entre as pernas “Assim que acabar a próxima contração, a gente desce a escada e vai!”. Sempre imaginei que fosse chegar à maternidade maquiada, diva, como nas séries de televisão. Mas Amora, eu cheguei com um coque e uma toalha entre as pernas para segurar o sangue, o líquido amniótico e você.

No carro eu sentia vontade de evacuar, e eu sabia que isso era um indício de que você estava cada vez mais perto. Chegamos. Pressão 13/9. “Minha pressão está alta? Eu vou ter que fazer uma cesárea? Eu não aguento mais de dor, preciso de uma anestesia.”. Eu pedi anestesia, você acredita? “Não dá mais tempo. Dilatação total. O cabelo da sua neném já está para fora. Pode subir para a sala de parto.”

Na sala de parto, com a luz baixa e de quatro apoios, eu sentia o que no trabalho de parto chamam de círculo de fogo, que é uma sensação de que o interior da vagina está queimando. A dor era tanta – e certamente a maior que já senti – que eu achei que não fosse conseguir, ao mesmo tempo em que pensava “agora não tem mais como desistir.”. Eu duvidei de mim, Amora. Mais uma vez eu duvidei de mim. As enfermeiras diziam que faltava pouco, e eu achava que elas estavam mentindo, tentando me animar. Foi quando levei minha mão à minha vagina e te senti. Eu senti a sua cabeça, Amora. Você queria ver o mundo – até hoje você é bem curiosa. Você queria me ver. Eu queria ver você. Eu estava decidida: vai ser na próxima contração.

E foi. Meu corpo te liberou em expulsão acompanhado de um grande urro – para alguém que está habituada ao controle, um grito é uma libertação. Você, minha filha, foi, novamente, bastante generosa me proporcionando um parto rápido, a jato. Dolorido. Muito dolorido. Mas hoje, vejo, uma dor necessária para que eu pudesse entrar em contato com a minha sombra, para que eu entrasse no movimento de introversão que viria com o puerpério. A dor me estendeu a mão e sorriu para mim, ainda que eu não pudesse sorrir de volta.

Sabe que eu não sei se você chorou. Para mim era tudo silêncio. Seu pai conta que sim, e que parou de chorar logo que foi passada para meus braços, que senti o meu peito, o meu coração. Você não me reconheceu pela minha voz, nos primeiros instantes eu não falei. Falar o quê? Eu estava reservada, alguns diriam até que indiferente – será que eu tive um rápido *babyblues*? Eu precisava me recuperar.

Na sala de parto não havia espelhos, eu não me vi diretamente. Mas sabe, Amora, naquele instante eu me senti bonita. Era uma energia de beleza que me acompanhava e me rodeava. Eu me senti segura de mim como nunca antes eu havia me sentido. E eu sei por que Rineke Dijkstra se encantou pelas puérperas.

Eu te vesti de vermelho, como a poça de sangue que estava embaixo do meu corpo, como o sangue que escorreu de minha vagina por duas ou três semanas.

Tive muitas lacerações, em formato de uma cruz. Para os lados, para trás, para cima. Levei muitos pontos e, para eles, sim, eu recebi anestesia. Fiquei cerca de duas semanas sem conseguir andar direito, tomar banho ou fazer xixi sem dor. Fiquei cerca de cinco meses sem conseguir olhar para minha vulva, com receio do que eu fosse ver.

Essas feridas cicatrizaram. Mas tenho outras que talvez nunca cicatrizem, que marcam as metamorfoses do meu corpo, as metamorfoses da minha luz e da minha sombra.

No seu terceiro dia de vida, aconteceu a apoiadura<sup>63</sup>, eu tomei um banho muito quente, e meu leite empedrou. Você não deu conta de mamar todo o leite que eu produzi. E, Amora, foi a minha segunda maior dor da vida. E mais uma vez você foi generosa, porque como dizem por aí, você pegou no peito. Você aprendeu a mamar. E eu aprendi a amamentar. E às vezes tenho uma mancha de leite na blusa. E às vezes um peito fica maior que o outro. E às vezes se abre uma pequena ferida ou uma candidíase mamária. E às vezes você coloca para fora todo o leite que acabou de engolir, e eu fico com aquele fedor de azedo, aquela gosma coalhada. E os meus seios nunca mais serão os meus seios.

Nada disso é culpa sua, e mesmo assim te conto, te escrevo.

Escrever para se desintoxicar, sucatear ideias, muitas vezes entrar numa fria e malograr. [...] Para recepcionar um corpo sofrido que pede socorro e espaço para viver. Para quase se afogar e se virar nadando cachorrinho. Para abandonar o hábito de ser. Para escorchar a pele e com ela confeccionar um manto de memórias editáveis. Para azucrinar o ego e seu pegajoso cortejo de arrogâncias. Para desaprender a reprovar a vida, essa nossa insistente mania de desqualificá-la. Para se desvencilhar da ideia de que a vida nos reserva um propósito, e cabe a cada um de nós desvendá-la. Para aprender a rugir para o que é pesado e instituído. (PRECIOSA<sup>64</sup>, 2010)

Mas eu sei, nada disso é culpa sua. Eu escolhi essa dor, e digo, repito, até que acredito: dor não é sofrimento. E é por saber que não é culpa sua é que eu te perdoo, minha filha Amora.

Com amor,

---

<sup>63</sup> Preparo das mamas para a produção de leite, geralmente acontece até cinco dias após o parto. Nesse período as mamas ficam maiores e quentes, é possível sentir o leite sendo produzido.

<sup>64</sup> Rosane Preciosa é mestra em Teoria Literária pela UFRJ e doutora em Psicologia pela PUC-SP. Pesquisa os diálogos entre roupa, cultura, arte e modos de subjetivação no contemporâneo. Para ela, as linhas de pesquisa e as linhas da vida se embaralham. Eu concordo com ela.

Mamãe.<sup>65</sup>

Fico realmente interessada no fato de que, em geral, nas performances de mulheres-mães recém-paridas ou puérperas, dificilmente vemos presente o pai de sua/seu filha/o, levando-se em consideração os relacionamentos tradicionais heteronormativos que, em geral, refletem os moldes do patriarcado – ninguém está livre dele. Algumas mulheres-mães escolhem manter o pai ausente da relação materno-filial,

“Mas, na maioria dos casos, a mulher tem necessidade de um apoio masculino para aceitar suas novas responsabilidades; ela só se devotará alegremente ao recém-nascido se um homem se devotar a ela.” (BEAUVOIR, 2016, p.293)

Eu precisava ser devotada para confirmar minha força, para confirmar que o parto dependeu integralmente de mim, para confirmar que eu sou instrumento passivo e ativo da vida, para confirmar que após toda aquela dor eu havia realmente me emancipado. Puérperas são inseguras. Por outro lado, assim como as performers aqui pesquisadas, também não inseri aqui o meu apreciador. Talvez seja porque aprendemos que o parto e o puerpério são da pessoa recém-parida. Embora homens cisgênero heteronormativos insistam em protagonizar eventos femininos, medicalizando a gravidez, nós somos o centro desses acontecimentos.

Em geral, não se fala sobre parto, pré-parto, pós-parto. Fala-se apenas quando são eventos espetacularizados. A cantora Kelly Key, em 2017, deu à luz seu terceiro filho por meio de uma cesárea agendada. Um dia antes da cirurgia, ela conta que foi ao salão para fazer depilação e arrumar as unhas e o cabelo. Seu parto foi transmitido ao vivo para seus seguidores em suas redes sociais. A equipe da cantora registrou imagens dela sorrindo e conversando com a equipe médica e seus seguidores no centro cirúrgico.

Eu não me lembro de ter sorrido ou conversado na sala de parto. Por isso e por outros motivos, fala-se sobre partos como o de Kelly Key, mas não sobre partos como o meu. É constrangedor, é íntimo, é sujo – eu mesma não sabia que acabaria imersa em uma poça de sangue. Vivemos um “longo processo de ‘in-corporação’ das mulheres” (MARTINS, 2004). Podemos, portanto, falar em nossas performances.

---

<sup>65</sup> Acervo pessoal. Texto produzido em 05 de março de 2021. Amora já com quatro meses, quando foi possível relatar o parto e algumas outras dores.

### 4.3 Eu me tornei a boa mãe?

*“os bebês e as crianças pequenas são “seres fusionais”, ou seja, que, para serem, precisam entrar em fusão emocional com os outros. Esse ser com o outro é um caminho relativamente longo de construção psíquica em direção ao ‘eu sou’”. (GUTMAN, 2016).*

Mães são seres fusionais?



Fonte: Franco Albuquerque / Acervo pessoal (2021)

Era uma vez uma mulher muito bonita, com longos cabelos e vestida sempre de azul. Foi a quarta esposa de um grande senhor, e desse casamento prosperou uma filha tão bonita quanto a mãe. Um dia, entretanto, enquanto a filha colhia flores no prado, foi atraída por um narciso e, ao tentar pegá-lo, o solo se abriu, e ela foi raptada para o abismo, para o submundo. Ela gritou, pediu ajuda, e de longe sua mãe reconheceu seu apelo. A mãe saiu em busca da filha raptada, procurou-a por nove dias e nove noites, não comeu, não dormiu, não tomou banho. Aconselharam-na a aceitar o ocorrido e enfim recolher o choro, mas a mãe se recusou a isso.

Essa é a história de Deméter, a deusa do trigo, do cereal, do alimento. Enquanto Deméter esteve sem sua filha, nada pôde nascer nem crescer. A mãe, longe da filha,

teve depressão e fúria. Zeus ordenou, então, que a filha Perséfone fosse libertada, estando condenada a passar dois terços do ano com a mãe e um terço no submundo.

No reencontro de mãe e filha, ambas correram uma em direção a outra e se abraçaram com força, tamanha era a saudade, tamanha era a dor de terem sido forçosamente afastadas. Então Deméter devolveu a fertilidade e o crescimento à terra.

Esse mito traz como principal temática a representação do arquétipo materno – na formação da palavra “Deméter”, “meter” significa, em grego, “mãe”. O relacionamento com a filha era o que, no mito, orientava o comportamento da mãe, que estava sempre de prontidão para exercer seu papel.

A mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável. (CAMPBELL, 1990, p.25)

Tornar-se mãe, como muitos outros ritos de passagem, envolve jogar fora o velho. A nova responsabilidade assumida é definida não apenas pelas necessidades interiores da mulher-mãe, como também pelo estabelecido socio-culturalmente. O arquétipo da mãe é constantemente confundido com o estereótipo da mãe, o qual estabelece generalizações simplistas sobre o comportamento materno oriundo de uma mulher paciente, carinhosa e dedicada, em oposição à não-mãe – fria e egoísta. Os arquétipos são aspectos da psique que acompanham nosso desenvolvimento. “O arquétipo da mãe motiva as mulheres a nutrirem os outros, a serem generosas no dar, e a encontrarem satisfação como alguém que zela e provê a subsistência.” (BOLEN, 1984). Tanto os estereótipos quanto os arquétipos nos fazem performar. Pergunto-me com frequência se, em algum futuro próximo ou distante, os estereótipos e arquétipos materno e paterno serão invertidos; se o aspecto fisiológico da gestação continuará a determinar esses padrões, se sempre será exigido que o corpo gerador se conecte afetivamente com o corpo gerado.

Amora, desde que chegou à minha vida, passou a orientar minha relação com o mundo, comigo mesma e com as poucas pessoas que tenho à minha volta, como fez Perséfone no mito narrado. Teria eu me tornado Deméter? Teria eu me tornado a mãe arquetípica? Teria eu me tornado a mulher-mãe que deseja a filha integralmente para si, querendo crer que é tudo para ela? Teria eu me tornado uma mulher-mãe que tem medo de enfrentar a vida, suspendeu a relação com o mundo e, por isso, projetou no amor

materno-filial sua fonte de amparo, seu próprio alimento, mas repete incessantemente que a filha depende integralmente dela como mãe, enquanto “o filho é que seria um refúgio paradisíaco para a mãe.” (CORSO, 2006, p.68)? Seria essa grande parte da minha sombra: depender de uma relação para sentir-se alimentada porque tem necessidade de alimentar? “Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana.”. (CAMPBELL, 1990, p.17). Deméter está mais perto de mim do que eu imaginava.

Eu performo da Deméter e descubro que a ideia que eu tinha de ser mulher-mãe era careta. Eu tinha medo de encaretar ao, de repente, me tornar mulher-mãe Deméter, mulher-mãe dona de casa, mulher-mãe arquetípica. Hoje eu descobri que eu era careta antes, quando eu desvalorizava o trabalho do cuidado, como se o trabalho do cuidado fosse menos importante que o trabalho do não-cuidado. Golpe do patriarcado. Por que as mulheres-mães são chatas? Golpe do patriarcado.

Com Amora, eu me encontro constantemente com a minha Deméter, a minha sombra, e é duro olhar para a frente, para os lados, para trás e só enxergar escuridão e Amora. Nesses encontros, “Ou questionaremos com sinceridade nossos aspectos mais ocultos, sofridos ou dolorosos, ou então esses aspectos procurarão se infiltrar nos momentos menos oportunos de nossa existência.” (GUTMAN, 2016). No quarto escuro, enquanto amamento durante as madrugadas, minha sombra vem me visitar. É o momento oportuno. Tenho vergonha de mim. E temo a Deméter em mim.

No amor, seja materno-filial ou erótico, quanto mais profundamente alguém se entrega a viver o papel de objeto, menos saberá onde estão os limites, as fronteiras, que assinalam onde termina o eu e onde começa o outro. O preço da entrega absoluta é a dissolução ou a fragilidade do eu, que equivale na fantasia a ser devorado pelo outro ou a viver sob essa ameaça.” (CORSO, 2006, p;75)

Ninguém, entretanto, vive sem a sombra. Crianças brincam de pisar na própria sombra quando a descobrem. Em relação com crianças, adultos brincam de fazer sombra de animais na parede. Mas quando estão apenas consigo, na introversão, adultos não prestam atenção à sombra, ou a escondem ou tentam desfazer-se dela. Eu não posso. Eu olho para Amora e vejo a minha luz e a minha sombra, lado a lado, testemunhando que eu existo. Meu medo é tornar-me apenas sombra.

E quando o espaço da mãe for preenchido por outras demandas na vida de uma/um filha/o, para onde a mãe vai? Na primeira infância, a filha observa a mãe como

uma grande deusa. Um dia desses, minha mãe apontou “Olha, Mari, como a Amora te segue com o olhar, te observa.”. Para Amora eu sou sua Deméter. Amora é minha Perséfone. Em que momento o posto da deusa se perde na relação materno-filial? Quando eu passo de Grande Mãe para apenas Mãe? Será que esses questionamentos passaram pela cabeça de minha mãe?



Fonte: Mariana Rego / Acervo Pessoal (2021)

Amora se relacionando com uma Mandala *Ojo de Dios* feita por mim, que eu nomeei como “Mandala da Luz e Sombra”.

Diferentemente dos adultos, Amora não está performando papéis sociais nessa relação. Crianças e bebês ainda não foram tomados por estereótipos e arquétipos, então a relação é simples e dura o tempo que julgarem necessário, até que mudam seu foco de atenção e partem para outro encontro. O encontro de Amora com a Mandala foi, para ela, uma ferida. Crianças e bebês vivenciam tais feridas com naturalidade, sem dor e sem medo da ameaça, diferentemente dos adultos. Amora escolhe a Mandala com que quer se relacionar sem medo do que pode estar perdendo com tal escolha.





Fonte: Mariana Rego / Acervo Pessoal (2021)

Coloquei Amora de frente para seis mandalas *Ojo de Dios* feitas por mim, e ela escolheu aquela com que desejava se relacionar.

No curta-metragem “Caminhando com Tim Tim”<sup>66</sup>, a palhaça e bonequeira Genifer Gerhardt narra o trajeto de seu filho Valentim até a casa da avó. No caminho, Tim Tim passa sempre pelos mesmos lugares – as ruas já são por ele conhecidas. Entretanto, Valentim cria relações por onde passa, e o curta-metragem transmite a sensibilidade de se relacionar com o mesmo de sempre como se fora o novo. Tim Tim dialoga com a cidade: com pedrinhas, árvores, poças d’água, Seu João, Jorge, o homem do mercadinho e seu gato, os senhores do almoxarifado do hospital. Ele também não performa papéis sociais nesses encontros, os encontros simplesmente acontecem, todos os dias, da mesma maneira, e ainda assim conseguem ser diferentes. Como é o *performanser* e o *performanviver* das crianças e dos bebês?

O vídeo foi feito sem pretensão de se tornar uma vídeo-performance, porém, viralizou com muita rapidez. Talvez seja justamente pela simplicidade do encontro – o encontro de Valentim com a cidade por meio de suas andanças à casa da avó. Genifer defende que “A gente é feito de instantes, detalhes, simplicidades e *olás*. Espero que tenhamos sempre os olhos e ouvidos atentos e cuidadosos para o que nos ensinam as crianças ao viver em campo de liberdade.” (GERHARDT, 2015). Genifer, para maternar, acessa o mundo da sua criança – a que ela ainda é e a que ela gestou.

<sup>66</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UU5-hkBH2rw>



(Genifer Gehardt, “Caminhando com Tim Tim”, 2014, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>. Último acesso em 15 de março de 2021)

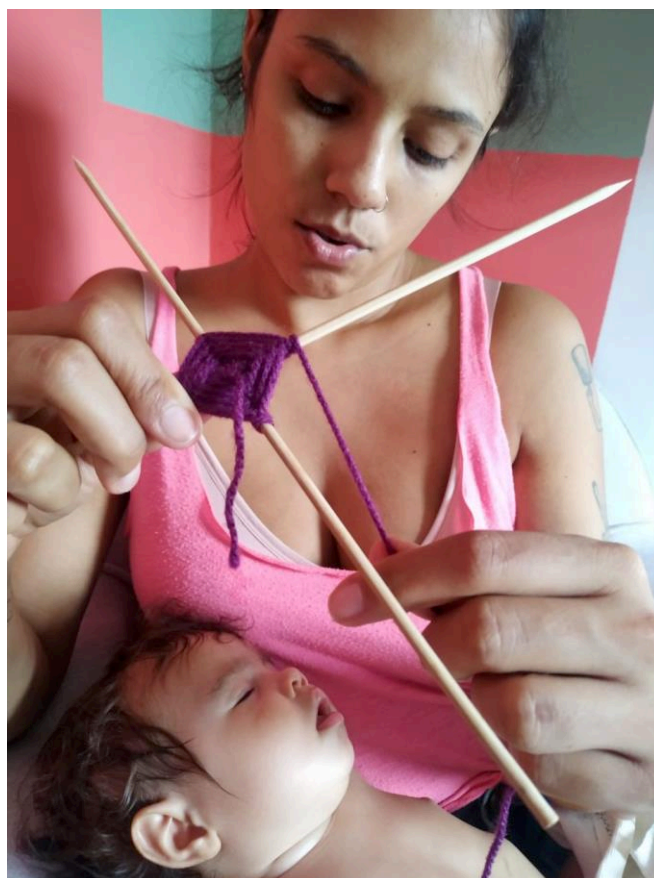
Ao mesmo tempo em que mulheres-mães utilizam a maternidade como mote criativo em qualquer uma de suas etapas, há artistas que consideram a maternidade um empecilho criativo. Marina Abramovic comentou em entrevista ao jornal alemão *Tagesspiegel*, em 2016, que realizou três abortos ao longo de sua jornada, pois considerava que ter um filho arruinaria sua carreira, uma vez que a energia dedicada a seu corpo como artista deveria ser dividida em dois. Para ela, a arte exige sacrifício a tudo, inclusive ao desejo por construir família e não é possível ter família e dedicar-se à arte ao mesmo tempo. Na candidatura à mulher-mãe, Abramovic não poderia continuar a performar artisticamente.

O que me incomoda em sua fala é justamente a distinção de gênero que a performer estabelece – considerada uma das artistas mais influentes do mundo, Abramovic é de uma geração de feministas (década de 1970) anti-maternidade: mulheres desejam ter filhos, então não estão, como os homens, preparadas para se sacrificar pelo ofício artístico. E como já foi aqui discutido, o desejo por maternidade e paternidade não passa pela questão de gênero, e sim pela performance de gênero que “prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos.” (ADICHIE, 2014).

Abramovic acompanhou uma geração de feministas adeptas da “abordagem culturalista de Simone de Beauvoir, que preconizava igualdade política e de coeducação” (BADINTER, 2011, p. 71). No início dos anos 1980, entretanto, viria uma nova vertente de feminismo, que defende que:

A igualdade [...] será sempre um engodo enquanto não se tiver reconhecido essa diferença essencial que comanda todo o resto. Diferentemente de Beauvoir, que via aí apenas um epifenômeno na vida das mulheres, fonte de sua opressão milenar, uma nova geração de feministas considera a maternidade a experiência crucial da feminilidade a partir da qual se pode construir um mundo mais humano e mais justo. Por isso, é preciso realizar um retorno à mãe natureza, ignorada por tempo demais: insistir nas diferenças psicológicas que geram as dos comportamentos, recuperar o orgulho de nosso papel de nutriz do qual dependem o bem-estar e o destino da humanidade. (Ibid)

Não se discute, aqui, a realização de abortos em prol de uma carreira artística, de colocá-la em primeiro plano de sua vida; trata-se de identificarmos, entre outras considerações, que o que Marina Abramovic julgava impossível foi mote criativo para muitas mulheres. Mais do que isso, foi o que manteve diversas mulheres-mães em sanidade física e mental não apenas durante o puerpério ou a atual pandemia, mas ao longo de toda a maternidade, que é permanente, para a vida inteira, porque continuaram produzindo artisticamente.



Fonte: Franco Albuquerque / Acervo Pessoal (2021)

A artista italiana Anna Maria Maiolino, da década de 1970 até por volta de 2011, por meio de atos performativos, criou poemas visuais. Em alguns deles aborda

diretamente as suas questões como mulher-mãe, passando, então, da sua história pessoal à história sociocultural. Anna Maria adotou a nacionalidade brasileira em 1968 e aqui produziu todo seu material artístico.



(Anna Maria Maiolino, *Por um Fio*, série *Fotopoemação*, 1976  
fotografia analógica em preto e branco, 52 x 79 cm. Disponível em  
<https://www.galerialuisastrina.com.br/artistas/anna/>, último acesso em 09/10/2021)

Por meio de um fio de macarrão, a mãe, a cria e a cria da cria se ligam. É menos que um cordão umbilical, é apenas um fio de macarrão. Um fio de macarrão é comumente associado a uma função, em geral, feminina e fortemente depreciada: cozinhar. Um fio pode sempre ser frágil, facilmente cortável. Mas o fio aqui é ancestral e fusional. A artista resgata sua origem, é capaz de olhar para si e para o futuro. E elas nos encaram atentamente.

É possível e necessário, portanto, quebrar a visão limitadora e depreciativa depositada na maternidade, por mais aprisionadora que esta seja.

Senti-me atravessada pelo poema visual de Maiolino. Pensei no meu fio ancestral, na minha mãe, nas suas crias, que hoje são igualmente mães, pensei na minha cria. Eu quis convidá-las a performar, *performanser* e *performanviver*, comigo, esta pesquisa-narrativa-diário.



Fotopoema “Fio da Mandala ancestral”. Acervo pessoal (2021)

Para além de minha mãe, outras mulheres se apresentam como referências e referenciais: as minhas irmãs. Nelas também recupero a força; por elas e com elas me enxergo, me ouço, me repenso. Amora também é, para mim, referência e referencial. Com Amora renasço diariamente, para Amora revelo segredos, por Amora resgato minha criança, com Amora exercito olhar nos olhos, com Amora consigo viver de encantamento.

Neste fotopoema nós também encaramos o espectador, mas com potentes sorrisos: somos mulheres-mães sim. Amora, por sua vez, mantém sua atenção flutuante. O que enxergam os olhos de Amora? O que ela vê enquanto performamos?

O fio material que nos une aqui é a lã, objeto sagrado nesta pesquisa-narrativa-diário, pois possibilitou a confecção de Mandalas.

Não há como negar, porém, que durante a pandemia do Covid-19, o papel tradicional da mulher-mãe ficou ainda mais desenhado. Como *performanser* a boa mãe se a mulher-mãe está ainda mais sobrecarregada, estressada, ansiosa, deprimida? É possível ser uma boa mãe que performa denunciando as exigências que se fazem à mulher-mãe? Durante a pandemia, mãe e filha/o sofreram ainda mais fusão. Acredito que a pandemia aflorou a Deméter em mim. Ou talvez ela sempre tenha estado aqui sem que eu percebesse ou cedesse espaço para sua manifestação.

Em isolamento social, a artista visual Bruna Alcântara performa sobre si, sobre outras mulheres, para outras mulheres, para todos os gêneros. Como mulher-mãe solo, em *homeoffice* durante 2020 e com o filho fora da escola, uma vez que aulas presenciais haviam sido suspensas, a artista acabou pedindo demissão de seu emprego formal.

Bruna Alcântara criou uma série de ilustrações chamada “Mãe pandêmica”, e as projetou, no Dia Internacional da Mulher do ano de 2021, no muro do prédio ao lado daquele em que mora, de modo que qualquer um que passasse pela rua poderia ver que havia ali uma performance-denúncia da mulher-mãe-pandêmica. Suas colagens são divulgadas em sua conta pessoal do Instagram, espaço onde se faz *network* e uma autorrepresentação. Um ótimo local para performar, mas nem sempre para *performanser*. “As ações que fazemos em sites de redes sociais – como postar textos, imagens, compartilhar postagens, curtir e reagir aos conteúdos alheios – são modos de performatizar nossas identidades nessas esferas (semi)públicas.” (POLIVANOV; SOUZA, 2019, p. 43 e 44).



(Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMMIWL6Foyu/>. Último acesso em 13 de março de 2021)



(Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMMIWL6Foyu/>. Último acesso em 13 de março de 2021)

O ambiente sociocultural em que vivemos é hostil com as mulheres-mães, visto a violação dos direitos a um parto respeitoso e a precariedade das leis trabalhistas para elas no pós-parto, o que torna ainda mais difícil romper com o projeto de maternidade patriarcal. Maternar é, sim, um assunto público e com extrema dificuldade de ser tratado como um assunto político. “Em geral as mães têm sido interpretadas como sujeitos passivos, não como sujeitos ativos.”, defende a escritora Esther Vivas, autora do livro “Mamá desobediente. Una Mirada Feminista a la maternidade”, em entrevista ao El País em 2019. Exercer a maternidade de maneira livre, em oposição ao projeto patriarcal, é ainda um privilégio. É impressionante constatar que a mulher-mãe desempenha um papel fundamental para a sociedade, papel que grande maioria dos homens cisgênero heteronormativos negaria, mas essa mesma sociedade não lhe confere o valor que lhe cabe e ainda demoniza aquelas que abdicam da maternidade.

Bruna Alcântara está performando, mas não a boa mãe, porque embora desempregada em plena pandemia do Covid-19 – como muitas outras mulheres –, tem o privilégio cultural de denunciar a forma como somos obrigadas a exercer a maternidade. Ela está, a meu ver, performando a *hashtag* “maternidade real” em contexto de pandemia, que cooperou para mediatizar ainda mais a maternidade.

Muitas mulheres-mães aproveitaram a pandemia e o isolamento para fazer suas denúncias, anteriormente invisibilizadas. Andressa Reis, mulher-mãe preta de Nova

Iguaçu/RJ e criadora de conteúdo digital, utiliza sua conta no Instagram para quebrar a romantização da maternidade. Sem pudor, Andressa nos mostra sua casa, sua família, sua vida nada romântica, exposta como documento, arte, denúncia, reclamação, tapa na cara, chute na bunda. Andressa Reis e Bruna Alcântara performam de um modo diferente da maioria dos atores sociais do Instagram.



(Fonte: [https://www.instagram.com/p/CAX7KD1gAIf/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CAX7KD1gAIf/?utm_medium=copy_link). Último acesso em 11 de outubro de 2021)

Atualmente Andressa é devidamente remunerada pela exposição da sua performance materna e aproveita seu perfil no Instagram para postar vídeo-performances que comparem a performance materna e a performance paterna em relacionamentos heteronormativos guiados pela perspectiva patriarcal.

Como Andressa, muitas vezes, perdi o direito à privacidade. Como Bruna, muitas vezes, deixei que me silenciassem primeiro para depois recuperar a voz.

Como Bruna, Andressa e inúmeras outras mães, sou uma mulher-mãe pandêmica. Os dias se repetem incessantemente. Aí vêm o tédio, o desgaste. O dia é uma roda gigante lenta, e quando ela para de girar, bem lá em cima, eu posso ver a Lua. Amora e eu vemos a Lua juntas. Amora fará parte da Geração C: a Geração Covid. Crescerá vendo pessoas mascaradas, diferentemente de mim, que associava máscaras ao teatro grego, a festas de carnaval, a *black blocs* em manifestações. Crescerá sendo vista por seus familiares por meio de vídeo-chamadas, dificultando a meta de manter bebês afastados de telas até os dois anos de idade. Crescerá sendo superestimulada quando precisar ir à rua, uma vez que está, como eu, em isolamento social. Crescerá desinfetando as mãos. Será uma criança sem outras crianças? A pandemia irá moldar



sua vida, e eu, como mulher-mãe, não sei dizer que impactos diretos ela gerará, porque também não sei administrá-los, como tantas outras mulheres-mães ocupadas de sua própria saúde mental e do desenvolvimento de suas/seus filhas/os.



Fonte: Franco Albuquerque / Acervo Pessoal (2021)



Fonte: Franco Albuquerque / Acervo Pessoal (2021)

Se eu me tornei Deméter, Amora é a minha criança divina. Ela não foi raptada para o submundo como Perséfone, mas ela é divina. Amora é única, é meu centro. Amora me faz bonita. Amora me traz vivacidade mesmo com a privação do sono. Amora faz eu reconhecer minha força. Amora é de carne e osso, mas é uma criança divina. Amora vai ao jardim de casa, toca as flores e tenta levá-las à boca. Amora olha para cima, fixa-se no ventilador de teto a girar, dialoga com ele e dorme. Amora dá gargalhadas quando a água do chuveiro cai levemente em seu rosto. Amora conversa com sua imagem no espelho. Amora aperta meu rosto, meus seios, minhas mãos como se meu corpo fosse feito de massinha de modelar. Amora me olha profundamente nos olhos. Amora é a minha criança divina. Por isso faço, diariamente, fotografias suas. Registro porque tenho medo de esquecer. Registro porque ela é minha encantadora, e eu, sua encante. Amora, mais uma vez, não performa como encantadora.



Fonte: Mariana Rego / Acervo Pessoal (2021)

## 5. Eclipse Lunar ou Conclusão

Durante a madrugada de 16 de maio de 2022 ocorreu um eclipse lunar total. Lua, Terra e Sol estavam, exatamente nessa ordem, totalmente alinhados. A Lua era a primeira da fila, forte, cheia de uma energia radiante. A Lua ficou vermelha quando, despreendida de si, cruzou a sombra da Terra e se deixou colorir pelo Sol. A Lua se despreendeu de si porque sua autoconfiança é tamanha, que ela se permite se doar, abrir mão de sua cor temporariamente, agir na direção da/do outra/outro, e não na sua própria direção. Então ela conclui esse percurso e volta a si, resgata sua cor.

Por que está sendo, para mim, tão difícil escrever essa conclusão? Será que eu estava aguardando um eclipse lunar? Então, quando aconteceu, eu não pude mais adiar o meu processo? Mas mulheres-mães, em geral, não conseguem estar totalmente alinhadas. Do que precisamos para ser ou viver um eclipse lunar?

Por que está sendo, para mim, tão difícil escrever essa conclusão? Por que mães não concluem nada? Aliás, esse é o meu eterno programa performativo: tentar concluir tarefas e observar, em mim, as reverberações do inconcluso.

Por que está sendo, para mim, tão difícil escrever essa conclusão? Por que ao concluir eu terei um novo vazío? Eu terei, enfim, terminado de gestar essa pesquisa-narrativa-diário? Eu passarei por um novo parto? Como eu irei performar, *performanser*, *performanviver* depois de concluir essa pesquisa? Conseguirei?

Por que está sendo, para mim, tão difícil escrever essa conclusão? Por que ao finalizar esta pesquisa, as pessoas lerão a minha vida, ou uma parte dela? Por que “agora eles vão descobrir que sou uma charlatã, que na verdade não sei escrever, muito menos escrever bem.” (ANGELOU, p.68, 2019).

Foi então que chegou até mim, em uma grande sincronicidade, a manchete de jornal “Estudante da UFOP denuncia: perdi o mestrado porque virei mãe”. Ambar Soldevila Cordoba, estudante de pós-graduação em Ecologia da Universidade Federal de Ouro Preto, apressou a defesa de sua dissertação de mestrado, a qual ocorreu com 36 semanas de gestação, “já que a ela foi negado o pedido de licença maternidade em decorrência de que o filho nasceria fora do período de regência da bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)”<sup>67</sup>. Como eu,

---

<sup>67</sup> Disponível em

[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/06/01/interna\\_gerais,1370579/estudante-da-ufop-denuncia-perdi-o-mestrado-porque-virei-mae.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/06/01/interna_gerais,1370579/estudante-da-ufop-denuncia-perdi-o-mestrado-porque-virei-mae.shtml)

Ambar não foi assegurada pela lei. Após a defesa da dissertação, a bióloga pediu prorrogação de prazo para a entrega da versão definitiva da dissertação e submissão de artigo, expondo, como justificativa, as dificuldades do puerpério e as dificuldades financeiras com o término da bolsa de fomento. O colegiado do PPG encaminhou o caso ao setor jurídico da Universidade, que reencaminhou ao colegiado, que por fim julgou que uma estudante não pode ter condições diferenciadas devido a circunstâncias pessoais que interferem em seus processos de formação. Ambar entregou a versão definitiva da dissertação e submeteu seu artigo enquanto o processo estava em julgamento, mas ainda assim, o título foi negado.

Quando descobri que estava grávida, pensei “perdi o mestrado”. Concluí-lo se tornou um sonho distante. Hoje penso no que fui capaz de concluir desde que me tornei mãe: concluí minha formação profissional em arteterapia em julho de 2020 ainda grávida; estreei como produtora um espetáculo, que teve sua temporada adaptada para o ambiente virtual, em setembro de 2020 ainda grávida; participei, como revisora e como uma das autoras, do projeto do livro “Relatos de parto, retratos da vida”, lançado em 2021 pela editora Luzazul; concluí um curso de formação profissional em Doulas pela Fiocruz em fevereiro de 2022. Foram boas e significativas conclusões.

Mas ainda é difícil concluir, tão difícil que a pesquisa deu prosseguimento. Em 29 de abril de 2022, realizei outro encontro virtual com uma mulher-mãe pandêmica como eu. N. gestou e pariu durante a pandemia do Covid-19 como eu. Sua filha tem poucos meses de vida a mais que Amora. Nesse encontro, eu tive certeza: as histórias das mulheres-mães têm muitas semelhanças.

*Eu levei um tempo pra constituir, pra entender o que eu era, que na realidade sempre esteve ali, mas até então eu era uma jovem, uma adolescente.*

*[...] Quando eu acho que estava no auge da descoberta de quem eu era, eu fiquei grávida. E assim... foi aquele encantamento, né, porque, não sei se aconteceu com você, mas comigo sim, eu comprei a cartilha da maternidade que vende-se loucamente por aí.*

*(N., em nosso encontro virtual ocorrido em 29 de abril de 2022)*

Lá estava N., como eu, cumprindo os rituais maternos expostos na “cartilha da maternidade”, criada certamente por homens. Enquanto fazíamos Mandalas, N. também me contou sobre a violência obstétrica que sofrera.

*Eu já tinha tomado uma raqui<sup>68</sup> anteriormente, porque eu tinha rompido o tendão do pé, e aí [...] no dia a minha raqui não pegou, e tudo que eu falava pra ela [a médica], ela falava que não, que eu não estava sentindo dor, que eu não estava sentindo nada, porque ela fez um teste que é muito forte. Resumindo, me deram um sorinho e eu só acordei com o choro da Lelê. [...] Eu via as coisas, sabe filme do Looney Tunes, que é tudo muito colorido? Era isso que eu via. Acordei com ela chorando, mas sem muita noção do que tava acontecendo, então não sei dizer em que momento que era. [...] eu já saí do parto com aquela sensação de ‘cara, isso não foi pra mim’. Quem viveu aquele parto não fui eu. Eu tava apagada. [...] Não teve Golden hour<sup>69</sup>, nada. [...] Eu não senti que aquele bebê era meu, eu não me senti mãe daquele bebê.*

Lá estava N., como eu, como minha mãe, sendo manipulada por uma equipe médica, sofrendo violência obstétrica. Em maio de 2022, o Ministério da Saúde lançou uma nova edição da Caderneta da Gestante em que há estímulo à prática da episiotomia. Na mesma caderneta, há uma diretriz, já comprovada cientificamente como inválida, de que a amamentação previne uma nova gravidez, opondo-se ao incentivo de uso de métodos contraceptivos. Além disso, o secretário de Atenção Primária do Ministério da Saúde defendeu, no discurso de lançamento da Caderneta, a realização da manobra de Kristeller, procedimento proibido desde 2017 no documento Diretrizes Nacionais de Assistência ao Parto Normal. A Caderneta foi lançada em maio, mês das mães, para

---

<sup>68</sup> Anestesia raquidiana aplicada entre as vértebras da coluna abaixo da medula espinhal. Tem como objetivo bloquear ou diminuir a sensibilidade de uma parte específica do corpo. Tem duração média de uma a duas horas, sendo administrada, quando solicitada, apenas no final do trabalho de parto. Se a dose for muito intensa, pode atrapalhar a evolução do trabalho de parto, pois a pessoa gestante pode ter dificuldades de se movimentar, prejudicando o melhor posicionamento do bebê no canal vaginal. Há mais chances de o bebê precisar nascer com instrumentos como o vácuo extrator ou o fórceps.

<sup>69</sup> “Hora dourada” é a primeira hora de vida do bebê fora do útero, aconselhada que seja vivida nos braços da pessoa que deu à luz, com contato pele a pele e sem retirada do vernix – substância esbranquiçada e gordurosa que protege a pele do bebê. A “hora dourada” ajuda a manter o ambiente uterino, controlando a temperatura corporal do bebê e estimula a produção de leite materno, ocorrendo, geralmente, a primeira mamada. Também diminui a chance de depressão pós-parto.

homenagear as mães com discursos que naturalizam a violência física e informacional contra mulheres-mães.

N. me contava e parecia já ter contado essa história algumas vezes, parecia já estar bem resolvida com ela. Então fazia pequenas pausas para perguntar sobre o andamento de sua Mandala e voltava a contar. N. estava no quarto de sua filha, Lelê; eu estava no quarto de minha filha, Amora. Porque, concordando com N., “esse negócio de quarto do bebê, aqui em casa, não funcionou.”

*Eu moro num quintal que tem quatro casas, todos são da minha família. Mas ninguém veio aqui perguntando ‘você precisa que cozinhe? Você precisa que varra a casa?’. Não, não rolou isso. [...] E sempre tinha alguma coisa pra ele [meu marido] fazer na rua, e o que eu ouvia era ‘ah, você não pode ir porque você amamenta, a Lelê não pode ficar sem leite. Ah, tô aqui na casa do meu chefe, ele fez um churrasquinho, mas você não pode ir porque você amamenta.’. E aí os dias foram passando [...] eu falei ‘bem, eu quero voltar pra mim’. Meu esposo entrou numa de que não conseguia, não conseguia ter relação sexual, não conseguia nada, mas a todo momento que ele precisasse sair de casa, ele saía. Eu disse pra ele ‘você quer que a relação seja assim? Se precisar vai ser. Mas eu te digo uma coisa: eu não vou sentar nessa cadeira que você está me colocando, porque essa cadeira que você tá me colocando eu não quero.’ [...] eu botei ele pra fora de casa.*

Lá estava N., como eu, como D.C., com a solidão materna, com o fundo do poço chamado puerpério, com a maternidade de luta, com o machismo estrutural. Quando uma mulher livre se torna uma mulher-mãe, ela sofre um forte golpe do patriarcado: ela estabelece um vínculo com um homem – o pai – para sempre. Exceto, é claro, nos casos de maternidade solo por escolha ou por outro golpe do patriarcado, em tantos casos de homens genitores que abandonam – abortam – crianças e mulheres-mães. Mas o golpe do patriarcado é a sensação de pertencimento, a prisão ao “para sempre”, ainda que não se dê prosseguimento com o relacionamento afetivo. Esse golpe acomete até as feministas mais conscientes da luta, da guerrilha, da maternidade antipatriarcal.

E por mais que N. tenha me contado histórias de solidão, violência, abandono, dor; sua Mandala, ao contrário disso, transmitia extrema organização. Ela e sua Mandala transmitiam paz, equilíbrio. O que fez N. para se reorganizar, para tecer fios

com tanta precisão enquanto fala de si, enquanto relata histórias tão duras? Será que depois de dois anos de vida da criança, a reorganização é mais fácil?



Fonte: N. / Acervo pessoal (2022)

Mas é preciso concluir, como eu sinto que N. conseguiu concluir “esse desgaste do caramba, era choro e leite vazando”, como ela mesma disse, mas pelo qual ela teve que passar.

*Fui atravessada e atravessei também. A gente fica com marcas. Mas passei.*

Eu atravessei? Eu passei? Quem eu sou depois que me tornei mulher-mãe? Quem eu performo? O que eu performo? Da gestação ao puerpério, quais performances eu passei a viver? E depois do puerpério, e depois e depois e depois? Crise de identidade. Golpe do patriarcado. Antes de performar a mulher-mãe, eu era livre. Golpe do patriarcado. Eu passei a ficar com o peito para fora para amamentar, eu passei a não me identificar com minhas roupas ou não as poder vestir por impossibilitarem a amamentação. Qual é a minha nova identidade? Quem eu performo? E agora, no momento em que concluo esta pesquisa-narrativa-diário, ainda me pergunto: o que é performar?

As histórias das mulheres-mães, suas performances artísticas e sociais, seu *performanser* e seu *performanviver* se misturam, se repetem, se cruzam. E por isso as mulheres-mães geralmente se apoiam. Disse minha mãe “Eu já tive criança pequena, eu sei o que ela está passando.”, em um diálogo com meu pai, quando ele questionou por que eu não tinha almoçado.

As performances são distintas, mas se repetem. É importante que se repitam? Ou repeti-las é manter as mulheres-mães no esquema criado por homens? O que é ser mulher-mãe para além da sobrecarga social que a define, especifica, aprisiona? Eu terei respostas? Eu me tornei uma pessoa cansada. E eu envelheci. Golpe do patriarcado.

Mas é preciso concluir, para desapegar, para emancipar – a quem? Talvez eu só precise performar o desapego para concluir. Maternar – e pesquisar – é aprender a desapegar.



## 6. REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas** / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book Kindle.
- \_\_\_\_\_. **Notas sobre o luto** / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Fernanda Abreu. – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- \_\_\_\_\_. **O perigo de uma história única** / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Julia Romeu. – 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALICE, Tania. **Performance como revolução dos afetos** / Tania Alice. – 1º ed. – São Paulo: Annablume, 2016.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição** / Maria da Conceição de Almeida. – 2º ed. rev. e ampl. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. **Cartografar é habitar um território existencial**. In: *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* / Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (ORG.) – Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. / Elisabeth Badinter; tradução de Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida, volume 2** / Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. – 3º ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BERTHERAT, Marie. **Quando o corpo consente**. / Marie Bertherat, Thérèse Bertherat e Paule Brung; tradução Estela dos Santos Abreu. – 1º ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOGART, Anne. **A preparação do diretor: sete ensaios sobre arte e teatro** / Anne Bogart; tradução Anna Viana; revisão de tradução Fernando Santos. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres** / Jean Shinoda Bolen; tradução Maria Lydia Remédio. – São Paulo: Paulus, 1984.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. / tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, N° 19

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. – 20° ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito.** / Joseph Campbell, com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers; tradução Carlos Felipe Moisés. – São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARNEIRO, Rosamaria Giatti. **Cenas de parto e políticas do corpo: uma etnografia de práticas femininas de parto humanizado** / Rosamaria Giatti Carneiro. – Campinas, SP: [s. n.], 2011.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA – MINAS GERAIS. **Práticas acadêmicas e políticas sobre o aborto** / Organizadoras Paula Rita Bacellar Gonzaga, Letícia Gonçalves, Claudia Mayorga. – Belo Horizonte, MG: CRP04, 2019.

CORSO, Diana Lichtenstein. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** / Diana Lichtenstein Corso, Mário Corso. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

DAHLKE, Rüdiger. **Mandalas: formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina** / desenhos de Rüdiger Dahlke e Katharina von Martius; tradução Margit Martincic; com colaboração de Daniel Camarinha da Silva; revisão estilística de Erlon José Paschoal. São Paulo: Pensamento, 2007.

D'ÁVILA, Manuela. **Revolução Laura.** – 1° ed. – Rio Grande do Sul: Editora Belas-Letras, 2019. E-book Kindle.

DONATH, Orna. **Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade** / Orna Donath; tradução Marina Vargas. – 1° ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

EUGENIO, F.; FIADEIRO, J. **O encontro é uma ferida.** Excerto da conferência-performance Secalharidade de Fernanda Eugenio e João Fiadeiro. Lisboa: Culturgest, jun. 2012. Não paginado.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea.** Sala Preta, 8, 235-246. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p235-246>.

FARIA, Priscilla Menezes de. **Mulher-casa, mulher-faca.** Revista Concinnitas, v.20, n.35, setembro de 2019.

FAUR, Mirella. **As faces escuras da Grande Mãe – Como usar o poder da sombra na cura da mulher. Lua negra. Asteroides. Deusas** / Mirella Faur. 2° ed. – São Paulo: Editora Alfabeto, 2020.

- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais** / Silvia Federici; tradução Heci Regina Candiani. 1º ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.
- FIORAVANTI, Celina. **Mandalas: 32 Caminhos de Sabedoria**. / desenhos das Mandalas de Vagner Vargas. 8ª reimpressão. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix LTDA, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **A escrita de si. In: O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2009c. v. 3.
- GRAY, Miranda. **Lua vermelha. As energias criativas do ciclo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional** / Miranda Gray; tradução Larissa Lamas Pucci. – São Paulo: Editora Pensamento, 2017.
- GUTMAN, Laura. **A maternidade e o encontro com a própria sombra**. / tradução Luís Carlos Cabral, Mariana Laura Corullón. – 1º. ed. - Rio de Janeiro: Best Seller, 2016. E-book Kindle.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**. [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** / CG. Jung; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (ORG.) – Porto Alegre: Sulina, 2015.
- KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação – Episódios de racismo cotidiano** / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2019.
- LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro de Vida (Pulsações)**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.
- LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira. **Escrita acadêmica performática... Escrita f(r)iccional: Pureza e perigo**. Urdimento, Florianópolis, v.2, n.38, ago./set. 2020.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. E-book Kindle.

MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação** / Viviane Matesco. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MENA, Fernanda. **Pandemia deflagra crise do cuidado e põe em risco conquistas feministas**. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/03/pandemia-deflagra-crise-do-cuidado-e-poe-em-risco-conquistas-femininas.shtml>

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (ORG.) – Porto Alegre: Sulina, 2015.

PENNA, Lucy Coelho. **Dance e recrie o mundo** / Lucy Coelho Penna; ilustrações de Lúcia Campos Arneiro. – São Paulo: Summus, 1993.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres** / Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Côrrea]. — São Paulo: Contexto, 2007.

POLIVANOV, Beatriz; SOUZA, Ana Luiza Figueiredo. **“Ninguém fala do lado assustador de ser mãe”**: testemunho no Facebook enquanto ruptura de performances idealizadas da maternidade. In: Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Vol 21, n° 1 – janeiro/abril 2019.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade: Sujeito e escritura em processo**. / Rosane Preciosa. – 1° ed. – Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade** / Margareth Rago. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

REIS, Juliana. **Desafio NÃO aceito!** 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>. Acesso em: 07 de março de 2021.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Encantamento**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Fórum Social Mundial: manual de uso**. Disponível em [www.ces.uc.pt/bss/documentos/fsm.pdf](http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/fsm.pdf) , 2004.

SILVEIRA, Nise da. **Dionysos: um comentário psicológico**. Quaternio – Revista do Grupo de estudos C.G. Jung, n° 3, Rio de Janeiro, 1973.

\_\_\_\_\_. **Imagens do Inconsciente**. – 4° ed. Editora Alhambra, 1981

\_\_\_\_\_. **Jung: vida e obra** / Nise da Silveira – 16° ed. Ver. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

TAYLOR, Diana. **Atos de transferência.** *New York University.* Do livro O arquivo e o repertório. Traduzido por Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG. 2013.

WAIBLINGER, Angela. **A grande mãe e a criança divina: mito e arquétipo sobre o milagre da vida como desenvolvimento da alma** / Angela Waiblinger; tradução Tatiana Tuermorezow. – 2º ed. – São Paulo: Cultrix, 2017.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural** / Rodney William. – São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

### Sites:

<https://annamariamaiolino.com/>

<http://www.artnet.com/artists/rineke-dijkstra/>

<https://apublica.org/2021/05/aborto-inseguro-e-das-principais-causas-de-morte-materna-e-mulheres-negras-sofrem-mais/>

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/28/estilo/1551353871\\_772692.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/28/estilo/1551353871_772692.html)

<https://catracalivre.com.br/cidadania/como-e-a-vida-de-um-homem-trans-que-esta-gravido/>

<https://catracalivre.com.br/cidadania/pai-trans-danny-wakefield-da-a-luz-ao-seu-bebe-wilder-lea/>

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/13/conheca-a-geracao-c-a-geracao-covid>

<http://ego.globo.com/gravidez/noticia/2017/01/kelly-key-da-luz-artur-seu-terceiro-filho.html>

<https://www.elfinanciero.com.mx/opinion/patricia-martin/la-maternidad-en-el-arte/>

<https://www.helenbenigson.com/>

<https://www.iadb.org/es/millennials/home>

<http://www.iff.fiocruz.br/>

<https://www.megacurioso.com.br/polemica/100187-mae-faz-desabafo-a-artista-que-disse-que-maternidade-pode-arruinar-carreira.htm>

<http://meganwynne.net/>

<https://www.metropoles.com/brasil/homem-transgenero-da-a-luz-em-sao-paulo-momento-magico>

<https://www.m-arteyculturavisual.com/2015/03/19/arte-feminismo-y-maternidad/>

<https://www.nuriaguell.com/portfolio/afrodita/>

<https://open.spotify.com/episode/4pBsfWtUpl7hSIY7Yeknd>

<https://www.partodoprincipio.com.br>

<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/01/19/caminhando-com-tim-tim-e-a-importancia-de-proporcionar-liberdade-para-as-criancas/>

<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.211.05/60747072>

<https://themword-daw.weebly.com/>

<https://vimeo.com/420786532>

<https://www.xavierhufkens.com/artworks/tracey-emin-how-it-feels>

<https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>

<https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>

[https://www.youtube.com/watch?v=Q\\_2vtLp\\_oqs](https://www.youtube.com/watch?v=Q_2vtLp_oqs)

## 7. ANEXO

Insiro, aqui, algumas páginas do livro “Relatos de parto. Retratos da vida”, organizado por Cristine Pombo. O livro contém alguns relatos de parto de mulheres-mães pandêmicas que, assim como eu, integraram a Roda das Sementeiras. Participei do projeto como revisora, além de ter escrito o prefácio e meu relato de parto.



## *Prefácio*

Ela está agora em uma praia, seja inverno ou verão. Ela anda de biquíni pela areia expondo seu barrigão, enquanto as pessoas ao redor sorriem e comentam sobre sua beleza. Ela sorri de volta, porque sabe que está bonita, muito bonita. Ela está em um chá de fraldas organizado por familiares e amigas, recebendo carinho na barriga e muitos abraços, aquele aconchego que toda gestante precisa para se sentir forte e segura de si para o parto. Ela está em um shopping ou uma feira de gestantes comprando o enxoval e usou seu direito de ser prioridade em filas e no estacionamento. Ela está sentada em uma praça, sozinha, tomando um sorvete, um açaí, ou o que quer que seu corpo tenha desejado; está pensando sobre o futuro que virá, a vida nova, o corpo novo, a extrema doação de si e a nova mulher que precisará performar.

Essas imagens, bastante clichês sobre estar gestante, não foram vividas por grande parte de nós. Fomos sementeiras de pandemia. Estivemos tranca-



das em pequenas janelas de chamadas de vídeo, por onde expúnhamos nossa barriga – e nossa beleza – aos amigos, familiares e à nova rede de apoio que estava sendo construída.

A maioria de nós não nos conhecíamos presencialmente, não havia prévia relação de amizade. Mas nos encontrávamos aos sábados para dividir o gestar pandêmico. Cada uma em sua janela da plataforma de videoconferência. A cada sábado uma angústia: a solidão – porque gestar é um ato interior muito solitário –, a Covid-19, o isolamento social, a gravidez não planejada, a gravidez muito planejada, o marido que não arrumou a mochila da maternidade. A cada sábado um medo: de a gravidez não progredir como o esperado, da gravidez de risco, do trabalho de parto longo, da dor das contrações, das intervenções, do expulsivo, das lacerações, do que viria depois com um bebê nos braços, da amamentação. A cada sábado uma ansiedade: 41 semanas e nada; e se a bolsa não romper?; quero trocar de equipe médica; quero sair do Rio de Janeiro para parir; quero que meu segundo parto seja diferente do primeiro; quero que meu segundo parto seja tão respeitoso quanto o primeiro; não aguento mais estar grávida; meu companheiro vai saber atender às minhas necessidades?; e o puerpério? Aos sábados, juntas, dançávamos, meditávamos, nos ouvíamos, ficávamos em silêncio. Cada uma de sua janela. Foram muitos medos, angústias e ansiedades compartilhadas. E também compartilhamos felicidades, expectativas, sorrisos.

A cada sábado reforçávamos a rede de apoio que estávamos construindo na Roda das Sementeiras, facilitada pela parteira e deusa Dida Schneider, a qual se repete em muitos dos relatos aqui presentes. Este livro, então, é o resultado de algo de que toda mulher-mãe precisa: rede de apoio. Uma rede tão fundamental também para acolher intercorrências e desfechos inesperados.

Este livro reúne alguns relatos do gestar e do parir, mas sabemos que um livro jamais dará conta de tudo o que se passa dentro do corpo, da mente e do coração de quem gesta, porque nenhuma palavra é suficiente para expressar ou descrever o que nos tornamos depois de gestar e parir.

Sabemos que todo parto é um evento único, pessoal e subjetivo e cabe a

cada corpo que gesta escolher como quer viver esse evento. A mesma caracterização se dá para a escrita. Por isso, a revisão deste livro respeitou a subjetividade e a informalidade de cada relato, acreditando que assim como somos livres para parir como bem desejarmos, também somos livres para escrever como quisermos.

Desejamos a todas uma boa hora.

*Roda das Semeadoras  
Por é um coletivo de mulheres*



## Amora

por Mariana Rego

### **Carta para uma mulher-gestante:**

Amiga,

No momento em que te escrevo eu já pari, eu já fui cindida. Mas eu preciso contar-lhe sobre o antes, sobre as cisões que sofri, enquanto gestava, até entender que o parto é, sempre, da mulher.

Na 38ª semana de gestação, fui à consulta, normalmente, com o Dr. C. da L. Naquela quinta-feira realizei o exame do toque do colo do útero, e durante o procedimento senti muita dor, uma dor insuportável. Eu dizia a ele "está doendo muito, parece que você está passando uma lixa em mim." Ele dizia "mas eu não estou fazendo nada." Dr. C. da L. não me perguntou se eu desejava realizar tal procedimento, e eu também não sabia que era meu direito não o realizar. Eu me perguntava: como pode você dizer a uma pessoa que o que ela está fazendo com o seu corpo dói muito e ela não se importar? Logo em seguida, ele indagou

o que eu achava de tomar soro e me justificou a necessidade de realizar uma episiotomia. Saí da consulta frustrada, magoada, e me sentindo abusada. Eu não dormi naquela noite.

Depois dessa noite, eu fui me lembrando de inúmeras discordâncias que tivemos ao longo do pré-natal:

- Eu não trabalho com doulas, porque elas ganham mais do que eu e a gestante só precisa de doula se não fizer vínculo comigo. Eu faço vínculo com todas as minhas pacientes, elas não precisam nem do acompanhante;

- Roda de gestante muitas vezes atrapalha;

- Seu bebê está muito longe do seu estômago, tem muitas camadas de tecido e musculatura. Isso que você sente não é o bebê (Dr. C. da L. não sabia lidar com metáforas e a visualização do imaginário materno);

- Você precisa parar de ficar procurando coisa na internet sobre parto;

- Mulher tem que usar sutiã, porque ajuda a ter a mama rígida por mais tempo;

- Parto é deitada, esse negócio de parto em outras posições é coisa de gente atrasada, a medicina já evoluiu;

- Não concordo parto domiciliar, parto é em hospital. Índio que faz parto sem ser em hospital e abandona criança no rio;

- Enfermeira não sabe fazer parto, só médico;

- Trabalhei no Hospital de Acari muitos anos, chegavam umas meninas que não tinham feito pré-natal querendo que a gente salvasse a vida delas e do bebê;

- Vai fazer xixi antes da consulta para tentar enganar a balança e parecer que não engordou.

Lembrei-me de todas essas falas, grande parte delas tentava desmerecer o meu conhecimento sobre meu corpo, meu estudo sobre meu processo gestacional, além de serem misóginas e conterem preconceitos sociais e étnicos. E tinha outra coisa: ele só se referia a minha filha no masculino. Dei-me conta de que estava em um relacionamento abusivo com meu obstetra, em que ele tentava me convencer de que sabia mais de mim do que eu mesma e de que tudo o que falava era para o meu bem. Entendi que o parto seria um evento bem-sucedido para ele como médico, mas o parto é um evento meu, do meu companheiro e

de Amora, nossa filha. Eu estava decidida: não poderia realizar meu parto com ele. Se eu sofresse qualquer violência obstétrica, iria me culpar, pois ao longo de todo o pré-natal houve muitos indícios de que ele não estava disposto a me respeitar, a me ouvir.

Tomada minha decisão, busquei, enfim, uma doula, que me ouviu. E quanto mais eu falava, mais eu mesma me ouvia. Busquei uma maternidade referência do SUS em parto natural, o Hospital Maternidade Maria Amélia. Meu parto, o qual eu relato em outra carta, foi feito por três enfermeiras, sem soro, sem episiotomia, sem anestesia, na companhia de minha doula e de meu acompanhante e eu não estive deitada. Foi respeitoso. Eu fui a atriz do meu parto, não uma espectadora. Nunca mais falei com Dr. C. da L.

Eu te conto porque quando falo com você, falo comigo. Eu te conto porque sua história se mistura com a minha às vezes. Eu te conto para fazer de minha história algo multivocal. Eu te conto para que saiba e que repita comigo por todos os dias de gravidez: o parto é nosso.

Com carinho e beijos de quem não aguenta mais o isolamento social.

#### ***Carta para Amora - e para quem for filha/o:***

Eu já te sentia há tempos. Primeiro você nadava dentro de mim e eu sentia você dando cambalhotas na minha barriga. Essa menina está sarrando no meu estômago, eu dizia. Um pé para a direita, o outro para trás. Eu te vi na ultra, era um "bota a mão no joelho, dá uma agachadinha, vai mexendo gostoso balançando a bundinha", e eu te vi dançar. Eu já te sentia.

Mas foi no dia 27 de outubro de 2020 que eu comecei a realmente te sentir. Por volta das 19:30, em uma reunião virtual com a doula Luíza, disse "Amora é para amanhã, eu acho.". Coloquei compressa quente e a vida - dor - continuou. Pareciam cólicas menstruais. E eu te sentia cada vez mais perto, cada vez mais em mim e querendo estar fora de mim. Por volta das 20:20, Amora, eu entrei no que chamam de Partolândia, e nada mais passava por mim racionalmente. Fiquei em várias posições. Eu havia aprendido uma coisa com a Dida: parto é mo-

vimento. Fiz quatro apoios, deitei-me de lado, pulei, caminhei, dancei, dormi. É, Amora, eu dormi entre uma contração e outra. O corpo precisa de um descanso para suportar a próxima que virá. Eu repetia para mim mesma "Cada contração a mais é uma a menos.". Durante todo esse momento, eu te perdoei por me gerar essa dor, a dor que não é sofrimento, a dor que é onda do mar.

Decidi ir para o chuveiro e na porta do quarto um forte jato de sangue pressionou minha vagina, escorreu pelas minhas pernas, manchou o short com uma mancha que nunca mais saiu. Tive dores de barriga, dores intestinais que se confundiam com as contrações, e uma diarreia me atacou no mesmo instante em que a bolsa se rompeu. Eu senti a pressão da bolsa estourando como se algo abrisse a minha vagina. Eu estava sentada no vaso. Amora, você até que foi bem generosa.

Embaixo do chuveiro, sentada na bola suíça, eu disse ao seu pai "Pega uma roupa para mim, não dá mais para aguentar, vamos para a maternidade.". Seu pai apareceu no banheiro com 4 cabides "Qual dessas você quer?" "Qualquer uma!", gritei eu. Eu preendi o cabelo em forma de coque no topo da cabeça, coloquei um vestido largo (que seu pai faz questão de guardar na gaveta dele até hoje) e uma toalha entre as pernas "Assim que acabar a próxima contração, a gente desce a escada e vai!". Sempre imaginei que fosse chegar à maternidade maquiada, diva, como nas séries de televisão. Mas Amora, eu cheguei com um coque e uma toalha entre as pernas para segurar o sangue, o líquido amniótico e você. No carro eu sentia vontade de evacuar, e eu sabia que isso era um indício de que você estava cada vez mais perto. Eu prendia essa vontade, não liberei meu corpo. Não conseguia relaxar com as músicas, estava sentada de lado. Chegamos em 30 minutos. Pressão 13/9. "Minha pressão está alta? Eu vou ter que fazer uma cesárea? Eu não aguento mais de dor, preciso de uma anestesia.". Eu pedi anestesia, você acredita? "Não dá mais tempo. Dilatação total. O cabelo da sua neném já está para fora. Pode subir para a sala de parto."

Na sala de parto, com a luz baixa, a enfermeira disse para eu escolher uma posição. Eu não soube escolher. Veio uma forte contração e eu me abaixei, se-

gurando-me na perna de seu pai. Ela, então, me sugeriu ficar de quatro apoios. Eu sentia o que no trabalho de parto chamam de círculo de fogo, que é uma sensação de que o interior da vagina está queimando. A dor era tanta - e certamente a maior que já senti - que eu achei que não fosse conseguir, ao mesmo tempo em que pensava "agora não tem mais como desistir.". Eu duvidei de mim, Amora. Mais uma vez eu duvidei de mim. As enfermeiras diziam que faltava pouco, e eu achava que elas estavam mentindo, tentando me animar. Pedia que elas puxassem você de dentro de mim. Seu pai dizia "Você está indo muito bem, você é muito forte. Falta só mais um pouquinho!". Foi quando levei minha mão à minha vagina e te senti. Eu senti a sua cabeça, Amora. Você queria ver o mundo - até hoje você é bem curiosa. Você queria me ver. Eu queria ver você. Eu estava decidida: vai ser na próxima contração.

E foi. Meu corpo te liberou em expulsão. Você, minha filha, foi, novamente, bastante generosa me proporcionando um parto rápido, a jato. Um parto tão rápido que a doula chegou atrasada, assistiu apenas ao parto da placenta, para depois podermos carimbá-la na tela. Aceitei receber Ocitocina sintética para a saída da placenta.

Foi uma imensa dor, principalmente no círculo de fogo. Mas hoje, vejo, uma dor necessária para que eu pudesse entrar em contato com a minha sombra, para que eu entrasse no movimento de introversão que viria com o puerpério. A dor me estendeu a mão e sorriu para mim, ainda que eu não pudesse sorrir de volta.

Sabe que eu não sei se você chorou. Para mim era tudo silêncio. Seu pai conta que sim, e que parou de chorar logo que foi passada para meus braços, por baixo de minhas pernas, e senti o meu peito, o meu coração. Você não me reconheceu pela minha voz, nos primeiros instantes eu não falei. Falar o quê?

Olhos fechados, cabelos grudados na cabeça, mãos na boca, bochechas avermelhadas. Eu não sabia o que fazer, não sabia o que sentir, como te segurar, você estava escorregadia. Tive medo de te machucar. "Não puxa muito, ainda está com o cordão."

Eu estava em um novo corpo. E agora com o segundo corpo fora de mim.

Você deitada sobre o meu corpo, e nossa doula me ajudou a tirar o top para você mamar.

Na sala de parto não havia espelhos, eu não me vi diretamente. Mas sabe, Amora, naquele instante eu me senti bonita. Era uma energia de beleza que me acompanhava. Eu me senti segura de mim como nunca antes eu havia me sentido. Eu fui forte, corajosa. É o que seu pai diz "O parto dependeu unicamente de você e de mais ninguém."

Eu te vesti de vermelho, como a poça de sangue que estava embaixo do meu corpo, como o sangue que escorreu de minha vagina por duas semanas.

A enfermeira me perguntou "Você tinha um plano de parto?" Eu tinha, mas não deu tempo de mostrar, e nem precisou, pois foi tudo absolutamente como eu desejava.

Seu pai cortou o cordão, nosso vínculo simbiótico. Você respirando em cima de mim.

Tive muitas lacerações, em formato de um T. Para os lados, para trás. Levei muitos pontos e, para eles, sim, eu recebi anestesia. A enfermeira me dizia "Mari, foram muitas lacerações, mas você precisa ficar quietinha enquanto eu costuro, ou vai te machucar." Ela era muito respeitosa, me avisava cada vez que ia realizar um procedimento. Fiquei cerca de duas semanas sem conseguir andar direito, tomar banho ou fazer xixi sem dor.

No seu terceiro dia de vida, aconteceu a apojadura e meu leite empedrou. Você não deu conta de mamar todo o leite que eu produzi após um banho super quente. E, Amora, foi a minha segunda maior dor da vida. E mais uma vez você foi generosa, porque como dizem por aí, você pegou no peito. Você aprendeu a mamar. E eu aprendi a amamentar. E às vezes tenho uma mancha de leite na blusa. E às vezes um peito fica maior que o outro. E às vezes se abre uma pequena ferida. E às vezes você coloca para fora todo o leite que acabou de engolir, e eu fico com aquele fedor de azedo, aquela gosma coalhada. Mas eu confesso, eu amo amamentar. E você ama mamar.

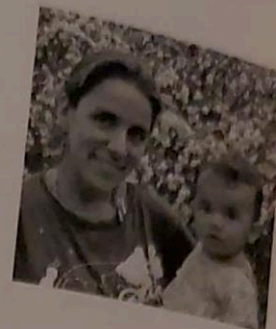
Nada disso é culpa sua, e mesmo assim te conto, te escrevo. É porque depois que pari você, eu aprendi a rugir para o que é pesado demais para se suportar sozinha.



Você, Amora, me rasgou literal e metaforicamente. Mas eu escolhi essa dor, e digo, repito, até que acredito: dor não é sofrimento. Foi, de todas as dores, a melhor.

Com amor,  
Sua mãe.

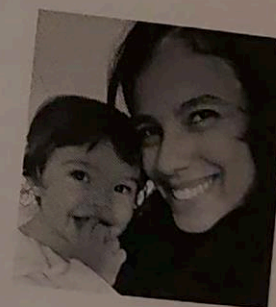
*Mariana Rego*



### *Sobre nossa organizadora:*

Cristine Pombo é psicóloga clínica reichiana, terapeuta ayurvedica, consteladora familiar e thetahealer. No momento faz os atendimentos online: acompanhamento psicoterápico, consulta ayurvedica, constelação familiar individual, e theta healing. Além disso, faz estudo do mapa astrológico védico e indicação de antídotos. Oferece oficinas em videoaulas de culinária ayurvedica e de rotina diária. Lançou o livro de receitas ayurvedicas: Cheiros de afeto. Facilitadora do grupo de estudo de livros do Joan Garriga de Constelação familiar. Mais novos projetos: organizadora do livro de relatos de parto com as mulheres da roda das sementeiras; trabalha o despertar do amor com exercícios sistêmicos e Amar agora (materiais em vídeos). Projeto mais recente: Cocriação da realidade: "eu posso ter tudo na vida!". Projetos em andamento: livros infantis e oráculo da criança.

Contato no whatsapp: 21 99376-6923 e insta: @cristinepombo



### *Sobre nossa revisora:*

Mariana Rego tornou-se mãe em fevereiro de 2020, quando se deparou com um teste de gravidez positivo nas mãos. Tão envolvida com a gestação e a maternidade, passou a pesquisar em seu mestrado performances sociais e artísticas da mulher-mãe, realizando encontros artísticos e terapêuticos com gestantes. Junto a isso, tornou-se Doula pela Fiocruz. Mariana Rego é atriz, professora de artes e de redação, arteterapeuta, doula e mãe da Amora.